



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
CURSO DE MESTRADO**

**ANA AUGUSTA RAVASCO MOREIRA MAIA**

**NINGUÉM PODE FICAR PARADO: JUVENTUDE,  
TRABALHO E PROJETOS DE VIDA**

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
CURSO DE MESTRADO**

**ANA AUGUSTA RAVASCO MOREIRA MAIA**

**NINGUÉM PODE FICAR PARADO: JUVENTUDE,  
TRABALHO E PROJETOS DE VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Mancebo

Rio de Janeiro  
Dezembro, 2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/A

M217 Maia, Ana Augusta Ravasco Moreira.  
Ninguém pode ficar parado : juventude, trabalho  
e projetos  
de vida / Ana Augusta Ravasco Moreira Maia. -  
2007.  
131 f.

Orientadora: Deise Mancebo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Juventude – séc.XXI – Teses. 2. Trabalho –  
Teses. 3. Projetos de vida - Teses. I. Mancebo,  
Deise. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDU 159.922.8

## Agradecimentos

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, obtive o apoio de diversas pessoas: professores, amigos, funcionários do PPGPS, entre outros. Agradeço a todas elas que contribuíram de várias maneiras para que este pudesse ser finalizado. No entanto, gostaria de agradecer especialmente a algumas pessoas sem as quais não seria possível a realização dessa dissertação:

À minha orientadora Profa Dra. Deise Mancebo, não apenas pela dedicação, condução do trabalho de orientação e discussões em torno do tema como também pelo apoio, incentivo e carinho no decorrer de todo o processo, por vezes árduo.

Ao Prof Dr. Jorge Coelho Soares e à Prof Dra. Célia Ferreira Novaes, por terem influenciado de maneira direta na construção deste trabalho através de ricas sugestões, considerações, críticas e reflexões.

Aos receptivos jovens participantes da pesquisa que possibilitaram que esta se concretizasse.

A André Boudon, por existir em minha vida sendo simplesmente quem é. Drummond de Andrade me ensinou que a maior profundidade está contida no mínimo gesto; no segundo de um piscar; nos hiatos, nos silêncios, nos sorrisos; na saudade que grita. Em tudo isso há o ar e o mar, na fusão dos poros e do suor: há o mundo, cabe tudo. Amar, ele disse, se aprende amando.

À Ana Paula Perissé, ser alado, por ter coragem de viver e de ser quem é, pelas inúmeras afinidades e trocas sem as quais seria impossível continuar percorrendo esse caminho. Pela amizade autêntica e inspiradora, teórica e poética, capaz de transformar tormentas em criação.

À Michelle Thieme e à Carolina Furukawa, doces companheiras da jornada para terras distantes. Pelas longas conversas noturnas e pelo constante carinho e apoio.

À Stella Arbizu, amiga suave e intensa, construtora de sentidos, por existir e pela estrela que me acompanha.

À Sônia Bahia cuja força e sabedoria trazem inspiração para trilhar o caminho escolhido.

A Rafael Gonçalves, pelas reflexões, conversas inspiradoras e enorme paciência.

Aos meus pais e a meu irmão pelas múltiplas ajudas.

Finalmente, a um amigo que por caminhos de vida se faz distante, sem o qual esse “projeto de vida” não teria tomado forma. Por acreditar, apoiar e ajudar em todos os sentidos.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo estudar e discutir as maneiras pelas quais os jovens na atualidade vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho. Com a finalidade de atingir o objetivo proposto além do levantamento de referencial teórico-bibliográfico foi realizada pesquisa de campo. O referencial teórico-bibliográfico foi desenvolvido em torno das três principais categorias que envolvem o tema e dos desdobramentos delas provenientes: cenário atual, trabalho e juventude. Nessa abordagem, tanto sujeito quanto subjetividade são compreendidos como produções culturais e sociais, modos de ser e de estar no mundo que emergem dentro de contextos históricos específicos. O trabalho é entendido como uma instância privilegiada de inserção social e, portanto, como categoria que contribui de modo central para as produções de subjetividade, possuindo fundamental papel para que os jovens possam construir projetos de vida que possibilitem o desenvolvimento de trajetórias e narrativas consistentes. Pelo caráter múltiplo e heterogêneo da juventude, foi realizado um recorte desse universo para a realização do trabalho de campo, participando deste jovens entre 21 e 26 anos pertencentes à classes médias e média alta, moradores do Rio de Janeiro que exercem função de estagiários em uma empresa nacional privada localizada no mesmo Estado. Foi utilizada metodologia qualitativa para a realização da pesquisa baseada em entrevistas individuais como instrumento de coleta de dados. A análise dos resultados seguiu pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso. Os principais resultados mostraram que os projetos de vida dos jovens carregam em si muitas características inerentes ao contexto contemporâneo e às maneiras como o trabalho se configura: as idéias de flexibilidade, mudança, aceleração, movimento constante, abertura ao novo, entre outras. São projetos de vida múltiplos caracterizados pela mutabilidade, nos quais uma das poucas certezas que os guia é a de que ninguém pode ficar parado. As trajetórias são marcadas pelo movimento e pela lógica do “cada um por si” havendo um enorme comprometimento consigo mesmo. Os projetos possuem caráter individual, não sendo a eles integrados interesses coletivos. De um modo geral, pode-se observar que os projetos se mostram como tentativas de adaptação ao complexo cenário atual que parece facilitar a emergência de modos de ser e estar cada vez mais individualizados.

Palavras-chave: Juventude, projeto de vida, trabalho.

## **Abstract**

The objective of this paper is to study and to discuss the ways that young professionals actually construct their own trajectories, narratives and projects of life considering the new configurations the work is assuming nowadays. With the purpose to achieve new conclusions about this theme, beyond the theoretical and bibliographical survey, a field reference research was done. The theoretical and bibliographical references were developed around three main categories which involve this content and all of its issues unfolded: the actual scenario, work and youth. From this point of view, the subject and subjectivity are understood as cultural and social productions, multiple ways of being in the world that emerge inside specific historical contexts. The professional life is assumed as privileged instance of social insertion and, therefore, as an important component that contributes to subjectivity productions. The professional career has a fundamental role in creations of life project of the youth as it makes possible a consistent development of trajectories and narratives. Because of the multiple and heterogeneous character of the youth, a sample of this universe in order to accomplish the field research was set up, among trainees between 21 and 26 years from middle and high social and economical classes, living in Rio de Janeiro and working in a private company located in this area. Qualitative research through individual interviews was the methodological tool that originated the analysis of the results based on the concepts of the discourse analysis. The main results show that the youth life project carry many characteristics inherent to the contemporary context and the ways the work is actually configured: ideas of flexibility, changes, acceleration, constant movement and flexibility to new realities. There are multiple life projects characterized by the movement and by the idea that nobody can be steady or in a slow motion. These young people trajectories of life are distinguished with actions, movements and an enormous commitment with themselves. The projects have individual characteristics without any integration with collective interests. In a general way, it can be observed that these projects are attempts of adaptation to the complex current scene which seem to emerge strong individual ways of being in the world.

Key-words: Youth, project of life, work.

## SUMÁRIO

Introdução .....	7
1 - Características da atualidade: <i>flashes</i> do contemporâneo.....	12
1.1 - Tudo ao mesmo tempo agora: os novos sentidos de tempo e de espaço.....	15
1.2 - Conectando-se e desconectando-se: sobre os relacionamentos atuais .....	22
1.3 - Vivendo “livre” para ser feliz e para ficar emocionado: as formas de ser e de estar no contemporâneo.....	28
2 - As mutações do mundo do trabalho .....	32
2.1 Transformações nas formas de produção e nos modos de trabalho: do sólido ao líquido.....	33
2.2 Impactos subjetivos do novo capitalismo: caráter corroído e banalização do mal e da injustiça .....	42
2.3 - Entorpecimento criativo no trabalho: a perplexidade diante da tecnologia.....	49
3 - Juventude .....	53
3.1 - Futuro e projeto de vida.....	56
3.2 - Participação social.....	63
3.3 - Juventude e trabalho.....	67
4 - Pesquisa de Campo.....	73
4.1 - Metodologia .....	73
4.2 - Coleta de dados .....	74
4.3 - Amostra .....	75
4.4 - Realização das entrevistas .....	78
4.5 - Considerações sobre a análise das entrevistas .....	80
5 - Análise e discussão das entrevistas .....	83
Referências Bibliográficas .....	124
Anexo.....	130



## **Introdução**

O tema desta dissertação relaciona-se com o papel que o trabalho possui na construção das trajetórias, narrativas e projetos de vida dos jovens na atualidade. Vivemos em um cenário caracterizado por mudanças aceleradas que vêm produzindo profundos impactos sociais, culturais e, conseqüentemente, subjetivos para os indivíduos contemporâneos. Todas essas transformações fizeram com que o processo de passagem para a vida adulta, diante desse panorama repleto de paradoxos, no qual o risco e a incerteza permeiam o imaginário coletivo, adquirisse um caráter difuso.

Em consonância com discussões atuais que sustentam a centralidade do trabalho como categoria de estruturação da subjetividade tais como propostas por Castel (1998) e Antunes (1999, 2000), o trabalho é aqui entendido como uma atividade humana primordial da qual todo indivíduo deve participar já que estar fora dele, pode representar estar à deriva do “jogo” social. Portanto, possui um importante papel na construção de narrativas individuais e identidades consistentes. Sob esse ponto de vista, o desemprego estrutural e a precarização dos empregos existentes, assim como as novas formas de trabalho flexível são fenômenos da atualidade que afetam a todos e que geram preocupação especial quando se trata da juventude, atingida em cheio por essa realidade.

A nova organização do trabalho caracterizada cada vez mais pela precariedade, flexibilização e desregulamentação, não tem gerado apenas um número cada vez maior de desempregados, como também, segundo Vasapollo (2006) tem provocado uma situação bastante complexa para os assalariados.

Além disso, a lógica do mercado, na qual vigora a idéia de que a responsabilidade pelos próprios sucessos ou fracassos é apenas dos próprios indivíduos, unida ao fato das instâncias políticas e sociais estarem cada vez menos protetoras, fazem com que os jovens, muitas vezes, tenham poucos parâmetros que os auxiliem em suas escolhas e possíveis caminhos a serem seguidos. A juventude, na atualidade, conforme apontam Castro e Corrêa (2005) passa por uma situação paradoxal: ao mesmo tempo que tem diante de si uma amplitude maior de possibilidades, não tem o que escolher.

Entende-se por projeto de vida, as formas pelas quais os jovens fazem planos e projeções com relação ao próprio futuro e a entrada na “vida adulta” – aspirações, desejos, receios e a maneira como enxergam a realidade e nela atuam – fatores que acabam por nortear as formas pelas quais constroem suas trajetórias e narrativas.

De acordo com Velho (1999), o ponto de partida para se pensar em projeto é a idéia de que os indivíduos possuem capacidade de escolha, noção que está intimamente ligada à concepção de indivíduo construída na sociedade ocidental. No entanto, os projetos, longe de serem naturais e inerentes ao sujeito individual, são elaborações e construções realizadas em função de experiências socioculturais, de vivências e de interações interpretadas.

O projeto implica assim, em algum tipo de avaliação, uma estratégia, um plano para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando, é uma conduta organizada para atingir determinados fins. Dessa maneira, o projeto individual propriamente dito constrói-se através de uma idéia mais ou menos elaborada de biografia, de uma história de vida. Conforme ressalta o autor, todo projeto é uma forma de manipular e dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura, uma tentativa de dar sentido ou coerência para e experiência muitas vezes fragmentadora que é viver nas sociedades que denomina “modernas”, as grandes metrópoles, em oposição às sociedades de pequena escala – tribais, camponesas ou até mesmo cidades menores.

Nessa perspectiva, tanto sujeito quanto subjetividade são entendidos como produções históricas na relação dialética com a realidade objetiva. A subjetividade, portanto, como afirma Gonçalves (2002), constitui-se através de mediações sociais, ela não pode ser tomada como universal ou inerte, pois, conforme aponta González Rey (2002):

A subjetividade não se caracteriza por invariantes estruturais que permitem construções universais sobre a natureza humana. A flexibilidade, versatilidade e complexidade da subjetividade permitem que o homem seja capaz de gerar permanentemente processos culturais que, bruscamente, modificam seu modo de vida, o que, por sua vez, leva à reconstituição da subjetividade [...] (GONZÁLEZ REY, 2002, p.37).

Logo, de acordo com Mancebo (2004), não é possível compreender as formações da subjetividade de maneira descolada das formações sociais nas quais estas se constituem. Cada momento histórico, cada sociedade, coloca em funcionamento algum modo de subjetivação.

Conforme aponta a autora, na modernidade ocidental, predominou a suposição de que o homem é o centro e o fundamento do mundo, criando-se como consequência, a expectativa de cultivo ao respeito por sua interioridade, através da proteção da sua privacidade. Esse sistema individualista moderno comportou diversas formas de individualização: o individualismo liberal, o racionalismo administrativo, tecnocrático e disciplinar e também o individualismo e coletivismo românticos que construíram formas de estar, sentir, pensar e

viver no mundo e assim, verdadeiros modos de subjetivação, de existência e de possibilidades de vida.

Ainda segundo Mancebo (2002), essas formas de subjetivação que vigoraram na modernidade passaram por transformações e, embora convivam simultaneamente, apresentam diferentes pesos ao longo da cultura contemporânea, não tendo perdido de todo a sua vigência até os dias de hoje. Dessa forma, o processo de constituição da subjetividade moderna foi longo e continua sofrendo modificações intensas até a atualidade. O período histórico em que vivemos, portanto, promove novas formas de subjetivação que, juntamente com as delineadas ao longo do desenvolvimento da modernidade, anunciam diferentes maneiras de ser e de estar do mundo.

Partindo-se dessas considerações, a pesquisa sobre as maneiras como os jovens produzem narrativas e projetos de vida a partir da nova configuração do trabalho que se observa na atualidade, revela-se de extrema relevância para o estudo dos processos de construção e produção da subjetividade no contemporâneo.

O interesse por pesquisar o tema foi sendo despertado ao longo da minha prática de trabalho dentro de empresas nas quais lidava diretamente com jovens que estavam ingressando no mercado. Ouvindo suas opiniões, esperanças, dúvidas, medos e angústias, principalmente durante os processos seletivos, discussões e acompanhamento com estagiários, diversos questionamentos surgiram e acabaram por culminar com a necessidade de um aprofundamento do tema. Soma-se ainda ao meu interesse pela temática, o fato de eu mesma ter vivenciado quando estagiária e também como profissional, as dificuldades do mercado de trabalho e os impactos das suas configurações atuais, com todas as ansiedades daí decorrentes.

Foram desenvolvidas na dissertação as principais categorias que envolvem o seu tema central – o cenário contemporâneo, trabalho e juventude – e os desdobramentos dela provenientes. Para tal, o referencial teórico/bibliográfico pautou-se em autores que problematizam o contexto atual e algumas das suas implicações no que se refere às mudanças sociais, aos efeitos por estas gerados nas relações humanas e na construção de subjetividades, dentre eles Bauman (1998, 1999, 2001, 2004, 2005), Lipovetsky (2004, 2007) e Sennett (2001). Assim como autores que tratam especificamente de questões relacionadas ao mundo do trabalho como Antunes (1999, 2000, 2005, 2006), Castel (1998) e Dejours (2003, 2004, 2005). Além disso, foram utilizadas pesquisas recentes sobre a juventude provenientes especialmente, dos campos da Psicologia e da Sociologia com o intuito de enriquecer a discussão sobre o assunto entre elas as realizadas por Bock e Liebesny (2003), Frigotto (2004), Guimarães (2005), Leccardi (2005) e Sallas (2003).

Dessa forma, a fim de melhor estruturar a exposição das categorias que compõem o tema, a dissertação foi dividida em cinco capítulos. Estes procuram seguir uma seqüência lógica, o “caminhar” gradativo das principais discussões da temática.

O primeiro capítulo analisa as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade ocidental e os impactos em termos sociais, culturais e, conseqüentemente, subjetivos, observados principalmente no fim do século XX e início do século XXI. Atenta-se dessa forma, para a “nova modalidade” da modernidade e suas diversas denominações. O título: “*Flashes* do contemporâneo”, não só alude ao momento atual, como simultaneamente, à forma de capturá-lo: examinando e clarificando recortes “instantâneos” de uma realidade complexa e em constante mutação. Aborda, dessa maneira, as novas formas de lidar com o tempo e com o espaço e suas implicações, as maneiras fluidas dos homens se relacionarem na atualidade e os imperativos que são colocados diante dos sujeitos contemporâneos para nela existirem: o trinômio “felicidade-liberdade-emoção”.

No segundo capítulo, são apresentadas algumas mutações do trabalho durante o século XX. Nele, são analisadas as transformações sociais e econômicas que originaram a passagem de um modo de produção caracterizado por maior “rigidez”, para modos de produção mais flexíveis, as suas características e suas implicações na estrutura social. Trata ainda das conseqüências subjetivas produzidas pelo novo trabalho flexível, pelo desemprego e pela precarização dos empregos. Além disso, examina as relações entre a possibilidade criativa do trabalhador e as tecnologias que sustentam o novo ambiente de trabalho.

O capítulo três aborda a temática da juventude contemporânea considerando sua multiplicidade. Busca caracterizar o conceito de juventude na atualidade e examina alguns comportamentos, aspirações, medos e tensões que vêm se delineando a partir das questões colocadas no contemporâneo. Aborda para tal, separadamente, três tópicos que possuem interdependência: a visão de futuro e as formas como os jovens vêm construindo seus projetos de vida diante desta; as maneiras pelas quais o jovem tem interferido na sociedade através de sua participação e, por fim, a juventude e sua relação com o trabalho – os significados que ele tem para o jovem, a sua inserção no mercado, o papel da formação acadêmica, os desejos e as dificuldades diante das perspectivas de emprego.

No quarto capítulo é feita a descrição da metodologia utilizada no trabalho de campo, as considerações sobre a escolha da abordagem metodológica, do instrumento utilizado, a definição dos sujeitos entrevistados e as maneiras pelas quais as informações obtidas em campo foram analisadas.

O quinto capítulo apresenta a análise e a discussão propriamente ditas do material obtido em campo, os resultados apresentados em forma de tópicos/temas conseguidos através da pesquisa realizada unidos ao referencial teórico desenvolvido ao longo dos capítulos anteriores.

Finalmente as considerações finais compõem-se como um fechamento do assunto discutido ao longo da dissertação a partir da mescla dos temas abordados no decorrer dos capítulos e dos resultados obtidos na pesquisa de campo. Nele procurou-se levantar algumas questões acerca do percurso traçado ao longo da realização da dissertação.

## 1 - Características da atualidade: *flashes* do contemporâneo

*Flash* remete a um disparo veloz, capaz de capturar um recorte da realidade circunscrito no tempo e no espaço. Na definição do Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2004), o substantivo significa entre outras coisas: “um clarão rápido e intenso capaz de fornecer a luz necessária para se fazer uma fotografia em um ambiente onde a luz natural não é bastante”. Também permite, portanto, aumentar a nitidez de um cenário opaco. Além disso, referindo-se ao panorama atual, Lacroix (2006) afirma que em nossos tempos “tudo é flash” (p. 112): vibrações frenéticas, emoções agitadas, imagens chocantes, colorido extravagante, informações aceleradas, movimento constante.

No início do século XX, Sigmund Freud publicou em Viena uma obra que na tradução brasileira recebeu o nome de “O mal-estar na civilização”, na qual analisava o contexto da época em que viveu. Para Freud (1997), a construção de uma sociedade tal qual a ocidental só pôde se realizar a partir da renúncia do ser humano ao instinto. Era o sentimento de culpa que permitia essa renúncia e que, ao mesmo tempo, crescia de acordo com o “progresso” da sociedade. Não é por acaso que o autor dedicou ao tema diversas páginas da obra, já que, para ele, a enorme intensificação da culpa se configurava como a questão mais importante – e até mesmo problemática – no desenvolvimento da civilização.

De acordo com Bauman (1998), apesar de Freud ter utilizado os termos “cultura” ou “civilização”, para denominar o contexto em que vivia, a obra acabaria por contar a história da modernidade, pois só a sociedade moderna teria pensado em si mesma como uma atividade de “cultura” ou de “civilização”. Era um período que, segundo Freud (1997), tinha como características o apreço pela ordem e pela segurança. Por esse motivo, conforme aponta Bauman (1998), os indivíduos abdicaram da liberdade, o que se refletiu nos grandes mal-estares que marcaram a época: regulação, supressão e renúncia forçada.

Segundo Bauman (2001), o projeto moderno representou, desde seu início, o desejo e a tentativa humanas de tornar o mundo cada vez mais previsível e, por isso, passível de controle e de administração. Para tal, era necessário destruir a ordem pré-moderna para construir uma “melhor” e mais duradoura, iniciativa que acabou deixando o campo aberto para a invasão e dominação da racionalidade instrumental e para a instituição da economia como instância de base determinante da vida social. Esta representou, como pontua Polanyi (1980), uma enorme mudança em toda a sociedade.

A sociedade sofreu, dos tempos de Freud aos atuais, inúmeras modificações. No período atual, segundo Bauman (2001), a tarefa moderna de construir uma nova ordem para substituir a antiga adquiriu sentido diferente, sendo principalmente redirecionada a um novo alvo que teve como um de seus principais efeitos a decomposição das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Por conseguinte, nos tempos presentes são esfacelados, segundo o autor:

[...] os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Portanto, para ele, o momento em que vivemos é de desregulamentação. Dessa forma, como aponta Bauman (1998), os ideais modernos de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens por um longo período não foram abandonados, mas surgem em nossa época com uma nova roupagem – eles agora devem ser perseguidos através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. Logo, é a liberdade individual que retorna à cena como o maior predicado do sujeito contemporâneo. Nossa época seria, assim, como afirma Bauman (2001), uma versão individualizada e privatizada da modernidade, na qual a responsabilidade sobre o fracasso ou sobre a vitória recai exclusivamente sobre os ombros dos próprios indivíduos.

Assim, devido às mudanças radicais no arranjo social e no convívio humano presenciadas no momento atual, para Bauman (2001), estaríamos vivendo uma nova etapa na história da modernidade, na qual as palavras “fluidez” e “liquidez” seriam as metáforas mais adequadas para capturar suas características. Por esse motivo, denominou essa nova fase da aventura moderna de “modernidade líquida”. Os líquidos carregam consigo uma impressão de leveza: são flexíveis e mudam constantemente sua forma, estão em permanente “movimento”, para apreendê-los é necessário “tirar uma foto” e datá-la, pois no momento seguinte poderão ter alterado a forma, já que não a mantêm por muito tempo. É exatamente essa a lógica que, segundo o autor, conduz todos os aspectos da vida do homem e da mulher contemporâneos.

Além disso, Lipovetsky (2004) observa que, a partir principalmente da metade do século XX, a sociedade presenciou profundas mudanças que, como sugere, estariam calcadas no consumo de massa e nos valores a ele vinculados, entre eles a cultura hedonista e psicologista. Foi um momento do gosto pelas novidades, da promoção do fútil e do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e ao bem-estar. Conforme aponta o autor, surge então, no

cenário intelectual, a partir do final da década de 1970, a noção de pós-modernidade, com o intuito de qualificar o novo estado cultural das sociedades desenvolvidas. A nomenclatura teria despontado no discurso arquitetônico sendo depois adotada para designar as outras transformações do cenário social.

Para o autor, a denominação pós-moderna tinha o mérito de salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade das formas de funcionamento social e cultural das sociedades avançadas. No entanto, também continha em si certa ambigüidade, pois, como afirma, era uma modernidade de novo gênero que tomava corpo nesta época e não uma simples superação da anterior. Conseqüentemente, o rótulo “pós-modernidade” já não apresentaria mais a capacidade de exprimir as características do mundo atual.

Dessa forma, de acordo com Lipovetsky (2004), a atualidade é um período em que vivenciamos um excesso de modernidade, alicerçado em três máximas: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo. A essa modernidade “elevada à potência superlativa” o autor denomina “hipermodernidade”: uma sociedade liberal, fanática pelo desempenho, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade. Sociedade formada pelo hipernarciso: o indivíduo *cool*, hedonista e libertário pós-moderno “amadureceu”, tomando ares de responsável, organizado, eficiente e flexível.

Assim, segundo Lipovetsky (2007), a imagem prevalente desses tempos hipermodernos seria a sociedade do desempenho, na qual todos são intimados a ser superativos e operacionais em todas as coisas, elevar ao máximo os potenciais de forma, de saúde, de sexualidade e de beleza. O ideal de superar-se e vencer invade a sociedade como um todo: é necessário ser competitivo, assumir riscos, atingir o topo.

Dos estádios à empresa, dos lazeres à escola, da beleza à alimentação, do sexo à saúde, todos os domínios são apanhados por uma lógica de concorrência e de aperfeiçoamento pelo aperfeiçoamento, todo o espaço social e mesmo mental se acha remodelado pelo princípio de exploração a todo custo dos potenciais. Nessas condições é uma nova figura metafórica que se impõe como porta-bandeira do espírito do tempo: não é nada mais que o Super-Homem [...] (LIPOVETSKY, 2007, p. 261).

O modelo de desempenho é assim convocado de uma maneira sistemática e banalizada, há um excesso de assédio pelas normas técnicas e uma corrida generalizada pela excelência.

Como afirma Lipovetsky (2004), algumas mudanças mais importantes são as que se referem ao ambiente social e à relação com o presente. A desagregação da tradição e a suposta



liberdade são vividas atualmente sob o regime da tensão e não mais da emancipação. Frente ao desenvolvimento desenfreado das tecnologias de informação, a lógica de globalização que se exerce independentemente dos indivíduos, a crescente precarização do emprego e a instituição do desemprego estrutural, o sujeito contemporâneo é corroído pela ansiedade e pelo medo com relação ao futuro incerto. Cresce a obsessão consigo mesmo, manifestada através do medo da doença e do envelhecimento e da medicalização da vida. Logo, os tempos hipermodernos são caracterizados por grandes paradoxos:

Os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. (LIPOVETSKY, 2004, p. 28)

Portanto, vivemos novos e diferentes tempos. Todas as alterações ocorridas na sociedade produziram profundas mudanças na condição humana e nas formas como o sujeito contemporâneo constrói sua narrativa. Como afirma Bauman (2001), um dos conceitos principais sobre os quais essas narrativas tendem a se desenvolver é o de tempo e de espaço.

### **1.1 - Tudo ao mesmo tempo agora: os novos sentidos de tempo e de espaço**

Tempo e espaço constituem as coordenadas fundamentais de representação dos sistemas sociais, são conceitos que, segundo Elias (1998), fazem parte dos instrumentos de orientação primordial de nossa tradição social. O tempo, como aponta o autor, foi o meio pelo qual o ser humano aprendeu a se orientar no universo.

A sucessão irreversível dos anos representa, à maneira simbólica, a seqüência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel, natural e social (ELIAS, 1998, p.10).

Essas duas categorias são, portanto, básicas para a existência humana e os modos de apreendê-las variam de acordo com o contexto cultural e social em que se vive. Bauman (2001) afirma serem conceitos essenciais, pois é a partir deles que as narrativas humanas tendem a se desenvolver. Para Harvey (1994), as concepções de tempo e de espaço e seus usos ideológicos, apreendem a história das mudanças sociais. Dessa forma, ao longo do desenvolvimento da civilização, principalmente durante o projeto moderno, diversos fatores

ocasionaram profundas alterações nas representações dessas duas categorias, que por sua vez, geraram grandes impactos em todo o arranjo social e subjetivo.

De acordo com Harvey (1994), a história do capitalismo tem se caracterizado pela constante aceleração do ritmo da vida e o concomitante aniquilamento das barreiras espaciais que acabaram por fazer com que o mundo parecesse encolher em suas dimensões. Portanto, ao longo dos tempos, estaríamos presenciando um fenômeno de “compressão tempo-espaço”:

Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos (HARVEY, 1994, p. 219).

Para o autor, essa compressão acaba por trazer profundas perturbações, capazes de provocar uma diversidade de reações sociais, culturais, políticas e subjetivas, pois, à medida que o espaço parece retrair-se e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto – o presente – os seres humanos têm que aprender a lidar com o sentido de encolhimento dos seus mundos espacial e temporal.

Segundo Bauman (2001), tempo e espaço eram, no período pré-moderno, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida. A separação das duas instâncias foi, para o autor, um dos marcos que representou a chegada e o avanço da modernidade: “a modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras” (p.131). A partir de então, os dois conceitos puderam ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação humanas.

Ainda de acordo com o autor, um dos fatores que fez com que o tempo e o espaço fossem separados do pensamento e da prática humanas foi a construção de transportes capazes de se mover mais rápido que os homens e os animais, e que, tornados cada vez mais velozes, poderiam atravessar distâncias maiores em tempos mais curtos. Dessa forma, o tempo tornara-se o aspecto dinâmico, passível de manipulação pelo engenho humano, ao contrário do espaço, resistente e inerte. O tempo, portanto, foi transformado em uma ferramenta para a conquista do espaço: possibilitaria a superação de todos os obstáculos e limites à ambição humana. O espaço representava o valor, logo o poder significava a conquista do espaço de forma que ele precisava ser mapeado, controlado e supervisionado, e, para tal, era necessário que os instrumentos fossem aprimorados. Assim, a racionalidade instrumental tornou-se o princípio operativo da civilização moderna, ela se centrava na tentativa de encontrar formas mais rápidas de realizar as tarefas, evitando o desperdício de tempo.

Essa foi, para Bauman (2001), uma época na história da modernidade na qual prevaleciam as enormes fábricas com inúmeros trabalhadores e máquinas pesadas. Um período de poderosas locomotivas e imponentes transatlânticos, obcecado pelo volume: ele representava poder e sucesso. O objetivo era agarrar-se a tudo que se pudesse manter – ter posses. A aquisição de territórios era uma das maiores urgências e necessidades dos homens modernos. Por esse motivo, o autor denominou aquele momento da história moderna como “modernidade sólida” ou “pesada”:

A modernidade pesada foi a era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizadas ou depositadas dentro da terra – volumosos, fortes e inamovíveis como os leitos de minério de ferro e de carvão. Os impérios se espalhavam, preenchendo todas as fissuras do globo: apenas outros impérios de força igual ou superior punham limites à sua expansão (BAUMAN, 2001, p. 132).

O tempo era manipulado de diferentes maneiras. Para a conquista do espaço, ele tinha que ser maleável, deveria poder ter a capacidade de devorá-lo. O espaço deveria ser possuído, conseqüentemente, era necessário controlá-lo. Para executar tal controle o tempo deveria, então, tornar-se passível de ser cortado em fatias e arranjado em seqüências inalteradas, tinha que ser rígido e inflexível, só sua rotinização manteria os lugares como um todo compacto e sujeito a uma lógica homogênea.

Como lembra Elias (1998), a função de meio de orientação exercida pelo tempo vem a juntar-se ao longo do desenvolver-se da sociedade a mais uma outra: a de instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humanas. O relógio é uma espécie de mensagem que um grupo humano dirige a cada um dos seus membros individuais, ao transmitir mensagens, exerce sua função de regulador dos comportamentos do grupo.

Mas, de acordo com Bauman (2001), o novo período líquido da modernidade anuncia uma diferente concepção de tempo e de espaço. Os transportes cada vez mais velozes, os avanços tecnológicos, que possibilitaram novas formas de comunicação e de troca de informações – especialmente a Internet e os celulares –, fizeram com que o tempo fosse aniquilado e o espaço se tornasse irrelevante. Assim, no universo do *software* e da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado em praticamente tempo algum. A quase instantaneidade na atualidade noticia a desvalorização do espaço. Este perde, dessa forma, seu valor estratégico:

Se todas as partes do espaço podem ser alcançadas a qualquer momento, não há razão para alcançar nenhuma delas num dado momento e nem tampouco

razão para se preocupar em garantir direito de acesso a qualquer uma delas (BAUMAN, 2001, p. 137).

Harvey (1994) corrobora essa noção, afirmando que nas últimas décadas do século XX assistimos a uma intensa fase de compressão tempo-espço que tem tido um impacto desorientado sobre as práticas político-econômicas, os mecanismos de poder, assim como sobre a vida social e cultural. Para o autor, a transição do modelo de produção fordista – modelo que praticamente vigorou na sociedade do século passado – para o regime de acumulação flexível, realizada por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas, trouxe diferentes significados e usos do tempo e do espaço. A aplicação dessas novas tecnologias foi a tentativa de superar a rigidez existente no modelo fordista e de aumentar o tempo de giro do capital. Essa foi, conforme aponta Antunes (2000), a resposta do capital à sua própria crise ocorrida na década de 1970 e que provocou, como consequência, a derrocada do regime fordista como modelo hegemônico.

Dessa forma, iniciou-se um processo de desintegração vertical e consequentemente de maior horizontalização da produção, assim como da inserção de novas tecnologias de controle eletrônico, que associadas a outras práticas organizacionais como o *just-in-time*, reduziram os tempos de giro da produção. Essa aceleração da produção provocou paralelamente acelerações na troca e no consumo: sistemas de comunicação e de fluxo de informações aperfeiçoados, associados com racionalizações técnicas de distribuição possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior.

Dos desenvolvimentos na arena de consumo, segundo Harvey (1994), dois destacaram-se. O primeiro se refere à mobilização da moda em mercados de massa, que forneceu um meio de acelerar o consumo não somente de vestuário, ornamento e decoração, mas também de uma ampla gama de estilos de vida e de atividades de recreação – lazer, música *pop*, videogames, aparelhos de videocassete (já trocados pelos recentes aparelhos de DVD) etc. O segundo diz respeito à passagem do consumo de bens para o consumo de serviços, não apenas comerciais, educacionais e de saúde, mas também de diversão – espetáculos e eventos – que, em geral possuem um “tempo de vida” muito menor.

Dessa maneira, a aceleração dos tempos de giro do capital acabou por influenciar as formas atuais de pensar, de sentir e de agir, acentuando a volatilidade e a efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias, valores e práticas estabelecidas. No domínio da produção de mercadorias, passou-se a enfatizar os valores e as virtudes da instantaneidade e da descartabilidade. Valores que, conforme observa Bauman

(2001), começaram a perpassar todos os outros domínios do viver humano. Como lembra Harvey (1994), a lógica do instantâneo e do descartável não significa apenas jogar fora bens produzidos, mais profundamente, significa ser capaz de se livrar de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, de modos de ser e de agir.

Segundo o autor citado, a lógica da volatilidade, torna extremamente difícil qualquer planejamento de longo prazo. Bauman (2001) acrescenta, com relação a essa noção dos dias atuais: “o ‘longo prazo’, ainda que continue a ser mencionado, por hábito, é uma concha vazia sem significado [...]” (p. 145). Portanto, o mundo atual no qual a ação humana se inscreve, parece ter se tornado mais frágil e errático, de maneira que investir em realizações de vida inteira, quando os valores se desvalorizam em curtíssimo período de tempo, pode parecer uma maneira inadequada de habitar este mundo repleto de produtos projetados para imediata obsolescência. A mentalidade de curto prazo substitui a de longo prazo, e, como as regras do jogo não param de mudar, a estratégia mais “racional” encontrada pelos homens líquidos da atualidade é a de viver um dia de cada vez. Tratar a vida diária como uma sucessão de emergências menores, tomando cuidado com compromissos duradouros, não se prendendo a nenhum lugar, nem jurando coerência ou lealdade a ninguém.

Além disso, segundo Lipovetsky (2004), o tempo acelerado e o regime presentista, podem ser percebidos pelo clima de pressão que se faz pesar sobre a vida do sujeito contemporâneo. As empresas mantêm um ritmo frenético, baseando-se no curto prazo, no agir sem demora, priorizando o urgente à custa do importante, o imediatismo à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial. O que, segundo o autor, acaba por criar uma atmosfera de dramatização, de estresse permanente que leva a um grande número de distúrbios físicos e psíquicos. Os tempos atuais se distinguiriam de outros, segundo o autor, pela generalização da ideologia da urgência. O que ocorre não apenas no trabalho, mas se concretiza nas relações do cotidiano de pessoas das mais variadas faixas etárias – a correria “contra o tempo” leva as pessoas à constante sensação de estafa. Como ressalta Lipovetsky (2004), até “[...] mesmo os aposentados e as crianças têm hoje agenda lotada” (p. 78).

De acordo com Sevchenko (2001), as aceleradas mudanças tecnológicas ocorridas a partir do fim do século XX, além de alterar as estruturas econômica, social e política, mudaram ao mesmo tempo a condição de vida das pessoas e as rotinas do cotidiano, principalmente nas grandes metrópoles. Dessa maneira, as pessoas acabaram por ter que se adaptar ao ritmo e à aceleração dos sistemas, das máquinas e da tecnologia.

Numa metrópole tudo se insere em sistemas de controle, até o passo com que as pessoas se movem nas ruas, depende da intensidade do fluxo de pedestres e do trânsito de veículos, de forma que se alguém for mais lento do que seus circunstantes, ou será chutado, acotovelado e pisado, ou, se não atravessar a via expressa num rabo de foguete, terminará debaixo de algum veículo desembestado (SEVCENKO, 2001, p. 62).

Assim, para o autor, o viver em nossos tempos seria análogo ao *loop* da montanha-russa. A montanha-russa criada no início do século XX teria atingido agora um ponto extremo, de maneira que entramos no século XXI como quem entra para a vertigem do *loop*. Esse ritmo acelerado da vida cotidiana deformaria não só os corpos e comportamentos das pessoas sujeitas a movimentos incontroláveis e a impulsos neuróticos, como o modo pelo qual as relações sociais, os afetos e a vida emocional passam a ser condicionados por uma lógica que extrapola as fragilidades e a sensibilidade que constituem nossos próprios limites enquanto seres humanos.

As novas relações com o tempo e com o espaço trouxeram à tona, conforme sugere Bauman (1999), um novo modo de ser e de estar no mundo. Segundo o autor, atualmente todos estamos, querendo ou não, em movimento – os homens e as mulheres seriam todos nômades literais ou metafóricos. O nomadismo não diz respeito apenas ao movimento físico do corpo, refere-se ao fato da impossibilidade de se ficar “parado” em um mundo tal qual o atual, no qual os pontos de referência são voláteis e cambiantes, desaparecendo de nossa vista antes que consigamos entendê-los e tomá-los como base para nosso comportamento. Apesar de todo o processo histórico em si conter a noção de mudança, o que o autor ressalta é a rapidez e aceleração com que estas acontecem no contemporâneo.

Toffler (1973), na década de 1970 já observava o ritmo cada vez mais acelerado das transformações que vinham ocorrendo na sociedade. Para o autor, essa aceleração como força social teria como contrapartida subjetiva a noção de transição. A transitoriedade significa que os relacionamentos acabam por serem reduzidos em sua duração e aumentados em sua rotatividade, fazendo com que as relações com lugares, pessoas, objetos, idéias e organizações se esgotem mais rapidamente. Dessa maneira, pode-se considerar que a noção de nomadismo, ressaltada por Bauman (1999), liga-se a essa idéia de transitoriedade enquanto vivência subjetiva contemporânea.

A compressão tempo-espaco também é acompanhada por novas formas de exercício do poder: a velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade transformou-se na principal forma de dominação. O poder tornou-se extraterritorial, pode se mover livremente com altíssima velocidade. Segundo Bauman (2001), o telefone celular foi o

golpe de misericórdia simbólico na dependência em relação ao espaço: não importa mais onde está quem dá a ordem, a diferença entre o próximo e o distante está a ponto de desaparecer. Dessa forma, o autor afirma serem as principais técnicas de poder atual as táticas e os instrumentos da fuga e da evitação.

A mobilidade e a liberdade de escolha para com ela lidar tornaram-se, de acordo com Bauman (1998), fator de estratificação social. Estaríamos divididos metaforicamente entre turistas e vagabundos. Os turistas representam os bem-sucedidos que se encontram à vontade dentro da lógica de mobilidade atual, escolhem se mover, pois para eles todas as possibilidades que o mundo oferece são irresistíveis. Os vagabundos são os que se movem involuntariamente, por mais que desejem, não podem permanecer muito tempo em nenhum lugar, pois não são bem-vindos, movem-se em um mundo inóspito. Logo, são os grandes e os poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide lutam de forma desesperada para fazer com que suas frágeis posses durem mais tempo. Sendo assim, a capacidade de encurtar a durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias, representaria hoje sinônimo de privilégio. Por outro lado, manter as coisas por um longo tempo significaria sintoma de privação.

Diante das atuais maneiras de lidar com o tempo, Lipovetsky (2004) apresenta uma outra perspectiva das novas formas de desigualdade social. Em sua abordagem, de um lado, encontraríamos na sociedade os que nunca possuem tempo suficiente, o indivíduo hiperativo e empreendedor que desfruta da velocidade e da intensidade do tempo. De outro, os que, por estarem à margem da sociedade (não terem emprego etc.), têm tempo sobrando, os ociosos, aqueles que são esmagados à revelia por ele. O sujeito bem-sucedido no contemporâneo teria uma rotina que se assemelharia à fábula de Santos (1986):

Ao acordá-lo, o rádio relógio dispara informações sobre o tempo e o trânsito. [...] No seu micro Apple II, sua agenda indica: REUNIÃO AGÊNCIA 10 H/TÊNIS CLUBE 12 H/ ALMOÇO/ TROCAR CARTÃO MAGNÉTICO DO BANCO/ TRABALHAR 15 H/ PSICOTERAPIA 18 H/ SHOPPING / OPÇÕES: INDIANA JONES – BLADE RUNNER VIDEOCASSETTE ROSE, SE LIGAR/ SE NÃO LIGAR, OPÇÕES: LER O NOME DA ROSA (ECO) – DALLAS NA TV – DORMIR COM SONÍFEROS VITAMINADOS (SANTOS, 1986, p.8).

Dessa maneira, as novas formas de se representar o tempo e o espaço, vêm provocando diversos impactos para as relações sociais e, conseqüentemente, para a produção de subjetividades. Esses impactos são muitas vezes paradoxais, já que a contradição é, como lembra Lipovetsky (2004), a marca de nossos tempos. O indivíduo cada vez mais agitado e

móvel, inserido na lógica da urgência, sofre com o desgaste físico e psíquico e está prestes a sucumbir ao que o autor denomina “pane subjetiva”.

Além disso, a lógica do descartável juntamente com a ênfase no curto prazo, desconjuntam as noções de tempo linear no qual passado, presente e futuro formam um todo coerente que dá sustentação para a construção de narrativas individuais sustentáveis. Simultaneamente, os indivíduos modernos, devido às novas tecnologias, estão cada vez mais conectados, mas, ao mesmo tempo, mais distantes uns dos outros. Portanto, as novas formas de lidar com o tempo e com o espaço acabam por gerar a construção de laços humanos cada vez mais frágeis.

## **1.2 - Conectando-se e desconectando-se: sobre os relacionamentos atuais**

As noções contemporâneas de tempo e de espaço e suas conseqüências sociais e subjetivas, juntamente com a precarização promovida pelas políticas atuais, conforme sugere Bauman (2001), convergem para o mesmo lado: o enfraquecimento e a decomposição dos vínculos humanos. A debilidade das relações sociais na atualidade pode ser observada tanto no âmbito do espaço público quanto na esfera privada e na íntima. Assim, são as relações de trabalho, de amizade, familiares e amorosas, e, portanto, os próprios laços de sociabilidade que sofrem profundas alterações nos dias atuais.

Segundo Bauman (2001), a vida urbana requer uma série de habilidades denominadas civilidade. Esta é a atividade que permite que as pessoas permaneçam juntas sem que haja prejuízos para nenhuma delas. O meio urbano pode, conforme ressalta o autor, ser pensado, nesse sentido, como civil. Isso significa a existência de espaços em que as pessoas possam compartilhar entre si como pessoas públicas, sem que necessitem confessar sentimentos íntimos, exibir seus sonhos e suas angústias. Também significa uma cidade que se apresenta como um bem comum não podendo, portanto, ser reduzida ao conjunto de propósitos e iniciativas individuais. De tal forma, estar em um espaço público é mais um ato de engajamento e de participação e menos uma postura descompromissada.

Nas cidades contemporâneas há vários lugares aos quais cabe a denominação de espaços públicos, no entanto, nenhum deles se aproximaria dessa noção de espaço civil, já que neles a capacidade de lidar com a alteridade, fundamental para o exercício da civilidade, é deixada de lado. Os lugares da cidade se encaixariam de uma forma geral, segundo Bauman



(2001), em duas categorias principais. Em cada uma delas, estratégias diferentes para lidar com a alteridade seriam utilizadas. A primeira representada por lugares inóspitos, pouco convidativos: são lugares para passagem rápida nos quais ninguém deve permanecer. A segunda se referiria aos lugares destinados a servir aos consumidores, encorajadores da ação de consumir: nessa categoria, quando há encontros eles devem ser breves e superficiais e, dessa forma, não privilegiam a interação social e sim a ação individual.

Baseando-se nas estratégias que os seres humanos ao longo da história utilizaram para lidar com a alteridade, citadas pelo antropólogo Lévi-Strauss, Bauman (2001) denomina as duas categorias respectivamente como lugares “êmicos” e lugares “fágicos”. A estratégia dos primeiros é manter a diferença longe, “vomita-la”, impedir o contato físico, o diálogo, a interação. Possui como variantes extremas o encarceramento, a deportação e o assassinato e como formas mais sutis, a separação espacial, os guetos urbanos e o acesso seletivo aos espaços. O objetivo é exilar e aniquilar aqueles que são vistos como diferentes. Já o segundo tipo de lugar mantém como estratégia fundamental “devorar” a diferença de forma a torná-la igual. Na história humana, essa estratégia assumiu várias formas: cruzadas culturais, guerras contra costumes locais etc. Assim, se pretende com ela, manter os estranhos próximos, mas aniquilar sua alteridade – tornando indistinguíveis as diferenças, as culturas, as idiosincrasias. No mundo contemporâneo, o *shopping center* é o ícone desse tipo de lugar. Nele, todos parecem “iguais”, é um tipo de espaço que oferece o que nenhuma realidade externa pode fornecer: o equilíbrio quase perfeito entre a liberdade e a segurança. Dessa forma, os *shopping centers* assim como os condomínios fechados são, segundo Ortega (2003), “meras próteses que prolongam a segurança do lar”. (p. 31).

Como pontua Bauman (2001), esses lugares permitem que lavemos as nossas mãos de qualquer intercâmbio com pessoas diferentes a nossa volta, que evitemos, portanto, a comunicação, a negociação e as concessões percebidas como desgastantes e enervantes. No entanto, a capacidade para conviver com a diferença requer esforço e exercício. Mas, por estarem os espaços públicos cada vez mais ocupados pelos tipos de lugares citados, as ocasiões para o aprendizado do convívio com a diferença e, principalmente, do exercício de civilidade estão, na sociedade atual, cada vez mais escassas. Assim, quanto mais difícil for a relação com a diferença, mais ameaçadora ela se torna e maior é a ansiedade por ela gerada. Assiste-se, dessa maneira, a perda da capacidade de lidar com a alteridade, a falta de interesse em se buscar interesses comuns e o desuso da arte de negociar um destino compartilhado.

Paradoxalmente, o sujeito contemporâneo encontra-se, segundo Bauman (2004), desesperado por “relacionar-se”. Essa nova forma de estabelecer relações que traz furor aos

homens e mulheres atuais possui como premissa não estar permanentemente ligado, não estabelecer laços muito fortes, já que tal condição poderia trazer encargos e tensões que eles não têm disposição para suportar. Podem enfim, como consequência mais preocupante dentro dessa lógica, limitar a liberdade que necessitam para continuar se relacionando. De acordo com o autor, no mundo atual que privilegia a mentalidade de curto prazo, o que homens e mulheres aprendem é que o compromisso de longo prazo é a armadilha principal a ser evitada no esforço de “relacionar-se”. O lema a ser seguido deve ser o de deixar as portas sempre abertas, não assumir nem exigir compromissos. Portanto, esse “relacionar-se” está mais voltado para um “conectar-se”, manter contatos, que são chamados, conforme aponta o autor, de “redes” de relacionamento.

Além disso, conforme, sugere Bauman (2001), a precarização das condições econômicas e sociais, assim como a grande competitividade presente nos dias atuais acabam por treinar os indivíduos “a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização [...]” (p.186). Entre esses objetos, estão incluídos os próprios seres humanos. Os laços sociais passam, assim, a fazer parte da lógica de consumo: deixam de ser vistos como produtos que devem ser construídos e “trabalhados” e passam a estar sujeitos aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo disponíveis no mercado.

A razão de se trabalhar para que as relações funcionem, não faz mais sentido. A parceria segue, portanto, de acordo com Bauman (2004), o padrão do *shopping center*, ela deve ser consumida instantaneamente, usada só uma vez e trocada por outra capaz de gerar maior satisfação ou de fornecer maiores ganhos, como os computadores e celulares que ainda em bom estado são considerados como lixo no instante em que surgem nas lojas novas e aperfeiçoadas versões.

Hoje, as relações que mantemos com as coisas – e também com as pessoas – conferem marca ao tempo em que vivemos: relações fugazes, flexíveis, dinâmicas e descartáveis. Diante dessa realidade a economia de permanência foi substituída pela economia da descartabilidade, onde é mais vantajoso substituir do que consertar, onde o novo torna-se velho num curto espaço de tempo (RIBES PEREIRA et al., 2000, p.99).

A ótica consumista nas relações sociais favorece, assim, a novidade e a variedade. Nesse contexto, é a rotatividade e não o volume que mede o sucesso na vida social dos homens e mulheres atuais. Uma “relação-mercadoria” usada repetidamente impede a busca por variedade, a cada uso a aparência de novidade vai se extinguindo e se apagando. Dessa

maneira, aqueles que não podem consumir bens que contêm a promessa de fornecer sensações novas e inéditas são os considerados fracassados.

Como afirma Sevcenko (2001) é o quadro de valores da sociedade que se altera quando as pessoas começam a se comportar a partir dos fluxos e do compasso acelerado das tecnologias. A impessoalidade dos centros urbanos e o ritmo frenético da vida levam a construção de formas mais práticas e rápidas para identificar, reconhecer e conhecer as pessoas. Dessa maneira, a comunicação entre elas passa a se basear prioritariamente a partir dos símbolos exteriores: maneiras de vestir, modos de falar, tom de voz, jeito de se comportar e objetos simbólicos exibidos.

O conhecimento entre as pessoas, e as formas com que elas se comunicam deixa de se concentrar nas qualidades humanas interiores e passa a se voltar para a qualidade das mercadorias ostentadas, não só no capital investido em vestuário e adereços, como também nos recursos empregados no desenvolvimento e modelagem do corpo, na educação e no aperfeiçoamento de suas habilidades de expressão.

Assim, como aponta Sevcenko (2001), a aceleração do ritmo do cotidiano e a invasão dos implementos tecnológicos, fazem com que haja uma ampliação do papel da visão como fonte de orientação e interpretação rápida dos fluxos das máquinas e também dos seres humanos, alterando profundamente a sensibilidade e a forma de percepção dos habitantes das grandes cidades. O olhar é supervalorizado e passa a se concentrar na capacidade de captar o movimento, ao invés de se concentrar sobre objetos e contextos estáticos. Conseqüentemente a imagem ganha relevo e assume um papel fundamental na sociedade.

A primazia do olhar e da imagem, não incide apenas na difusão e no refinamento das mais variadas técnicas de publicidade, como pontuado pelo autor acima citado, mas também, altera as formas pelas quais as pessoas se relacionam, passando a priorizar a imagem não apenas como mecanismo fundamental de reconhecimento social, mas também, e principalmente, ligando a ela uma série de significações quase instantâneas que serão utilizadas como base para o relacionar-se.

Para Bauman (2004), as novas tecnologias, principalmente a Internet e os telefones celulares, fazem com que surjam novas formas de relacionamentos que seriam sob medida para o cenário líquido contemporâneo, no qual o que conta é a constante mobilidade. As relações “virtuais” ganham espaço, pois permitem que as possibilidades surjam e desapareçam em uma velocidade crescente e em volume cada vez maior. O aproximar-se e afastar-se, permitido pelos novos meios de comunicação, torna possível seguir o impulso atual por liberdade e a ânsia por pertencimento. O ideal da conectividade luta dessa maneira para

apreender a difícil dialética desses dois elementos inconciliáveis, permitindo um navegar seguro entre os mares da solidão e do compromisso.

Nos *chats*, assim como em todos os *softwares* atuais que possibilitam as conversas através da Internet, pode-se encontrar, em qualquer momento, “colegas” para conversar. Eles vêm e vão, ficando sempre alguns para preencherem o silêncio das mensagens. Portanto, o que importa nessa lógica de relacionamento e de conversação não é exatamente o conteúdo das mensagens e sim o quanto elas circulam:

Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas, para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa (BAUMAN, 2004, p.52).

Há nessas conversas, como aponta o autor citado, uma obsessão por confissões. No entanto, elas não se referem à necessidade de expor publicamente os dramas íntimos nem as profundezas da alma para submetê-los à aprovação do outro. Nelas, a introspecção é substituída por uma interação frenética e fútil na qual nossos segredos mais profundos são revelados juntamente com nossas listas de compras.

Portanto, o que conta é estar conectado, sintonizado, trocando incessantemente mensagens. É isso que na atualidade significa pertencer. Interromper o fluxo da troca de mensagens é o mesmo que estar fora: o silêncio é, na atual lógica das relações líquidas e virtuais, equivalente à exclusão.

Os celulares permitem, conforme afirma Bauman (2004), manter-se em contato mesmo quando se está fisicamente em movimento. São dessa maneira, ferramentas imprescindíveis para o móvel sujeito contemporâneo. Eles assinalam, material e simbolicamente, a quase total libertação em relação ao lugar. Munidos deles, nunca se está fora ou se está longe. Permitem, ao mesmo tempo, desconectar-se dos lugares e das pessoas – é um instrumento que possibilita a esquiva social e a evitação do olho no olho, mais profundamente, pode transformar os olhos em paredes em branco, opacas. Mas, conforme afirma o autor: “[...] uma parede em branco não pode sofrer danos por encarar a outra. Com tempo suficiente, os celulares treinariam os olhos a olhar sem ver” (BAUMAN, 2004, p.80).

Dessa forma, segundo ele, a rede eletrônica e os seus implementos de entrada e de saída tornaram-se meios disseminados e avidamente utilizados nas interações humanas não tanto por permitirem sem maiores dificuldades ou complicações, “conectar-se”, mas, principalmente por tornarem cada vez mais fácil e rápida a possibilidade de cortar a conexão. Além disso, a lógica virtual parece, para o sujeito atual, mais fácil de entender, compreender e

manusear quando comparada com a coisa lenta, confusa e pesada das relações cara a cara. A fala retirada de uma dinâmica de grupo com jovens entre 18 e 21 anos, publicada no ano de 2005 em pesquisa promovida pela MTV e realizada pela Datafolha em conjunto com a Wilma Rocca & Associados sobre o universo jovem, retrata a sedução exercida pelas novas tecnologias utilizadas nos relacionamentos atuais, principalmente essa capacidade de conectar-se, mas, ao mesmo tempo, manter-se desconectado:

Eu vejo assim: às vezes você quer falar com a pessoa, mas não falar, entende? Não quer que a pessoa responda nada, nem você sabe o que vai falar depois se ela responder, sei lá... Então por isso que é muito bom você ter o torpedo, ou MSN, porque você pode matar aquela vontade de falar sem ter que conversar, sem ter que ficar na frente da pessoa. [...] (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3, 2005, p. 26-27)

Dessa forma, como sugere Bauman (2004), o advento da “proximidade” virtual vem tornando as conexões humanas cada vez mais freqüentes e mais banais, mais intensas e mais breves. Ela mantém os homens e as mulheres contemporâneos protegidos das possibilidades de extrapolar e de engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, por outro lado, menos tempo ainda para serem rompidos.

Assim, no contemporâneo, os indivíduos têm se relacionado muito, mas cada vez estão mais desligados uns dos outros. As lógicas de consumo, de mobilidade e da virtualidade características do cenário atual, “treinam” homens e mulheres para relações descartáveis, efêmeras e instantâneas, voltadas para a satisfação imediata do desejo individual. Além disso, as novas tecnologias trazem diferentes regras de “convívio” virtual, que são aprendidas e estendidas para todo o jogo social. Portanto, cada vez menos oportunidades são fornecidas para a aquisição e para o exercício de habilidades que as relações, cara a cara, exigem - sejam elas com “estranhos” ou não. Paulatinamente vai-se perdendo a capacidade para lidar com a alteridade e a vontade de buscar interesses comuns, de construir projetos coletivos e, em última análise, de dialogar.

Observa-se, dessa maneira, um esfacelamento das habilidades de sociabilidade que, para Bauman (2004), representa o sucesso da economia de mercado. Diante do cenário atual, estar em contato pode parecer uma estratégia mais eficaz e menos custosa, quando se comparado a estar engajado. No entanto, é também menos produtiva para a construção e manutenção de vínculos consistentes.

### 1.3 - Vivendo “livre” para ser feliz e para ficar emocionado: as formas de ser e de estar no contemporâneo

Freud (1997), já no início do século XX, revelava que o que chamamos de felicidade não era nada além de um fenômeno episódico, resultado da satisfação momentânea de necessidades. A felicidade perpétua seria impossível de ser alcançada, pois, para viver em sociedade – principalmente na que se configurava no ocidente na sua época – era necessário renunciar a uma série de desejos individuais. Portanto, a felicidade constante seria não mais que uma quimera.

A sociedade ocidental apresentou, ao longo de sua história, como revela Bruckner (2002), diferentes formas de se relacionar com a noção de felicidade. Esta representou para os indivíduos, desde um ideal que só poderia ser alcançado após a morte, até um bem que deveria ser buscado na própria vida terrena. Com o advento do Iluminismo, foi transformada em um direito endereçado a toda a humanidade. No entanto, como observa o autor, a felicidade, tornou-se a partir da segunda metade do século XX, um dever. Por dever de felicidade, ele entende a ideologia que a transforma em dogma, intima à euforia e atira na desonra ou no mal-estar os que não aderem a ela ou não conseguem atingi-la. A história da felicidade pode assim se resumir, à maneira pela qual cada época, cada sociedade, esboçou sua visão do desejável e arbitrou o que é prazeroso e o que é intolerável.

O fanatismo atual pela técnica e pelo desempenho observado por Lipovetsky (2004) unido à obrigação moral de conseguir a felicidade a qualquer custo, faz com que surjam, cada vez mais meios para alcançá-la que, conforme aponta Bruckner (2002), são transformados em diversas modalidades de produtos e serviços disponíveis no mercado: remédios, drogas estimulantes, livros, aconselhamentos, pacotes de viagens dentre outros.

Nas livrarias podem ser encontrados volumes cada vez maiores de literatura de auto-ajuda, com o objetivo de fornecer maneiras de se alcançar a felicidade. Não é nada estranho, portanto que ao pesquisar obras com essa temática possa-se chegar a um número bastante elevado <sup>1</sup>, já que como aponta Lipovetsky (2004), nos tempos atuais, são apenas as leituras que respondem a preocupações pessoais e propõem receitas para atingir a felicidade as capazes de fazer sucesso. Esses livros, portanto, prometem fornecer fórmulas, segredos e receitas para atingir a felicidade em todos os setores da vida. Mostram como buscar, construir, administrar, otimizar, “carregar no bolso” e apreender em poucos minutos, essa nova obrigação

---

<sup>1</sup> Em pesquisa feita através do *site* da livraria Saraiva, foram registrados 174 livros de auto-ajuda sobre a temática. Pesquisa realizada em 05/02/2007.

hipermoderna. As “ferramentas para ser feliz” ensinam aos homens e mulheres instrumentos, guias e princípios para atingir o desempenho máximo em termos de felicidade nos relacionamentos, na criação dos filhos e no trabalho, treinando-os para o seu exercício desde o momento em que acordam.

Assim, no capitalismo voltado para o consumo, de acordo com Bruckner (2002), a felicidade torna-se mais um dos objetos para serem consumidos. Como assinala Harvey (2004), nesse mundo competitivo, a imagem é uma poderosa mercadoria, os indivíduos no mercado de trabalho e no “mercado da vida”, buscam adquirir uma imagem que acaba por se tornar um elemento singularmente importante na sua auto-apresentação, passando a ser parte integrante da busca individual, auto-realização e significado da existência. Essa imagem é adquirida por meio do consumo de um sistema de signos embutidos nos produtos e serviços à disposição no mercado que estão geralmente relacionados com certos estilos de vida:

[...] o consumo não é compreendido apenas como consumo de valores de uso, mas principalmente como consumo de signos. [...] A aparência física ficaria associada a uma dimensão social simbólica, semelhante a um código, onde as práticas e bens, denotam um estilo de vida num determinado tempo e espaço social. [...] O que se consome, os objetos que se tem ou se usa, definem o consumidor, traçando seu perfil (SOUZA LEHMAN, 1998, p.30).

Ter um “estilo de vida feliz” representa consumir todos os signos oferecidos no mercado – posturas, produtos, serviços etc. – nos quais estão embutidos este significado. Portanto, como sugere Bruckner (2002), o esforço atual não deve ser apenas provocar a si mesmo felicidade, mas também exibi-la para todos verem: ela é sinônimo de *status*.

A liberdade enquanto premissa de vida para o sujeito contemporâneo traz, por sua vez, diversas contradições à condição humana. Na opinião de Bauman (1998), o sujeito atual trocou uma cota das possibilidades de segurança por outra de liberdade. A alternativa escolhida, de acordo com o autor, foi uma tentativa de se buscar a felicidade. No entanto, o caminho adotado, acabou levando à desregulamentação e privatização cada vez maior da vida, fazendo com que os próprios indivíduos tivessem que carregar sozinhos a responsabilidade e o peso pelos seus fracassos e sucessos. Como lembra o autor, os ganhos de um lado, acabam representado perdas de outro, portanto o indivíduo atual ganhou a liberdade, mas esta muitas vezes se assemelha, a uma espécie de condenação. Dessa maneira, em suas próprias palavras:

A voz da responsabilidade é o grito recém-nascido do indivíduo humano. Não necessariamente, porém, sinal de uma vida feliz [...]. A aceitação da responsabilidade não aparece facilmente – não exatamente porque ela leva aos

suplícios da escolha (que sempre impõe a privação de alguma coisa, assim como o ganho de outra), mas também porque ela anuncia a permanente ansiedade de estar – quem sabe? – errando (BAUMAN, 1998, p. 249).

Assim, o homem ou a mulher que assume a responsabilidade com as próprias mãos, vive o pesadelo e a angústia de ter tanto “poder”. A liberdade também contém em si uma espécie de controle. Bruckner (2002), ainda mais profundamente, revela o paradoxo da liberdade contemporânea, afirmando que a emancipação do indivíduo ocidental o levou a outro tipo de sentença que muitas vezes restringe, inclusive, as próprias escolhas:

Desde então ‘livre’, não tem mais escolha, [...] ele está ‘condenado’ de alguma maneira a ser feliz, ou para dizer de outra maneira, só pode culpar a si mesmo se não conseguir (BRUCKNER, 2002, p. 52).

A idéia contemporânea de que todos somos donos de nosso próprio destino, uniu a liberdade e a felicidade, colocando a primeira a serviço da segunda, fazendo com que a felicidade se tornasse a apoteose do projeto emancipatório. Agora cada um deve a si mesmo a felicidade, noção que acaba por pesar como um enorme fardo, pois quando tudo depende da decisão do indivíduo, o único culpado será ele mesmo.

Deste modo, segundo Bruckner (2002), ser feliz é uma questão de esforço e de empenho, assim como da capacidade para consumir tudo que está à disposição no mercado como promessa de felicidade. Dessa forma, para alcançá-la é necessário pagar um preço, na maioria das vezes, alto. Portanto, no mundo fanático pelo desempenho, conforme observado por Lipovetsky (2004), é necessário ânimo, força e energia para investir na hiperativa tarefa de encontrar a felicidade. Ao mesmo tempo, esse excesso de atividades já é considerado como fator de sucesso e, portanto, de felicidade. Corroborando a noção, Bruckner (2002) sugere que a própria estafa é alardeada como índice de superioridade.

A felicidade é, dessa forma, mensurada a partir do desempenho individual em cada atividade diária. Duas instâncias são, na visão do autor, as maiores preocupações em termos de felicidade dos sujeitos contemporâneos: a saúde e a sexualidade. A obsessão com a saúde leva-os a privar-se de qualquer coisa que possa afetá-la. De maneira que, por medo do envelhecimento e da morte acabam, como sugere, a viver a vida como uma espécie de zumbis ou de doentes terminais. Conforme aponta Lipovetsky (2004), diante dos atuais medos e ansiedades, o receio acaba por se impor ao prazer e à satisfação e a angústia à libertação. Com relação à sexualidade, o que conta é a *performance*, ela é o termômetro pelo qual se mede a felicidade no relacionamento amoroso.

Unido a isso, conforme aponta Lacroix (2006), a emoção passa a ser vista, ao contrário de outros momentos históricos, como uma riqueza, que deve ser vivida, exposta e alardeada.



As emoções que passam a ser cultuadas nos tempos atuais são as “emoções-choque” – orientadas para a ação, baseiam-se no medo, na surpresa e na cólera, são emoções que permanecem na superfície da personalidade. Representam uma agitação constante, frenética, excitante, dessa forma, nada profunda. São experiências vazias que se inscrevem no instante, são rápidas e variadas, não ficam gravadas na memória como experiências prazerosas.

As “emoções-choque”, como observa o autor, seguem a característica atual da exaltação da técnica e a lógica do consumo: para “senti-las” o sujeito necessita de um plano, de instrumentos e de estratégias – *videogames*, *raves*, músicas eletrônicas, filmes de ação, estimulantes etc. Assim, o indivíduo inseguro do contemporâneo, requer o estresse e a agitação constantes para se afirmar: “O indivíduo se assegura de sua identidade pelas emoções que o sacodem, impressões inéditas que o espantam, atividades histeriformes que o atordoam” (LACROIX, 2006, p. 113/114).

Essas emoções são, dessa maneira, artificiais, vividas individualmente, de forma egocêntrica. Logo, de acordo com o autor, ao invés de estarmos nos tornando pessoas mais sensíveis, o culto à emoção da atualidade revela uma degradação da sensibilidade. Os indivíduos encontram-se cada vez mais agitados e em busca de sensações fortes, mas, apesar de “emocionarem-se” muito perdem a capacidade de sentir.

Portanto, os “deveres” de felicidade, liberdade e emoção, conforme observados na atualidade, se assemelham mais a provocadores de angústia e medo que a qualquer espécie de culto ao hedonismo. Significa menos um aproveitar a vida e mais um controle profundo sobre o gozo. Representa a primazia pelo desempenho, pelo esforço e pelo conhecimento da técnica como os únicos capazes de fazer com que o indivíduo atual possa alcançar os imperativos da atualidade: ser livre, feliz e emocionado. Esses imperativos acabam, no entanto, muitas vezes gerando o oposto. Ao viver desesperadamente em busca da felicidade, corre-se o risco de permanecer na insatisfação e no embotamento perpétuos.

## 2 - As mutações do mundo do trabalho

Conforme aponta Organista (2006), nos últimos trinta anos, o mundo do trabalho tem passado por significativas transformações que suscitaram, na atualidade, um intenso debate acerca de sua centralidade enquanto atividade ordenadora e fundadora de identidades coletivas, ou seja, enquanto categoria constituinte de modos de agir, sentir e pensar e de uma conduta moral socialmente reconhecida.

As transformações do mundo do trabalho e de todas as relações sociais são constantes em todo o processo histórico, no entanto, o destaque concedido às mudanças ocorridas no trabalho – os novos padrões de produção e organização – nas últimas décadas do século XX, tem se dado, segundo o autor, pelo fato de que sua envergadura implica em dinâmicas produtivas e relações sociais bastante distintas das precedentes, gerando como algumas conseqüências fenomênicas mais diretas, o processo de diminuição do emprego estável e assalariado e assim, o crescente aumento do desemprego e do trabalho precário.

Apesar de todas as metamorfoses pelas quais o mundo do trabalho tem passado, segundo Castel (1998), ao contrário do que se poderia supor, ele continua sendo uma referência não só econômica, mas psicológica, cultural e simbólica dominante, fato perceptível quando se analisam as reações daqueles que vivenciam cotidianamente o flagelo do desemprego e da precariedade.

Em direção similar, Antunes (2000) sustenta que todas as mudanças ocorridas no mundo do trabalho não fizeram com que este deixasse de se configurar como uma categoria importante para compreender as ações humanas na sociedade contemporânea. Para Antunes (2005) tratam-se de transformações que vêm construindo uma nova e complexa morfologia do trabalho.

As transformações que vem ocorrendo, ainda de acordo com o autor, foram resultantes da grande crise enfrentada pelo capitalismo na década de 1970, que o levou à necessidade de reorganizar as suas próprias formas de produção e acumulação, ocasionando mudanças diretas no mundo do trabalho. Entre elas, a passagem do modelo de produção baseado no binômio taylorismo/fordismo para formas mais flexíveis de produção e acumulação que poderiam se adequar melhor às novas necessidades do capital.

É, portanto, no interior da crise do capitalismo, como aponta Athayde (2004), que se situa também a crise do paradigma taylorista-fordista não só enquanto forma de organização de trabalho, mas também, como modo de regulação econômica, social e subjetiva que vigorou ao longo de boa parte do século XX, gerando a emergência de novas formas de se estruturar e

organizar os processos produtivos que começaram a ganhar relevo no ocidente, principalmente nas economias desenvolvidas, entre as quais destaca-se o toyotismo ou modelo japonês.

Assim, de acordo com Antunes (2000), vivenciamos mudanças econômicas, sociais, políticas e ideológicas intensas que repercutem diretamente no ideário, na subjetividade e nos valores constitutivos daqueles que vivem do trabalho.

## **2.1 Transformações nas formas de produção e nos modos de trabalho: do sólido ao líquido**

O advento da Revolução Industrial foi, segundo Polanyi (1980), o ponto de partida para a inscrição de um novo sistema econômico que teria como consequência uma grande transformação na organização social.

Até esse evento histórico, sob condições tribais, feudais e mercantis, o sistema econômico era, de acordo com a análise do autor, absorvido pelo sistema social, ou seja, os mercados eram um aspecto acessório de uma estrutura institucional regulada pela autoridade social. O novo modelo econômico – a economia de mercado – por outro lado, exigia a separação institucional da sociedade em esferas econômica e política. É, portanto, um sistema econômico controlado, regulado e dirigido apenas por mercados, no qual a ordem de produção e distribuição de bens é confiada a esse mercado auto-regulável.

A auto-regulação significa que toda produção é destinada para a venda no mercado e que os rendimentos derivam de tais vendas. Deve, assim, haver mercado para todos os componentes da indústria, o que inclui, não só os bens e serviços, mas também o trabalho, a terra e o dinheiro. No entanto, a força de trabalho, implica no próprio ser humano que é seu portador de maneira física, psíquica e moral. A terra, por sua vez, representa o ambiente natural no qual os seres humanos habitam – a natureza. São, portanto, nas palavras de Polanyi (1980), “[...] as próprias substâncias da sociedade” (POLANYI, 1980, p.84). Dessa forma, transformá-los em mercadorias, quando não o são, é submetê-los às leis de mercado. Significa inverter a lógica anterior à Revolução Industrial, ou seja, subordinar o sistema social ao sistema econômico, fazendo com que a sociedade se torne um acessório do último.

Essa grande transformação causou, de acordo com o autor, um enorme impacto em todo o sistema social, especialmente em um de seus principais aspectos: o trabalho. Toda a sua organização passaria a mudar de acordo com a organização do sistema de mercado.

Partindo-se dessa concepção, pode-se analisar algumas das mudanças mais significativas ocorridas na estrutura produtiva e no mundo do trabalho resultantes das mutações do mercado ocorridas durante o fim século XX que levariam à estruturação das atividades laborais tal qual como se encontram nos dias atuais.

De acordo com Antunes (2000), nas últimas décadas do século XX, principalmente no início dos anos 1970, o capitalismo enfrentou um acentuado quadro crítico. Alguns dos traços mais evidentes dessa crise estrutural do capital foram, como aponta o autor: a queda da taxa de lucro, que teve como um dos elementos causais o aumento do preço da força de trabalho conquistado durante o período pós-45 e pela intensificação das lutas sociais dos anos 1960; o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista dado pela sua incapacidade de responder à retração do consumo como uma resposta ao desemprego estrutural que se iniciava; a hipertrofia da esfera financeira, que ganhava relativa autonomia frente aos capitais produtivos; a maior concentração de capitais graças às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas; a crise do “Estado de Bem-Estar Social” e de seus mecanismos de funcionamento, acarretando a crise fiscal do Estado e a necessidade de retração dos gastos públicos e de sua transferência para o capital privado e, finalmente, o incremento acentuado das privatizações, tendência generalizada às desregulamentações e à flexibilização do processo produtivo, dos mercados e da força de trabalho.

Como resposta à sua própria crise, teve início um processo de reestruturação do capital com o objetivo de recuperar seu ciclo reprodutivo. Os contornos mais evidentes dessa reorganização, segundo o autor, foram o neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos de trabalho, a desmontagem do setor produtivo estatal, que foi seguido por um grande processo de reestruturação dos processos produtivos.

Como uma das conseqüências dessa complexa crise estrutural do capital, o padrão de produção baseado no binômio taylorismo/fordismo começou a entrar em crise a partir da década de 1970. Este foi o modelo dominante do sistema produtivo ocidental e seu respectivo processo de trabalho que vigorou na indústria, ao longo de praticamente todo o século XX, principalmente a partir dos anos 1950. Baseava-se na produção em massa, que se estruturava a partir de uma produção homogeneizada, realizada em unidades fabris concentradas e verticalizadas. Grande parte dessa produção era realizada internamente, recorrendo-se de maneira secundária ao fornecimento externo. As operações realizadas pelos trabalhadores eram racionalizadas ao máximo através do controle rígido dos tempos e movimentos no trabalho.

Esse padrão produtivo sistematizou-se com base na divisão das tarefas, que transformava a ação do trabalhador em um conjunto rotineiro e repetitivo de atividades, havendo uma separação nítida entre elaboração e execução, de forma que a dimensão intelectual do trabalho ficava restrita às esferas da gerência científica.

Ainda segundo Antunes (2000), juntamente com o taylorismo/fordismo ergueu-se um sistema de compromisso e de regulação que, limitado a uma parte dos países capitalistas avançados, ofereceu a ilusão de que o sistema de metabolismo social do capital pudesse ser efetivamente e duradouramente controlado, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado. No entanto, o compromisso fordista progressivamente deu origem à subordinação dos organismos institucionalizados, sindicais e políticos, da era da prevalência social-democrática, convertendo esses organismos a co-gestores do processo global de reprodução do capital. Acabou, dessa forma, levando a uma burocratização das próprias organizações sindicais, favorecendo seu corporativismo.

Para Bauman (2001), o modelo da indústria de Henry Ford era o ícone do que chamou de capitalismo pesado, tempo caracterizado pelo “[...] engajamento entre capital e trabalho fortificado pela mutualidade de sua dependência” (BAUMAN, 2001 p. 166). Assim, o capital dependia dos trabalhadores para sua reprodução e crescimento e estes, por sua vez, dependiam do emprego para sua sobrevivência. O lugar de encontro das duas instâncias era fixo: a grande fábrica no modelo fordista, que não permitia a nenhum dos dois uma fácil mobilidade.

Dessa maneira, um jovem que tivesse o seu primeiro emprego na Ford, provavelmente terminaria a sua vida profissional no mesmo lugar. Em outras palavras, os trabalhadores possuíam um horizonte desenhado pela perspectiva de emprego para “toda a vida” dentro de uma empresa. Era, segundo Sennett (2001), um período caracterizado pela pouca variação do trabalho e por uma concepção de linearidade e previsibilidade do tempo que possuía como marca registrada a rotina.

Este período segundo Bauman (2001) apresentava como uma de suas principais características a mentalidade de longo prazo. Essa mentalidade constituía uma impressão de que os destinos das pessoas que compram o trabalho e daquelas que o vendem estariam entrelaçados por muito tempo, ou seja, a construção de um modo de convivência suportável corresponderia aos “interesses” de todos. Experiência que demorou muito tempo para se firmar, surgindo apenas, de acordo com Sennett (2001), depois da Segunda Guerra, quando se erigiram, ao menos nas economias mais avançadas, sindicatos mais fortes garantidores do “Estado de Bem-Estar” e corporações de larga escala que unidas produziram uma época em que, segundo Bauman (2001), havia uma noção de relativa estabilidade, pois, para o bem ou

para o mal, forças antagônicas procuravam unir-se pelo fato de saberem que sua sobrevivência dependia de encontrar soluções que todos considerassem aceitáveis.

No entanto, as transformações decorrentes da já citada crise do capital na década de 1970, que também gerou como expressão fenomênica, a crise do padrão de acumulação fordista/taylorista, fizeram com que novos modelos de produção e de trabalho começassem a se desenvolver e a dominar o cenário social ocidental. Esses modelos seriam mais adequados às demandas do novo capitalismo.

Nesse contexto, de acordo com Antunes (2000), para que o capital recuperasse o seu ciclo reprodutivo e repusesse o seu projeto de dominação societária, emergiram diversas transformações no processo produtivo por meio da constituição de formas de acumulação flexível, do *downsizing*, das maneiras de gestão organizacional, dos avanços tecnológicos e dos modelos produtivos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo.

Desenvolveu-se assim, uma estrutura produtiva mais flexível que decorre muitas vezes da desconcentração da produção e das empresas terceirizadas. Além disso, as novas formas de gestão enfatizam o trabalho em equipe e requerem, ao menos no plano discursivo, o envolvimento participativo dos trabalhadores. Busca-se ainda a polivalência e a multifuncionalidade no trabalho: o trabalhador passaria a realizar diversas tarefas diferenciadas. Combinava-se a isso, uma horizontalização da estrutura produtiva que deveria ser integrada inclusive nas empresas terceirizadas.

Do ideário e da prática cotidiana dessa nova fábrica, fazem parte o grande aumento da produtividade e a eliminação dos pontos de trabalho. Assim, nas palavras de Antunes:

[...] na era da acumulação flexível e da ‘empresa enxuta’ merecem destaque, e são citadas como exemplos a ser seguidos, aquelas empresas que dispõem de menor contingente de força de trabalho e que apesar disso, têm maiores índices de produtividade (ANTUNES, 2000, p. 53).

Ainda de acordo com o autor, dentre os novos modelos de produção alternativos à dupla taylorismo/fordismo destacou-se o toyotismo ou modelo japonês. Esse processo diferencia-se do fordismo em diversos aspectos. Em primeiro lugar, sua produção é vinculada à demanda, visando atender às exigências individualizadas do mercado consumidor. Dessa forma, apresenta uma produção heterogênea ao contrário da homogeneidade fordista. Em segundo lugar, o novo modelo fundamenta-se no trabalho em equipe e sua produção se estrutura através de um processo produtivo flexível, no qual o trabalhador pode operar simultaneamente várias máquinas, alterando a relação homem-máquina na qual se baseava o

fordismo. O toyotismo ainda tem como princípio o *just in time* – melhor aproveitamento possível do tempo de produção e funciona segundo o sistema *kanban*, idealizado para reposição de peças, que permite que os estoques sejam bastante reduzidos se comparados ao fordismo.

As empresas do complexo toyotista possuem também uma estrutura horizontalizada, sendo responsável internamente por apenas 25% da produção e recorrendo a empresas terceirizadas para o restante, o que é bastante diferente do regime fordista que apresenta estrutura verticalizada e se responsabiliza pela quase totalidade da produção: aproximadamente 75% desta. O novo processo também possui um forte sistema de controle de qualidade, no qual grupos de trabalhadores são instigados a discutir seu trabalho e desempenho, visando melhorar a produtividade da empresa.

Outra característica do modelo japonês bastante difundida no meio empresarial, conforme apontam Navarro e Padilha (2007) refere-se à qualificação do trabalhador. Contrariamente ao trabalhador do taylorismo/fordismo, que desempenhava tarefas altamente simplificadas, repetitivas, monótonas e embrutecedoras, o trabalhador no toyotismo, estaria transformado em um trabalhador “altamente qualificado”, “polivalente” e “multiprofissional”. No entanto, como afirmam as autoras, na prática, de uma forma geral, estas mudanças acabam por sobrecarregá-los com mais trabalho.

Essas mutações no processo produtivo produziram grandes transformações no mundo do trabalho, principalmente a partir da década de 1980, entre elas: a desregulamentação dos direitos do trabalho; a precarização dos empregos e a terceirização dos contratos de trabalho e, por fim, a destruição do sindicalismo de classe e sua conversão em um sindicalismo dócil, de parceria com a empresa.

Com relação ao Brasil, de acordo com Antunes (2006), foi em meados da década de 1980, sob a “Nova República” de Sarney que o padrão de acumulação, até então centrado no tripé: setor produtivo estatal, capital nacional e capital internacional, começou a sofrer as primeiras alterações nas estruturas organizacionais, tecnológicas e nos processos produtivos, mesmo que em um ritmo mais lento do que aquele experimentado pelos países centrais que viviam intensamente a reestruturação produtiva de capital e seu corolário ideário político neoliberal.

Foi durante esse período que ocorreram em nosso país os primeiros impulsos no processo de reestruturação produtiva, levando as empresas a adotar, no início de modo restrito, novos padrões organizacionais, tecnológicos e novas formas de organização social do trabalho, iniciando-se assim a utilização da informatização produtiva e do sistema *just-in-*

*time*, a produção baseada em *team work*, fundamentada em programas de qualidade total, ampliando também o processo de difusão da microeletrônica.

Dessa maneira, de forma sintética, a necessidade de elevação da produtividade ocorreu por meio de reorganização da produção, redução do número de trabalhadores, intensificação da jornada de trabalho dos empregados, surgimento dos círculos de controle de qualidade e dos sistemas de produção *just-in-time* e *kanban*, entre os principais elementos.

O fordismo, ainda amplamente dominante, começava então a se abrir para os primeiros influxos do toyotismo. Durante a segunda metade da década de 1980, com a recuperação parcial da economia brasileira, ampliaram-se as inovações tecnológicas por meio da automação industrial de base microeletrônica nos diversos setores industriais e empresariais.

Foi, no entanto, nos anos de 1990 que a reestruturação produtiva do capital desenvolveu-se intensamente em nosso país por meio da implantação de vários receituários oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês. Foi, portanto, nesse período, que se intensificou o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil, processo que vem se efetivando mediante formas diferenciadas, configurando uma realidade que comporta elementos tanto de continuidade como de descontinuidade em relação às fases anteriores. Há, assim, uma mescla entre elementos do fordismo, que ainda encontram vigência acentuada, e elementos oriundos das novas formas de acumulação flexível e/ou influxos toyotistas.

Assim, ainda segundo Antunes (2006), no estágio atual do capitalismo brasileiro, enormes enxugamentos de força de trabalho, combinam-se com mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho. A flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, bem como a terceirização e as novas formas de gestão da força de trabalho implantadas no espaço produtivo, estão em curso acentuado e presentes em grande intensidade, coexistindo com o fordismo, que parece ainda preservado em vários ramos produtivos e de serviços. Assim, o fordismo periférico e subordinado, que bem caracteriza nosso país, mescla-se cada vez mais fortemente com novos processos produtivos.

Sob o ponto de vista de Castel (1998), as transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho provocaram um enfraquecimento da condição salarial que trouxe à tona uma nova questão social. O salariado viveu durante muito tempo, segundo o autor, às margens da sociedade, tendo sido uma das condições de vida mais incertas e indignas às quais deveriam se submeter apenas aqueles que não tinham nada para trocar, exceto a própria força física. No entanto, a condição de assalariado se difundiu, juntamente com o sistema de proteções sociais ligados a ela e tornou-se a matriz da sociedade ocidental por volta da década



de 1960, fazendo com que o trabalho e os atributos ligados a ele ganhassem centralidade enquanto suporte de identidade social.

Assim, apesar de, como aponta o autor citado acima, a sociedade salarial ainda não ter desmoronado totalmente, ela sofreu um profundo abalo a partir do fim do século XX, movido pelas reestruturações industriais e pelas lutas pela competitividade que significaram a instituição do desemprego estrutural, mesmo em países que não conheciam essa realidade e a precarização dos empregos existentes – queda dos contratos de trabalho por tempo indeterminado e crescimento das formas mais flexíveis de contratação: trabalho por tempo determinado, trabalho temporário, em tempo parcial etc – que paulatinamente representaram perdas de algumas garantias e proteções anteriormente fornecidas pelo trabalho.

Porém, segundo Castel (1998), a consequência mais drástica dessas mudanças é, para os tempos atuais, o surgimento de uma enorme quantidade de pessoas sem trabalho, inclusive em países que desconheciam essa realidade, colocadas em situação de flutuação social, pois, para ele: “o trabalho [...] é mais que o trabalho e, portanto, o não trabalho é mais que o desemprego” (CASTEL, 1998 p. 496). O trabalho é assim pensado, como um suporte privilegiado de inscrição na estrutura social. Portanto, esse grande número de pessoas sem trabalho encontrar-se-ia em uma condição de desfiliação – a completa ausência de vínculos institucionais e de inscrição em estruturas portadoras de sentido. Pela amplitude que alcança essa nova questão social, seria similar ao pauperismo ocorrido na Europa na primeira metade do século XIX, como consequência da implantação do novo sistema econômico e de trabalho com o advento da Revolução Industrial.

Essa maneira atual de habitar o mundo forma, nas palavras de Castel (1998): “estratégias de sobrevivência fundadas no presente” (CASTEL, 1998, p. 529). Desenvolve-se, então, uma cultura do aleatório, retornando ao primeiro plano a antiga obrigação daqueles que viviam do trabalho: sobreviver com o que se ganha em cada dia, portanto, viver um dia de cada vez, sem planejar o futuro.

Para Vasopollo (2006) a nova organização do trabalho é caracterizada cada vez mais pela precariedade, flexibilização e desregulamentação, ela não apenas gera um número cada vez maior de desempregados, como também, tem provocado uma situação bastante complexa para os assalariados:

[...]o mal-estar do trabalho, o medo de perder o próprio posto, de não poder mais ter uma vida social e de viver apenas do trabalho e para o trabalho, com a angústia vinculada à consciência de uma avanço tecnológico que não resolve

as necessidades sociais. É o processo que precariza a totalidade do viver social (VASAPOLLO, 2006, p. 45).

Dessa forma, a noção de precarização está ligada, de acordo com o autor, à experiência de incerteza vivenciada pelo trabalhador atual e à perda de direitos e garantias sociais que este vem sofrendo em função da necessidade de flexibilização imposta pelas regras de eficiência das empresas.

A idéia de flexibilidade pode ser compreendida, de diversas maneiras: flexibilidade salarial, flexibilidade de horário, flexibilidade funcional etc. Para Sennett (2001), a ênfase na flexibilidade e o ataque à rotina, característica do novo capitalismo altera o próprio significado de trabalho, assim como as palavras a ele empregadas. O sentido de carreira, como se conhecia na época fordista – um canal para atividades produtivas de alguém ao longo da vida –, perde a capacidade de designar as formas como se estruturam as trajetórias profissionais dos trabalhadores. Sendo assim, a palavra *job* – serviço –, que carrega consigo o significado de pouca durabilidade e instabilidade, seria mais adequada para definir as trajetórias profissionais atuais.

O slogan da flexibilidade aplicado ao mercado de trabalho indica, segundo Bauman (2001), “o fim do emprego como conhecemos” (p.169), anunciando um mundo de trabalho repleto de incertezas. Essa nova forma de estruturação do mundo laboral, que tem como principal modelo as formas de produção toyotistas, é, para o autor citado, representante do capitalismo leve de nossa época.

O fundamento principal da nova fase que nos encontraríamos, a mentalidade de curto prazo, faria com que capital e trabalho passassem do casamento à coabitação:

Pode-se dizer que esse movimento ecoa a passagem do casamento para o ‘viver junto’, com todas as atitudes disso decorrentes e conseqüências estratégicas, incluindo a suposição da transitoriedade da coabitação e da possibilidade de que a associação seja rompida a qualquer momento e por qualquer razão, uma vez desaparecida a necessidade ou o desejo (BAUMAN, 2001 p. 171).

O novo capitalismo, como afirma Sennett (2001), necessita de formas mais flexíveis de produção que possam atender às voláteis demandas do mercado consumidor, trazendo não só a necessidade de formas mais elásticas de contratação, como também, a necessidade de flexibilização dos próprios trabalhadores, pois eles precisam ser capazes de se adaptar às mudanças constantes nos processos produtivos. Castel (1998) sugere dessa maneira, que a flexibilidade, pressupõe a moldagem dos trabalhadores, pois eles não devem apenas se

adaptar de maneira mecânica às diferentes tarefas, mas, também adaptar a sua própria subjetividade a essas constantes mudanças.

Para Mészáros (2006), os ideais dominantes do atual mundo do trabalho: a flexibilidade e a desregulamentação representam a expulsão cada vez maior de mais pessoas do processo de trabalho e o concomitante prolongamento sem fim da jornada de trabalho para aqueles que nele estão inseridos. Como pontuam Navarro e Padilha (2007), nesse aspecto reside a contradição marcante do cenário do trabalho atual: enquanto boa parte da classe trabalhadora é penalizada com a falta de trabalho, outros sofrem com seu excesso.

No Brasil, conforme pontua Antunes (2006), crescem as relações de trabalho mais desregulamentadas, distantes da legislação trabalhista, gerando uma massa de trabalhadores que passam da condição de assalariados com carteira para a de trabalhadores sem carteira assinada. Se nos anos 1980 era relativamente pequeno o número de empresas de terceirização, na década seguinte esse número aumentou significativamente para atender à grande demanda por trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício e sem registro formalizado.

Essas mutações, portanto, inseridas na lógica da racionalidade instrumental do mundo empresarial, estão intimamente relacionadas ao processo de reestruturação produtiva do capital, no qual as grandes empresas, por meio da flexibilização dos regimes de trabalho, da subcontratação e da terceirização, procuram aumentar sua competitividade fraturando e fragmentando ainda mais a classe que vive do trabalho:

[...] em plena era da informatização do trabalho, do mundo maquinal da era da acumulação digital, estamos presenciando a época da informalização do trabalho, caracterizada pela ampliação dos terceirizados, pela expansão dos assalariados do *call center*, subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial, teletrabalhadores, pelo *ciberproletariado*, o proletariado que trabalha com a informática e vivencia outra pragmática, moldada pela desrealização, pela vivência da precarização [...] (ANTUNES, 2006 p. 25).

De acordo com Pochmann (2006) o Brasil vive a mais grave crise do emprego de sua história. A expansão das formas de inserção da População Economicamente Ativa (PEA) referentes às ocupações com baixa produtividade e precárias condições de trabalho marca o contexto mais amplo da crise do emprego que em nosso país vem se agravando a partir das duas últimas décadas do século XX. A maior parte das vagas abertas no mercado de trabalho não tem sido de assalariados, mas de ocupações sem remuneração, por conta própria, autônomo, trabalho independente, de cooperativa, entre outras.

Assim, para o autor, o grau de precarização da força de trabalho no Brasil passou a aumentar a partir dos anos 1990. Até então, segundo ele, a tendência era de redução das

formas de subutilização do trabalho, tradicionalmente identificadas pelo desemprego e pelas ocupações sem remuneração e por conta própria.

Além do expressivo número de pessoas desempregadas, Pochmann (2006) observa uma alteração na composição do desemprego. Ou seja, uma mudança no perfil dos desempregados. Assim, o desemprego deixou de ser um fenômeno que atingia mais especificamente, no passado recente, segmentos específicos do mercado de trabalho, como jovens, mulheres, negros, pessoas sem qualificação profissional, analfabetos e trabalhadores com pequena experiência profissional. Transformou-se, dessa maneira, num fenômeno complexo e heterogêneo, atingindo de forma generalizada praticamente todos os segmentos sociais, inclusive as camadas de maior escolaridade, profissionais com experiências em níveis hierárquicos superiores e em altos escalões de remuneração. Logo, segundo o autor, não há mais estratos sociais imunes ao desemprego em nosso país.

Portanto, as transformações no mundo do trabalho ocorridas no fim do século XX trouxeram, como aponta Antunes (1999), grandes mudanças para toda a estrutura social. A flexibilidade e a mentalidade de curto prazo, marcas dos tempos atuais, ocasionaram, como aponta Sennett (2001), diversas conseqüências pessoais não só para os trabalhadores, mas para todos os indivíduos contemporâneos, que significam profundas repercussões subjetivas que afetam sua forma de ser e de estar na sociedade.

## **2.2 Impactos subjetivos do novo capitalismo: caráter corroído e banalização do mal e da injustiça**

Parece haver um consenso entre diversos autores contemporâneos – Castel (1998), Sennett (2001), Bauman (2001) e Dejours (2005) – que as práticas de trabalho em vigência e o ideário que as sustentam vêm provocando um enorme impacto nas maneiras como se constroem tanto as relações sociais, quanto as próprias subjetividades dos homens e das mulheres na atualidade.

Produzido em 2005 na França e lançado no Brasil no ano seguinte, o filme dirigido por Costa-Gavras “O Corte” revela um árido cenário das relações entre trabalho e subjetividade nos dias de hoje. Bruno é um executivo de meia idade da indústria de papéis que perde o emprego depois da empresa na qual trabalha ter passado por uma reestruturação. Após tentativas frustradas de recolocação no mercado de trabalho e de estar desempregado por um longo período, durante o qual sua relação familiar acaba por ser bastante abalada, ele decide

optar por um novo “método”: identificar todos os profissionais que poderiam ser seus concorrentes e matar um a um. Seria necessário ainda, criar uma oportunidade de emprego compatível com suas experiências, através do homicídio de um executivo cujo cargo ele poderia ocupar.

O lançamento do filme no Brasil foi precedido por um fato bastante similar à trama protagonizada por Bruno. Em janeiro do ano de 2006, de acordo com Cunha (2006), uma estudante de São Paulo, mandou matar duas funcionárias da empresa na qual estagiava a fim de conseguir uma vaga efetiva. Este é um, entre tantos outros casos que, cada vez com mais frequência, vem sendo noticiados pela mídia.

Esse fato e o filme de Costa-Gavras, possuem em comum uma temática: reações subjetivas extremadas relacionadas ao mundo do trabalho, que nos remetem a um cenário árido, mas que, de alguma forma, seguem a própria lógica do novo mercado.

Para Sennett (2001), a mentalidade de curto prazo e a ênfase na flexibilidade, características do capitalismo atual e das novas formas de estruturação do trabalho, geram, como grande consequência subjetiva, um abalo sobre o caráter. Este é entendido pelo autor como o valor ético que cada um atribui às relações com as pessoas e aos seus próprios desejos, e que, portanto, se concentra na perspectiva de longo prazo da experiência emocional e se expressa através da lealdade e do compromisso mútuo nas relações sociais.

No entanto, a marca do capitalismo de nossa época: as novas formas de organização do tempo e, principalmente do tempo de trabalho, cujo lema é a inexistência de longo prazo, impedem a construção de laços de confiança, lealdade e compromisso mútuos, que necessitam de tempo para se consolidar. Portanto, a mentalidade regida pela lógica do curto prazo, vigente no período atual, segundo o autor, causaria a “corrosão do caráter”, principalmente as qualidades que ligam as pessoas umas às outras e que dão a elas um senso de identidade sustentável, no qual todas as experiências se unem e formam narrativas significativas para a vida.

Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva do tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego (SENNETT, 2001, p. 27).

Ainda segundo o autor, em termos subjetivos, esse cenário provocaria como consequências mais diretas o sentimento experimentado de fragmentação do próprio eu e a sensação de perda do controle sobre a própria vida.

Coutinho e Krawulski (2007) compartilham da idéia formulada pelo autor citado, reconhecendo que as formas atuais de relações do homem com o trabalho diminuem as oportunidades de construção de narrativas individuais coerentes, pois dentro delas, os trabalhadores enfrentam sérios limites às suas possibilidades de estabelecimento de vínculos pessoais com o seu fazer, tendo reduzidas as possibilidades de identificação tanto com os outros quanto com o seu trabalho.

Sob o ponto de vista de Lipovetsky (2007), a ruptura com o modelo fordista representou, entre outras coisas, uma noção de competitividade que não se baseia mais exclusivamente no aumento da produção e na redução de custos. Os mercados vêm sendo cada vez mais ganhos a partir da ênfase na qualidade, no serviço, na reatividade máxima às evoluções da demanda, na diminuição dos prazos e no melhoramento contínuo. Para alcançar esses resultados, os discursos de gestão privilegiam esquemas centrados nos potenciais dos indivíduos.

A concepção mecanicista ou impessoal do produtivismo à moda antiga é substituída pelos hinos à autonomia e à iniciativa, à flexibilidade e à criatividade. Cada um é instado a avaliar e aperfeiçoar as suas competências, mas também implicar-se pessoalmente, empenhar-se em um progresso contínuo, ser participativo, envolver-se (LIPOVETSKY, 2007, p. 263).

Assim, não apenas o saber-fazer mas também o saber-ser, os sentimentos e todos os componentes da personalidade individual é que devem ser otimizados. A gestão prevalente na atualidade privilegia e coloca cada vez mais em cena, os potenciais da individualidade como fatores de desempenho.

Ainda conforme o autor, a noção de competição e de desafio lançado a si mesmo não permanece apenas no espaço objetivo da empresa, mas constrói também, subjetividades que se pautam nesses ideais. Dessa maneira, os ideais de competição, de iniciativa e de auto-superação se imporiam como normas gerais de comportamento a tal ponto de conseguirem penetrar e remodelar os costumes e sonhos.

Segundo Castel (1998), a condição de precarização em que se encontra grande parte da população mundial, representaria o retorno da antiga “[...] obsessão popular de ter que viver com o que se ganha a cada dia” (CASTEL, 1998, p. 593) e constitui uma das numerosas situações marcadas pela instabilidade e pela incerteza do amanhã que se traduzem através de trajetórias de vida estremecidas, feitas de buscas inquietas pela sobrevivência. Para o autor, a diluição dos enquadramentos coletivos e dos pontos de identificação que não está só limitada ao trabalho, faz com que se construa na sociedade atual, um individualismo negativo. Dessa

forma, cada um deve preservar uma preocupação consigo mesmo de forma a não ficar à deriva.

A incerteza no presente é, também para Bauman (2001), uma poderosa força individualizadora que divide em vez de unir e, como não há maneira de saber quem será o próximo afetado pelas constantes mudanças e reestruturações, a idéia de interesse comum acaba por perder o valor prático e dessa maneira:

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa 'causa comum', não têm endereço específico, e muito menos óbvio (BAUMAN, 2001, p. 170).

Isso acaba por privar as posições de solidariedade e a levar a uma estratégia bastante diferenciada da que levou ao estabelecimento de organizações que militavam em defesa da classe trabalhadora. Assim, para Dejours (2004), essa mentalidade no ambiente de trabalho associada às outras características das formas de gestão contemporânea, acabam por conduzir ao desenvolvimento de condutas desleais entre pares e à ruína das solidariedades, apresentando como resultado o isolamento de cada indivíduo que traz consigo o início da falta de reconhecimento daquilo que os homens têm em comum, abalando a confiança uns nos outros.

Assim, as condições econômicas e sociais precárias, acabam segundo Bauman (2001), fazendo com que laços e parcerias humanas tendam a ser vistos e tratados como simples objetos a serem consumidos e não produzidos, estando sujeitos aos mesmos critérios de avaliação que todos os outros produtos para consumo.

Essa forma de percepção do mundo, segundo o autor, faz com que cresça, na lógica atual, a intolerância diante de qualquer coisa ou pessoa que funcione como obstáculo para a satisfação de seus próprios desejos:

[...] não há razão evidente para ser tolerante em relação a alguma coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância para a busca da satisfação, e menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer a satisfação que se busca (BAUMAN, 2001, p. 189).

Assim, o discurso da estudante paulista que pode ser resumido em uma das frases por ela pronunciada de acordo com Cunha (2006): “ela morrendo, teria minha chance”, ilustra, de maneira extremada, a lógica que, segundo Bauman (2001), vem permeando os laços humanos contemporâneos.

Além disso, de acordo Sennett (2001), o ataque à rotina e a ênfase na flexibilidade nos modos de produção e de trabalho, ao invés de trazerem, como se poderia acreditar, mais liberdade, criou novas estruturas de controle e de poder que consistiriam em três elementos: a reinvenção descontínua das instituições; a especialização flexível e, finalmente, a concentração de poder sem centralização.

O primeiro elemento significa que as novas estruturas de trabalho, com seu modelo mais fragmentado, elástico e menos hierarquizado, permitem com maior facilidade constantes intervenções representadas geralmente sob a forma de reengenharias – a tentativa de fazer mais com menos – que, de acordo com Sennett (2001), significa a redução dos quadros de trabalhadores que encerra por aumentar o número de desempregados e provocar, para aqueles que ficam, um enorme impacto moral e motivacional, além da grande expectativa e incerteza de quando chegará sua vez.

Já a especialização flexível da produção, que de uma forma geral, tenta inserir de maneira cada vez mais rápida produtos novos no mercado, faz com que as tarefas a serem cumpridas pelos trabalhadores mudem com grande frequência: semanalmente ou até diariamente. Assim, eles devem ser capazes de se adaptar rapidamente a estas mudanças. Para Castel (1998), este mecanismo funcionaria como um contínuo processo de seleção: a cada nova tarefa, aqueles que não se adaptarem correm o risco de serem excluídos.

Finalmente, o último elemento das novas formas de controle e de poder, conforme apontadas por Sennett (2001), a concentração sem centralização é, para o autor, a forma como se constitui o poder dentro da organização flexível de trabalho. Assim, a diminuição da hierarquização apesar de aparentar uma descentralização de poder, concedendo às categorias inferiores um maior controle sobre as suas atividades, acaba por concentrar o controle nas mãos dos altos administradores. Sendo permitido pelos novos sistemas tecnológicos e pelas novas formas de gestão que definem metas às equipes de trabalho, fornecendo a elas uma enganosa liberdade, pois, as metas são geralmente irreais e inexequíveis no curto espaço de tempo frequentemente fornecido. A empresa flexível, no entanto, não diz como realizar tal proeza e, assim, a responsabilidade recai apenas sobre o trabalhador.

Dessa maneira, segundo o autor, a estrutura de controle na organização flexível é fortíssima e fragmentada. Isso faz com que seja, de acordo com Bauman (2001), cada vez mais difícil saber quem personifica o poder e onde ele está localizado, o que acaba por dificultar a mobilização do trabalhador em função dos seus interesses, pois afinal não fica claro a quem ele deve recorrer dentro dessa estrutura. O protagonista de “O Corte” apesar de ter mobilizado toda a sua força corporal e psíquica para destruir seus concorrentes, não foi



capaz de realizar nenhuma ação contra ninguém da empresa que o demitiu, pois afinal, a redução do quadro de funcionários dentro da nova lógica de mercado, que permeia todo o tempo seu estar em sociedade, seria a única forma de sobrevivência para a empresa diante da grande concorrência, portanto não haveria a quem culpar.

A união de todos os novos elementos de poder dentro da estrutura de trabalho atual, acaba por gerar, segundo Sennett (2001), a necessidade de constantes “ajustes subjetivos” que fazem com que a experiência de fragmentação vivenciada no trabalho permeie todas as outras relações que constituem a vida do trabalhador.

Assim, para o autor, as pessoas que ficariam à vontade no novo capitalismo seriam aquelas que apresentariam especialmente dois traços de caráter: a capacidade de se desprender do passado e a aceitação da fragmentação. Portanto, aqueles que melhor personificam em seus modos de ser e de agir, a própria lógica flexível e de curto prazo do capitalismo atual. É interessante observar a passagem de Coleman (1993) sobre algumas características que podem ser apresentadas por determinadas pessoas em função de liderança:

Mais recentemente, a Comissão de Especialistas de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde apresentou a opinião de que as tensões a que estão submetidas as pessoas em posições de relevo são frequentemente excessivas para pessoas normais. Uma consequência disso é que muitas vezes os que se tornam líderes são indivíduos com constituição psicopática de personalidade [...] (COLEMAN, 1993, p.10/11).

Assim, o autor ressalta que seriam pessoas com pouco interesse por valores éticos ou pelo progresso social, quando em posição de liderança, tenderiam a explorar o poder para fins egoístas.

A trama contida no filme “O que você faria?”, dirigido por Marcelo Piñeyro, produzido na Espanha em 2005 e lançado no Brasil em 2006, trata de maneira crítica a própria forma de selecionar candidatos para vagas de trabalho que não só priorizaria características similares as acima descritas, mas em muitos casos, sustenta e corrobora a lógica valorizada no atual mercado de trabalho. No filme, sete executivos disputam uma vaga numa empresa em Madri no mesmo dia em que uma reunião do G-8 faz com que as ruas da capital espanhola sejam ocupadas por manifestantes. Trata-se de uma seleção para um cargo de direção na empresa. O processo seletivo consiste na realização de atividades que terminam com a eliminação de um candidato.

Nota-se, ao longo do filme que as atividades propostas apresentam como objetivo maior testar a capacidade que os candidatos possuem de moldar-se subjetivamente, de deixar

de lado seus próprios valores no intuito de conseguirem a vaga de emprego e não observar suas capacidades para ocupar o cargo em função das experiências profissionais e formações acadêmicas que possuem. A título de ilustração, é interessante citar a primeira prova na qual um dos candidatos é eliminado, pois revela a lógica que permeia toda a condução do processo seletivo.

Um dos candidatos é escolhido como líder da prova pelos próprios participantes. Assim que se dá a escolha aparece nos computadores da sala de entrevista para que todos os candidatos leiam uma nota de jornal com a notícia de que este candidato quando em cargo de direção em uma empresa, a denunciou por poluição evitando que se procedesse uma catástrofe ecológica. A empresa, como forma de reduzir o prejuízo financeiro que teria acabou por demitir duzentos funcionários. O candidato explicou que, em primeiro lugar, avisou à empresa sobre a possível catástrofe, não tendo, no entanto, nenhuma resposta, decidiu pela denúncia. Também tentou evitar a demissão dos funcionários propondo à empresa uma redução dos lucros por alguns anos, no entanto, sua idéia não foi acatada pela organização, que preferiu optar pelas demissões. Após a exposição dessas informações, a atividade para seleção teve prosseguimento, os outros candidatos teriam que decidir se o líder deveria ou não ser eliminado do processo seletivo. Os candidatos discutiram e acabaram por decidir pela eliminação do líder, seu argumento de base era que ao denunciar a empresa por agir de forma irregular, ele a teria traído. O questionamento do candidato: “... mas se a empresa pede, você faz?” não foi capaz de mobilizar a capacidade crítica dos participantes da seleção. Dessa forma, era menos um concorrente na competição pela vaga.

Para Dejours (2004) se, por um lado, os novos princípios da organização de trabalho provocam o crescimento da produtividade e da riqueza, por outro, representam a erosão do lugar acordado à subjetividade no trabalho. Disso resulta não só o crescimento do número de pessoas acometidas por doenças ligadas ao trabalho, como também, o surgimento de novos distúrbios físicos e mentais, o desenvolvimento da violência no trabalho, o agravamento das doenças causadas pela sobrecarga, a explosão de todos os tipos de assédio e, inclusive, o aumento do número de suicídios no próprio local de trabalho.

Outro processo que, para Dejours (2005), marca a sociedade atual é a incapacidade de mobilização diante de injustiças sociais – o enorme número de pessoas desempregadas ou vivendo em condições precárias – e a aceitação do “trabalho sujo” em seu próprio emprego – participação consciente em atos injustos dentro do trabalho. A este fenômeno, o autor denomina banalização do mal e da injustiça social, que significa um processo no qual

comportamentos até então considerados inaceitáveis começam a fazer parte dos padrões de conduta na sociedade.

As formas como se organizam o trabalho na atualidade e as suas conseqüências, principalmente a precarização do emprego, constituiriam, segundo o autor, um cenário favorável para o desenvolvimento desse processo no mundo contemporâneo. A falta de mobilização ou de sensibilização diante de injustiças seria a sua conseqüência mais imediata.

Para Dejours (2005), essa (des)sensibilização e falta de ação diante das injustiças, seriam uma estratégia defensiva de sobrevivência adotada pelo sujeito contemporâneo contra o grande sofrimento causado pelo medo da precarização na sociedade atual. De qualquer forma, segundo o autor, de maneira mais ou menos profunda, essa estratégia defensiva aproximaria o sujeito contemporâneo da condição de normopatía. Esta se apresenta como um estado psicopatológico caracterizado por um excesso de adaptação, de conformismo às regras e normas sociais e profissionais, que fazem com que a capacidade de pensar de forma autêntica fique suspensa.

Dejours (2005), no entanto, não enquadra o sujeito contemporâneo nesse quadro psicopatológico, mas sustenta que a estratégia defensiva que adotam, faz com que algumas de suas formas de agir tenham características similares a essa condição psíquica, entre elas: a indiferença perante a injustiça e a falta de vontade de agir coletivamente contra ela; a colaboração com o mal por participação ou por omissão e a suspensão da capacidade de julgar, fazendo com que diante das injustiças, utilize-se discursos estereotipados promovidos pela lógica do mercado que procuram ligá-las a uma causalidade do destino.

Todos esses impactos subjetivos que se configuram pela ausência de instâncias e vínculos de longo prazo que forneçam suporte para a construção de uma trajetória que possa conceder algum significado para o sujeito, fazem com que o sujeito atual possa ser pensado como que ligado por um frágil laço à sociedade e às relações sociais e, por isso, destituído de uma narrativa consistente.

### **2.3 - Entorpecimento criativo no trabalho: a perplexidade diante da tecnologia**

Segundo Dejours (2005), do ponto de vista humano, trabalhar é muito mais que uma simples atividade mecânica: implica a necessidade do engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações. Sendo assim, o

trabalho requer um tipo de inteligência corporal que só é adquirida no exercício da atividade, se forma no e pelo trabalho a partir da relação do corpo com a tarefa, que permite a familiarização com os instrumentos e as técnicas utilizadas.

Os gregos, por sua vez, tinham a concepção desse tipo de inteligência do corpo denominada *mètis*. Trata-se, de acordo com Dejours (2003), de uma inteligência essencialmente engajada nas atividades técnicas, em particular nas atividades de fabricação que é mobilizada frente a situações inéditas e imprevistas. Ela funciona graças “a uma espécie de mimetismo com as exigências da tarefa [...]”(DEJOURS, 2003, p. 46), privilegiando a habilidade em detrimento da força, sendo, portanto, essencialmente inventiva e criativa.

A partir de entrevistas com trabalhadores em ambientes organizacionais, o autor pôde perceber a existência de uma grande diferença entre a descrição subjetiva das tarefas, ou seja, a forma como os próprios trabalhadores que executam as operações narravam seu trabalho, e a descrição gerencial das atividades, a maneira prescrita de se realizá-las, levando-o a afirmar que o trabalho real e o trabalho prescrito possuem entre si uma enorme lacuna. Isto aconteceria, uma vez que, se os trabalhadores seguissem estritamente as prescrições no seu cotidiano de trabalho, eles não conseguiram executar as tarefas de sua responsabilidade. É só a partir dos “jeitinhos” que encontram no seu dia-a-dia que, especialmente diante do inusitado, os trabalhadores conseguem realizar suas atividades laborais. Dessa forma, a utilização da capacidade criativa característica da inteligência corporal astuciosa – *mètis* – adquirida a partir da relação do trabalhador com os instrumentos e as técnicas, é o que possibilita a eles encontrar soluções para os problemas diários enfrentados no ambiente de trabalho.

No entanto, a nova forma de trabalho flexível, pautada na inserção de alta tecnologia na realização das tarefas, vem trazendo uma nova forma do trabalhador se relacionar com os instrumentos e técnicas, que acabam por ocasionar um estranhamento com relação ao seu próprio trabalho.

De acordo com Sennett (2001), as novas tecnologias teriam por objetivo a simplificação das atividades laborais através da utilização de máquinas altamente especializadas e “inteligentes”, mas elas acabam por tornar o trabalho ilegível – levando ao não entendimento do que se está fazendo – e favorecem a fraca identidade que o trabalhador atual possui com a sua atividade. Isto acontece, pois, segundo o autor, nas formas de trabalho contemporâneo, são as máquinas as detentoras do “conhecimento” que possibilita a produção dos bens e serviços. Portanto, a qualificação para o trabalho está sendo paulatinamente transferida dos trabalhadores para os equipamentos, fazendo com que, para trabalhar, os

primeiros não precisem necessariamente possuir o conhecimento e a experiência de “fabricar” o produto, mas, sim, de operar as máquinas (operação que geralmente é realizada através de computadores) responsáveis pela produção. Assim, de uma forma paradoxal, a diminuição da dificuldade do trabalho permitida pelas novas tecnologias torna-o para o trabalhador cada vez mais obscuro e cria condições para a atividade não crítica e indiferente.

Para Antunes (2000), essa transformação tecnológica no ambiente de trabalho faz com que haja uma interação cada vez maior entre subjetividade e maquinário inteligente, processo que produz para o trabalhador um estranhamento cada vez maior do trabalho, distanciando ainda mais a subjetividade do exercício de um cotidiano autêntico e autodeterminado. De maneira que, quanto mais o sistema tecnológico avança, mais a alienação do trabalhador perante o seu trabalho tende a aumentar.

O exemplo de uma padaria *high tech*, utilizada por Sennett (2001) para ilustrar os impactos do novo ambiente de produção baseado em alta tecnologia sobre o trabalhador, é esclarecedor. Nela, os pães são fabricados através de uma complexa tecnologia operada por computadores, fazendo com que o trabalho que os funcionários realizam se resuma a fornecer comandos a estes computadores – os pães para eles são, dessa maneira, uma mera representação na tela do computador. Na realidade, nenhum dos novos funcionários possui o conhecimento prático para produzir pães: a qualificação que apresentam é simplesmente a capacidade de operar computadores. No entanto, ela mesma se configura como algo superficial, já que os trabalhadores não sabem como funciona a lógica interna do programa que comanda a fabricação dos pães. Assim, conforme aponta o autor, os funcionários não entendem o que estão fazendo e, diante de situações de crise ou de panes nas máquinas, mesmo sentindo impulso para resolver o problema, eles simplesmente não sabem o que fazer e, ficam, portanto, imóveis, perplexos diante da tecnologia.

Dessa maneira, segundo Sennett (2001), o conjunto de qualidades que o trabalhador do mundo flexível precisa ter é um apanhado de habilidades tecnológicas e pessoais que permitam com que sejam capazes de se adaptar a diferentes frentes de atividades, não importando a natureza destas, pois a compreensão que se tem do trabalho é superficial, não gerando possibilidade de identificação do trabalhador com a própria atividade e, portanto, não sendo capaz de fornecer suporte sólido para a construção de uma identidade como trabalhador, fazendo com que esta se torne leve e fluída.

As tarefas flexíveis, baseadas na utilização de alta tecnologia, que são para o autor mais fáceis de cumprir, mas, ao mesmo tempo, mais difíceis de decifrar, acabam por tornar o trabalho uma atividade bastante mecânica que mobiliza mais a inteligência, meramente

operacional, que as capacidades crítica e reflexiva. Fazendo com que as relações do corpo com a tarefa se tornem superficiais e inconsistentes e, dessa forma, dificultando o desenvolvimento de uma inteligência astuciosa mencionada por Dejours (2004), a qual credita extrema importância para o ato de trabalhar.

Parece, portanto, que as novas tecnologias acabam dificultando especialmente aqueles que possuem cargos mais baixos dentro da estrutura organizacional, de construir de maneira consistente essa forma de inteligência essencialmente criativa e inventiva – *mètis* –, que permite aos trabalhadores mobilizarem sua capacidade de improviso diante de situações de crise, nas quais os computadores não poderão fazer nada por eles. E, assim, as formas de produção *high tech* atuais facilitam a falta de engajamento corporal/subjetivo para com o próprio trabalho.

### 3 - Juventude

A juventude, assim como as outras fases da vida, é uma construção social, histórica e cultural, de modo que em cada momento histórico ela possui funções, representações e significações diferenciadas. Sendo considerada por Groppo (2000) como categoria social, ela pode ser entendida como uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

O autor sustenta, ainda, que a concepção de juventude que permanece vigente é originada da cultura e da sociedade ocidental capitalista, burguesa e liberal, do século XIX, marcada por caracteres definidores e legitimadores cientificistas.

Mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas colocaram em voga essa fase da vida, conforme afirmam Fraga e Iunianelli (2003). No Brasil, a “Onda Jovem”, na década de 1990, que recebeu essa denominação devido ao elevado crescimento da população entre 15 e 24 anos<sup>2</sup>, conjugada ao crescimento do desemprego, à renovação tecnológica e à crise do Estado de Bem-Estar Social, configurou uma situação explosiva que fez com que as atenções se voltassem para esse período da vida.

É interessante notar, como observou Ariès (1981), que na civilização contemporânea, a identidade civil de um sujeito está ligada a três mundos: o mundo da fantasia, ao qual pertence o nome; o mundo da tradição, ao qual pertence o sobrenome e o mundo da exatidão e do número, ao qual pertencem as “idades da vida”.

A escala social etária precisa, como aponta Elias (1998), ou seja, a idéia aprendida de que cada um de nós possui “x” anos, constitui-se dentro da nossa sociedade como um elemento importante da imagem que cada um tem de si mesmo e dos outros. Acabou por tornar-se uma coordenação de dados numéricos que recebeu sua significação plena ao ser utilizada como uma designação simbólica abreviada de diferenças biológicas, psicológicas e sociais conhecidas, assim como de mudanças que afetam os indivíduos. E assim, a série contínua de símbolos numéricos que indica a idade de uma pessoa fica carregada de uma significação biológica, social e pessoal, passando a assumir e desempenhar, um papel importante no sentimento da identidade pessoal e de sua continuidade através do “curso do tempo”.

---

<sup>2</sup> Critério demográfico utilizado pela ONU para falar da juventude (Lunianelli, 2003).

As “idades da vida” já ocupavam lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média, nos quais os autores distinguiam as fases do desenvolvimento. Nesses tratados, já eram feitas classificações etárias e a elas ligadas etapas fisiológicas e sociais. Em um deles, destacado pelo autor, foram distinguidas as seguintes idades: primeira infância, que duraria até os sete anos, na qual a pessoa não pode falar nem formar as palavras com perfeição, pois ainda não tem os dentes bem firmes e ordenados; a segunda idade, *pueritia* durava até os 14 anos; a terceira idade, adolescência, que poderia terminar para alguns aos 21 ou 28 anos e, para outros, poderia durar até 30 ou 35 anos, cuja denominação estava ligada ao fato de nela haver a possibilidade de procriação; a juventude, que duraria até 45 ou 50 anos, e recebe esse nome devido à força que aqueles que estão nessa fase teriam para ajudar a si mesmos e aos outros; a senectude, na qual a pessoa é austera nos costumes e nas maneiras e, finalmente, segue-se a velhice, que duraria até a morte.

Apesar destas distinções e outras existirem, até o século XVIII não se possuía a idéia do que atualmente chamamos de adolescente, esta fase da vida era confundida ainda com a infância e demoraria a se formar na sociedade ocidental. Conforme aponta Groppo (2000), foi a modernidade madura e com ela o desenvolvimento das ciências médicas, da Psicologia e da Psicanálise que contribuíram para instituir, no século XIX, a concepção de adolescência que ainda vigora hoje – ligada a determinadas mudanças de personalidade e de comportamento, muitas vezes associada à noção de “crise”, como uma fase de construção da identidade e de transição para entrada na vida adulta.

Enquanto no século XIX, como aponta Ariès (1987), todas as atenções estavam voltadas para a infância, no século XX o adolescente foi o grande herói da sociedade ocidental e a ele eram ligadas as características de pureza, força física, alegria de viver e espontaneidade. Essa elevação dos jovens à categoria de “heróis” do século XX foi um fenômeno que, de acordo com Ariès (1986), começou a surgir na Alemanha Wagneriana, através do Romantismo, movimento artístico e filosófico que descobriu, na juventude, um argumento estético e político, pelo qual ela se tornaria tema literário e preocupação dos moralistas. Este sentimento penetrou um pouco mais tarde, em torno de 1900, na França.

Assim, foram iniciadas pesquisas com intuito de saber o que pensavam e como eram os jovens. A juventude aparece então, como uma grande possibilidade de transformação, como possuidora de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade ultrapassada e engessada.

Para Ariès (1986), a consciência da juventude tornou-se geral e banal após a Primeira Guerra Mundial, na qual os combatentes jovens da frente de batalha divergiram e se opuseram



às gerações mais velhas que ficaram na retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum entre os ex-combatentes de pertencimento a um grupo diferenciado nas formas de pensar e de ser, com a capacidade de enfrentar o instituído e de transformar a realidade. Esse sentimento acabou se expandindo para os outros jovens dos países que estiveram em guerra.

Além disso, como apontam Levi e Schmitt (1996), a dilatação das bases territoriais, com o desenvolvimento dos Estados Modernos, modificou de maneira radical o papel dos jovens. Essa dilatação permitiu que eles se tornassem um grupo social com aspirações, idéias e ideais que extrapolavam os limites de seus bairros, cidades e países. As estruturas de referência tornaram-se progressivamente similares, alterando a imagem simbólica que a juventude tinha de si e, ao mesmo tempo, que a sociedade tinha dela.

A afirmação dessa nova percepção de juventude foi testemunhada de maneira mais evidente em diversos momentos históricos durante o século XX. Os movimentos jovens de contestação ocorridos em vários países ocidentais durante a década de 1960, são exemplos dessa afirmação. Nesse período, a mídia já tinha a possibilidade de dar aos eventos uma ressonância mundial, fator de extrema importância para a construção de uma referência do que significava ser jovem. De grande repercussão foi o movimento estudantil parisiense de 1968, no qual estudantes universitários utilizando diversos lemas, entre eles “É proibido proibir”, protestaram contra a estrutura acadêmica conservadora, a situação social e política do país. O movimento acabou por gerar confrontos entre policiais e jovens nas ruas de Paris durante o mês de maio desse mesmo ano. O lema dos franceses espalhou-se pelo mundo motivando e influenciando diversos jovens, inclusive no Brasil.

Essa afirmação da juventude como força de transformação no século XX, fez com que a partir de então a adolescência se expandisse, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente. Para Ariès (1987), passamos de um período sem adolescência, para outro, em que esta se tornou a idade favorita: “deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (p. 47).

Parece que, além de heróica, a juventude foi transformada no grande “mito” e objeto de desejo do mundo atual. Sarlo (2000), ao fazer uma análise sobre algumas cenas da vida contemporânea, afirma que a juventude na atualidade é mais prestigiosa do que nunca. Na visão da autora, a infância não seria mais a fase que possibilitaria uma base adequada para a felicidade, a categoria jovem garantiria assim, diversas possibilidades, com a vantagem de trazer à tona a sexualidade e, ao mesmo tempo, de livrar-se das obrigações adultas. A

juventude tornou-se, dessa forma, um território onde todos, independente da idade, querem viver indefinidamente.

Ser jovem virou *slogan*, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa (KEHL, 2004, p. 92).

Dessa forma, conforme aponta Almeida (2003), um dos aspectos mais característicos da contemporaneidade é a disseminação de um estilo de vida jovem, para além das fronteiras etárias. Assim, a infância quase desapareceu, encurralada por uma adolescência que se inicia precocemente e termina cada vez mais tarde, de maneira que praticamente um terço da vida de um sujeito se desenvolve sob esse rótulo.

Como proposto por Fraga e Iunianelli (2003) e por Castro e Corrêa (2005), as maneiras de vivenciar essa fase da vida variam de acordo com as diferenças de classe, etnia, gênero etc. A juventude não é homogênea, ela é múltipla, sendo então mais apropriado, na concepção desses autores, falar em “juventudes”. Apesar das particularidades existentes, diversas questões são impostas à maioria dos jovens no mundo contemporâneo, fazendo com que estes tenham que vivenciá-las mesmo que de maneiras diferentes de acordo com o contexto cultural, social e econômico no qual se encontram. É nesse sentido, como forma de compreender algumas questões que são colocadas aos jovens dentro do cenário atual que afetam seus modos de ser e estar e assim, de constituir-se subjetivamente que os temas: projeto de futuro, participação social e trabalho, serão tratados.

### **3.1 - Futuro e projeto de vida**

Conforme apontam Levi e Schmitt (1996), a juventude se caracteriza por estar situada entre a dependência infantil e a autonomia adulta, ela é um devir, um período de transição. Pensando no aspecto transitório dessa fase, a juventude de acordo com Leccardi (2005), pode ser considerada como um momento de preparação para a vida adulta. No entanto, com as mudanças ocorridas no mundo, essa preparação tornou-se muito mais difusa.

A noção de preparação para a vida adulta está intimamente ligada à forma com que a idéia de tempo se constituiu dentro da sociedade ocidental, que, conforme pontua Elias (1998), traduz os esforços dos homens para se situarem no interior do fluxo incessante dos acontecimentos. O conceito de tempo, de acordo com o autor, não apenas oferece do ponto de

vista social a função de coordenação e de integração das atividades humanas, mas também, do ponto de vista subjetivo a idéia de identidade pessoal constituída por um encadeamento de acontecimentos sucessivos que se organizam a partir de uma seqüência irreversível, fornecendo a experiência de continuidade. Remete-se dessa maneira, à concepção de trajetórias de vida ordenadas em torno da noção de uma seqüência temporal na qual passado, presente e futuro estabelecem a relação entre uma série de mudanças e as experiências que uma pessoa têm dela. Essa relação no entanto, é variável de acordo com o contexto em que se vive.

Logo, na experiência humana, e somente nela, como lembra o autor citado, se encontram essas grandes linhas demarcatórias entre “ontem”, “hoje” e “amanhã” que seguindo uma lógica seqüencial fornecem um sentido de *continuum* à diversidade de vivências pessoais que unidas constituem sua história de vida.

É a partir dessa idéia de biografia e de história de vida, que se constrói, conforme ressalta Velho (1999) o projeto de vida. Os projetos individuais se configuram assim em torno dessa noção de tempo com etapas se encadeando, implicando a elaboração de planos e condutas orientadas para atingir determinados fins, numa tentativa de dar sentido ou coerência às experiências vividas.

Ainda de acordo com Velloso (1999), o projeto de vida é uma noção que está intimamente ligada à de indivíduo construída na sociedade ocidental, sustentado por duas concepções nela contidas. A primeira, o ponto de partida para se pensar em projeto, se refere à noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher. A segunda está ligada à idéia de que cada um é portador de um conjunto de potencialidades peculiar que constitui sua marca própria e que sua história (biografia) é uma “atuação” mais ou menos bem-sucedida destas. Logo, o projeto carrega consigo a “necessidade” colocada na sociedade ocidental de que é preciso definir e descobrir o que se quer, o que o indivíduo quer e pretende. Ou seja, de alguma maneira o indivíduo precisa se distinguir, diferenciar-se de sistemas mais amplos.

Dessa forma, os projetos, longe de serem naturais e inerentes ao sujeito individual, são elaborações e construções realizadas em função de experiências sócio-culturais, de vivências e de interações interpretadas, devendo ser, portanto sempre relativizados.

O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito historicamente e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes (VELHO, 1999 p. 25).

Assim, o projeto enquanto conjunto de idéias e formas de conduta está sempre referido a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Dessa forma, a possibilidade de projetos individuais está vinculada a como, em contextos sócio-culturais específicos, se lida com a ambigüidade fragmentação-totalização.

A preparação para a maturidade carrega consigo a idéia do tempo presente não apenas como uma ligação entre o passado e o futuro, mas sim como uma dimensão de preparação para o último. Essa idéia pressupõe a capacidade de viver o presente em função do futuro como forma de garantir que o processo de transição para o mundo adulto ocorra de maneira satisfatória, ou seja, tolerar eventuais frustrações e adiamentos para alcançar objetivos mais adiante.

Conforme aponta Leccardi (2005), apenas quando o futuro é considerado como um tempo estratégico para a definição de si mesmo, como um “lugar” sobre o qual pode-se realizar projeções – o veículo que permite juntamente com o passado e com o presente que a narração biográfica do sujeito tome forma – é que ele pode ser percebido como o espaço passível de ser integrado ao projeto de vida e à elaboração e construção subjetiva.

Coloca-se então um impasse, pois, como afirma Bauman (2001), quanto maior a incerteza no presente, característica da atualidade, cada vez menos o futuro pode ser integrado no projeto. Assim, as mudanças nas noções de tempo e de espaço já citadas em capítulo anterior – o fenômeno de compressão espaço-temporal – que vem ocorrendo na sociedade, afetaria as formas como os projetos de vida vêm sendo construídos. Dessa maneira, para Leccardi (2005), a relação entre projeto de vida, tempo biográfico e construção subjetiva vem sofrendo modificações significativas.

Nessa perspectiva, como aponta a autora, se o futuro era percebido como o campo das possibilidades – o futuro “aberto” – atualmente ele tem se delineado como um futuro “indeterminado” e “indeterminável”, governado pela imprevisibilidade.

O risco aparece nesse cenário como resultado da perda de relação entre intenção e resultado, entre racionalidade instrumental e controle. Assim, a experiência de futuro é carregada por um sentimento difuso de alarme, associado a uma grande sensação de impotência.

Dessa maneira, ainda de acordo com Leccardi (2005) a idéia de temporalização, ou seja, de relacionar continuamente, passado e futuro, experiências e expectativas em um jogo

que permite a apreensão de um *continuum* temporal, torna-se difícil. De forma que a capacidade de apreender o tempo tende a se fragmentar. A fragmentação da temporalidade, por sua vez, faz com que a relação com o presente ganhe uma dimensão especial, já que parece ser uma dimensão freqüentada com menos desconforto.

Nesse sentido, como afirma Leccardi (2005), a juventude é um termômetro particularmente sensível a essas transformações. A partir de pesquisas feitas na Itália já em 1980 sobre o tempo na percepção dos jovens, a autora observa um novo espaço temporal como área potencial do governo sobre o indivíduo – o “presente estendido”. Este seria um espaço temporal que bordeja o presente, permanecendo suficientemente próximo para não fugir aos domínios humanos, mas também suficientemente amplo para consentir alguma forma de projeção para além do “hoje”. O presente estendido teria se tornado, na visão da autora, o novo tempo de ação desses jovens.

Dentro desse contexto, conforme afirma a autora, parece desgastada a idéia de trajetória de vida como uma seleção construída subjetivamente entre múltiplos futuros possíveis dotados de uma clara medida temporal. Juntamente com ela, a noção de biografia se transforma, fazendo com que hoje nos defrontemos com construções biográficas e projetos de vida que se diferem dos “tradicionais”, ou seja, das maneiras de se construir trajetórias de vida – maneiras de ser – que emergiram e foram legitimadas em um determinado momento histórico. Assim, a figura do “nômade” é evocada como uma metáfora das trajetórias biográficas contemporâneas.

Segundo os resultados apresentados pelo já citado Dossiê Universo Jovem MTV publicado no ano de 2005, o universo de jovens pesquisados lidaria com a temporalidade de maneira a parecerem “presos” ao tempo do agora. De acordo com a pesquisa, eles próprios reconheceriam a impaciência, a necessidade de não perder tempo e a forma acelerada de vivenciar o cotidiano. Procurariam ainda viver através de experiências maximizadas nas quais vigoram a liberdade e, em grande parte, a falta de compromisso, a ausência de culpas e de julgamento de valor. Esses jovens experimentariam a sensação de que o futuro vem se tornando presente na mesma velocidade que o presente tem se tornado passado, o que já provocaria neles próprios certo desconforto.

Nesse sentido, faz-se presente a concepção de Bauman (2001) de que nos dias atuais o adiamento é, diferentemente de épocas anteriores, considerado inadequação social e individual. O que vale mais, dentro do contexto atual, é a auto-satisfação instantânea e constante. Esta, segundo o autor, é uma alternativa que parece razoável quando a incerteza sobre o amanhã é a única certeza que se tem. Além disso, a aceleração das mudanças faz com

que as recompensas que hoje parecem boas e satisfatórias, amanhã possam ser consideradas obsoletas.

Nesse contexto, conforme observa Leccardi (2005), a idéia de experimentar adquire força. No entanto, não seria um experimentar realizado através da busca por vivenciar experiências marcadas pelos erros e acertos como forma de identificar as melhores formas de se atingir um objetivo. De maneira contrária, esse experimentar se daria por um processo invertido. Experimentam-se aplicações diferentes das próprias capacidades, talentos e recursos que se têm, ou se acredita ter, com a finalidade de procurar qual resultado fornecerá mais satisfação.

A autora afirma ainda que o impacto que as mudanças na noção de temporalidade provocam nos jovens também está relacionado ao fato da fase juvenil possuir uma dupla conexão com o tempo: ela em si é uma condição de vida provisória e, além disso, é chamada a construir formas positivas de relação entre seu tempo de vida e o tempo social. Essa nova forma de lidar com o tempo faria com que a trajetória biográfica para o ingresso na vida adulta não seja mais tão demarcada e previsível como já foi em épocas anteriores. Acaba desaparecendo um aspecto determinante na reflexão sobre a condição da juventude: a identificação com essa fase como um conjunto de etapas, socialmente normativas, que conduziriam progressivamente em direção à fase adulta. Ou seja, as etapas para tornar-se adulto – conclusão dos estudos, inserção no mercado de trabalho, abandono da casa dos pais, independência, construção de um núcleo familiar etc. – não mais seguiriam essa ordenação.

Segundo Ribeiro (2004), a transformação da juventude em um ideal social, não só aumentou sua duração, como passou a ser uma possibilidade que reaparece ao longo da vida, podendo recomeçar a qualquer momento. Dessa maneira, nos dias atuais, vive-se o rompimento de uma vida linear demarcada por fases delimitadas: infância, juventude, idade adulta, maturidade e velhice. Assim, essas etapas deixam de estar equacionadas ao longo de uma seqüência fixa e sem volta. Elas continuam tendo sentido como posições que podemos saltar, repetir ou reciclar.

No entanto, é por intermédio da seqüência de etapas que se confirma o caráter finito da fase juvenil. A quebra dela faz com que a juventude antes percebida como fase de transição e de preparação para a vida adulta, torne-se muito mais difusa, abrindo espaço para uma imbricação entre as fases. Esta pode ser observada a partir de um relato retirado do Dossiê Universo Jovem MTV 2005 de um jovem de 25 anos do sexo masculino, morador de São Paulo, já inserido no mercado de trabalho:

Na minha mesa de trabalho eu tenho dezenas de brinquedos, muppets... Em casa eu ainda faço coleção de carrinhos de matchbox. Lá no meu escritório é inteiro vermelho e eu tenho um display onde eu boto minha centena de carrinhos de matchbox. Eu não vou abandonar nunca a minha adolescência [...] (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3, 2005, p. 21).

Outra jovem de mesma idade, do sexo feminino, moradora de São Paulo, ao ser questionada sobre o abandono da adolescência, responde: “Por que abandonar, né? É muito drástico” (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3, 2005, p.21).

Os adultos, por sua vez, empenham-se em viver a juventude, não só através de investimentos no corpo e na vestimenta, mas também, através dos comportamentos, lugares que frequentam e na relação com os filhos, tratadas a partir da dimensão da amizade. Para Kehl (2004), em nossa sociedade poucos querem ocupar o lugar de adulto:

O adulto que se espelha em ideais *teen* sente-se desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou (KEHL, 2004, p. 96).

Para a autora é comum, portanto, encontrar pais que se omitem em oferecer parâmetros mínimos para orientar o crescimento dos filhos. Diante de um vácuo de referências maternas e paternas, o mercado, sua lógica e valores, acabam por ocupar esse lugar, tornando-se um forte código de referência que orienta ideologicamente e comportamentalmente crianças e jovens.

Assim, segundo Leccardi (2005), como as instituições sociais não são mais capazes de garantir aos sujeitos o sentido de sua continuidade biográfica, deixou de existir uma trajetória socialmente normalizada em direção à vida adulta. Sendo o ponto final dessa trajetória incerto, assim como os caminhos para chegar até ele, a continuidade biográfica torna-se fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sentidos sempre novos. Essa obrigação de individualização das biografias individuais seria para autora, a característica fundamental da fase histórica em que vivemos.

Castro e Corrêa (2005), nessa mesma direção de pensamento, afirmam que a individualização como princípio moral da atualidade, acarreta novas frentes de trabalho psíquico para os jovens que se vêem diante da tarefa de se constituir como sujeitos singulares nessas condições incertas do contemporâneo. Ser jovem hoje, traduziria mais do que para gerações anteriores, uma busca individualizada de um modo de ser e de se realizar. Cada vez mais, a responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso é atribuída exclusivamente ao próprio

sujeito. Esse destino coletivo de individualizar-se faz com que todos os que tomam decisões, inclusive os jovens, se defrontem, ao fazer escolhas, com os sentimentos de solidão e de angústia.

As autoras sustentam, ainda, que muitos jovens de hoje se deparam com uma situação bastante paradoxal: ao mesmo tempo que têm diante de si uma amplitude muito maior de possibilidades, não têm o que escolher. Assim, se por um lado, expandem-se os horizontes num mundo que oferece amplas oportunidades, por outro, não há um roteiro que possa facilitar o entendimento de onde oportunidades podem ser encontradas e como as escolhas devem ser feitas.

Assim, para Leccardi (2005), a partir de todas essas mudanças, o prolongamento da vida juvenil, constitui uma consequência evidente. A transformação decisiva ocorrida consistiria no desaparecimento da possibilidade de os jovens ancorarem suas experiências no mundo das instituições sociais e políticas, sendo as crises do futuro e do projeto uma expressão direta dessa dificuldade.

Para os jovens, como afirma a autora, estariam no centro dessa crise, a separação entre os caminhos de vida, os papéis sociais e os vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma mais estável de construção subjetiva.

Leccardi (2005) procura então observar as estratégias que a juventude atual está utilizando como forma de lidar com essas transformações. A partir de suas pesquisas sobre a relação dos jovens com o tempo, a autora constatou que eles estão utilizando formas diferenciadas de lidar com a incerteza de acordo com a classe social ao qual pertencem.

Nas classes mais altas, estão assumindo a postura de manterem-se abertos para a imprevisibilidade, considerando-a de forma positiva. O futuro representaria então uma grande gama de possibilidades, e eles, procurariam construir respostas em “tempo real”, agarrando-se às oportunidades à medida que elas se apresentam. Dessa forma, o controle sobre o tempo biográfico não se identifica com a capacidade de realizar projetos específicos, neutralizando eventuais imprevistos que apareçam no caminho. O controle para eles equivale à vontade de atingir objetivos gerais almejados.

Eles possuem mesmo na ausência de verdadeiros projetos existenciais, um ou mais objetivos de grande fôlego, colocados no futuro: no tocante ao trabalho, à vida privada ou ao cuidado de si mesmo.

Por outro lado, os jovens pertencentes às classes economicamente menos favorecidas, parecem sofrer com a perda do futuro progressivo e da capacidade, característica do “passado”, de propor projetos. Para eles, o futuro, fora de controle, apenas pode ser anulado,



para dar lugar a um presente cinza. Encontram refúgio em projetos de curto ou curtíssimo prazo, assumem o “presente estendido” apontado por Leccardi (2005) como área temporal de referência. Concentrar-se em uma área temporalmente delimitada permitiria a eles a construção de uma vivência do tempo como campo unificado e contínuo, subjetivamente controlável.

Assim, em uma época em que o futuro, a médio e longo prazo não pode ser discutido sem suscitar preocupações, um método de ação encontrado pelos jovens, baseado no aproveitamento das oportunidades no momento em que elas aparecem, pode apresentar, como afirma Leccardi (2005), uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade em uma chance de vida. Se, por um lado neste cenário o mecanismo de adiamento das recompensas não é adequado como padrão de referência para o agir social, alguns jovens parecem substituí-lo por modelos de ação constituídos a partir de novas formas de disciplina temporal por períodos breves, mas intensos, de programação e controle sobre o tempo cotidiano.

No entanto, essas estratégias colocam em pauta outras dimensões na construção subjetiva do jovem. Quando, como sugere Bauman (2005), para tentar manter a segurança diante do incerto, a partir de “deixar todas as portas abertas”, obriga-se que não se assumam nem se exija compromissos.

A abundância de compromissos oferecidos, mas ao mesmo tempo, a fragilidade de cada um deles, ao não inspirar confiança para investimentos de longo prazo, tanto nas relações íntimas quanto nas sociais, acaba por deixar que sobrem poucos motivos para que se ofereça e se espere lealdade, o que gera profundas conseqüências nos laços que os ligam aos outros e à sociedade.

As estratégias encontradas pelos jovens para lidar com as inseguranças de um futuro incerto delineiam as formas como estes estão se constituindo subjetivamente na atualidade. As maneiras como elaboram seus projetos de futuro geram diversas implicações para as mais variadas instâncias de sua vida, promovendo novas formas de ser e de atuar no mundo.

### **3.2 - Participação social**

Conforme apontam Castro e Correa (2005), ser jovem na atualidade significa uma busca cada vez mais individualizada por uma maneira de ser e de se realizar. A amplitude de oportunidades e ao mesmo tempo a aridez do contemporâneo fazem com que os jovens tenham que enfrentar o desafio de recriar suas possibilidades individuais.

A lógica da modernidade atual faz supor um aparente desencontro entre as construções das narrativas individuais e as regras do jogo coletivo que estão no interior dessas narrativas. No entanto, como sugerem as autoras, as possibilidades individuais abrigam-se e dependem da convivência social e das diferenças nelas existentes.

Portanto, o trabalho psíquico de construção individualizada de si ocorre juntamente com a reconfiguração do coletivo, sendo as formas de participação social, um dos aspectos mais relevantes dessa articulação entre os processos de individualização e de construção do coletivo.

É através dessa participação que, de acordo com Castro e Correa (2005), se atualizam “tanto a realização da distinção individual, como os acordos relativos aos destinos societários e às definições relativas ao que seja(m) bem(ns) comum(ns) por que lutar” (CASTRO; CORREA, 2005, p. 13).

Os jovens, como destaca Gauthier (2005), possuem posição estratégica na perspectiva das possibilidades de mudança social, pois mesmo não estando historicamente sempre a frente dela, eles constituiriam um grupo bastante sensível a ela.

Mas, para que os jovens possam tornar-se atores reais do processo de mudança é necessário que se identifiquem como um grupo capaz de realizar transformações. Assim, é preciso que haja a construção de um “nós” pelos jovens. Entretanto, como propõem Castro e Correa (2005), a rarefação de suportes institucionais e de espaços públicos de convivência, nos dias atuais, acaba por dificultar a construção desse “nós”.

Por outro lado, além dessa rarefação dos espaços públicos, os próprios jovens constroem, em suas experiências diárias, um “nós” condicionado à temporalidade em que os encontros se dão, que, como apontam as autoras, sinalizam a precariedade da invenção desse coletivo, que parece estar relacionada às incertezas e à efemeridade do contemporâneo. Este quadro desestabiliza as visões e os projetos de longo prazo, pois se a estabilidade acabou e o futuro a ninguém pertence, importa apenas dar conta do que o presente oferece.

O “nós” construído pelos jovens parece, assim, ter em sua base a lógica dos *meeting points*, núcleos sociais que, conforme Di Nallo (1999), são caracterizados pela temporalidade e pela descontinuidade. Esses núcleos são criados a partir de coágulos de interesses, de ações e de expectativas que fazem com que um possa se sobrepor ao outro de acordo com o momento.

A estrutura descrita se aproxima daquilo que Bauman (2005) denomina “comunidades guarda-roupa”, ainda mais instantâneas e marcadas pela precariedade do compromisso necessário para seu ingresso. “As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o

espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham seus casacos no cabide” (BAUMAN, 2005, p. 37). Dessa forma, segundo Castro e Correa (2005), a construção de um “nós” que resista às intempéries do presente representa para os jovens um grande desafio.

Somado a isso, a cultura contemporânea carrega uma maneira bastante contraditória de lidar com o papel do jovem. Ao mesmo tempo em que enaltece essa fase da vida, celebrando estilos e valores relacionados a ela, através da mídia, deixa-a diante de falta de condições estruturais tais como: desemprego, violência, moratória social e impossibilidade de tomar parte de decisões que a envolvem.

Assim, se por um lado a juventude é a “menina dos olhos” da nossa sociedade, por outro, há um atropelamento do seu reconhecimento como passível de atuação singular, sendo necessária a concessão de espaços em que a fala dos jovens seja ouvida como forma de facilitar e de ampará-los no processo de construção de um “nós”.

Como observa Gauthier (2005), a partir de pesquisas realizadas sobre participação social de jovens canadenses, os interesses de seus pesquisados começam através dos problemas que enfrentam na vida estudantil ou profissional. Em geral, as preocupações dos jovens estão relacionadas ao futuro do trabalho e sua possível harmonização com a vida particular, assim como com a diminuição de desigualdades entre eles.

O segundo foco de interesse dos jovens se refere à solidariedade internacional e à paz no mundo. De acordo com a autora, essa questão poderia representar que o jovem atual tem como característica a consciência da interdependência entre o local e o internacional. Outro aspecto que atrai a atenção desses jovens é a procura pela tolerância ao diferente, demonstrando uma maior abertura para as singularidades.

É interessante notar que, apesar desses jovens serem capazes de se dedicar a pequenas causas sociais nas quais acreditam valer a pena, o grande ponto fraco apresentado foi a falta de participação política. Foi notável o aparente desinteresse pela dimensão política das causas sociais. Eles atribuíram isso ao fato de considerarem a política um mundo muito afastado para que possam se engajar.

Diversos motivos podem ser causadores desse descrédito para com a política. No entanto, como afirma a autora, o engajamento social desses jovens se limita aos seus modos de vida, não permitindo considerar os projetos a longo prazo.

A pesquisa realizada pela MTV demonstrou que, no Brasil, o mundo da rua e as questões políticas e sociais não são o foco de suas preocupações. Segundo Pais (2005), documento publicado recentemente pelo Conselho da Europa sobre a participação política dos jovens europeus demonstra uma juventude desencantada com as instituições e com os modos

tradicionais dessa participação. Em nosso país, ainda segundo o autor, o panorama é similar. Em inquérito recentemente realizado com cerca de 9 milhões de jovens com idades de 15 a 24 anos, apenas 10 % mostravam interesse pela política.

Por outro lado, ganham espaço entre nossos jovens preocupações com questões referentes à estética. A beleza é percebida como fundamento para aumentar as chances de sucesso na vida e as soluções para consegui-la são cada vez mais numerosas e rápidas, apresentando enorme adesão dos que podem consumi-las. Como pode se observar, no depoimento de um grupo de jovens entre 26 e 30 anos moradores de São Paulo retirado da pesquisa realizada pela MTV:

Eu acho que as pessoas estão sobrecarregadas de coisas e não têm tempo de se cuidar e se tornam radicais. Eu não consigo manter o corpo sem barriga, então acabo fazendo uma lipo que é muito mais fácil (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3, 2005, p. 33).

A beleza, assim como os outros aspectos da vida, é percebida como uma questão de empenho e de conquista, de responsabilidade única e exclusiva do próprio jovem. E não existem limites para ela, sempre se pode ficar mais belo. Alguns desses jovens relataram que, se pudessem, abririam mão de uma parte de sua capacidade intelectual em função de um ganho equivalente em beleza.

Dessa forma, como afirma Pais (2005), o corpo tem sido palco de investimentos crescentes pelos jovens. Nesse cenário de forte reivindicação pelo uso do corpo, a cidadania problematiza-se cada vez mais nos domínios do *self*, do corpo e da sexualidade, refletindo a individualização da cultura.

Ainda de acordo com o autor, os direitos mais apelativos para os jovens são os que interferem no seu bem-estar particular. Os direitos sociais apenas são mobilizadores na medida em que expressam direitos individuais.

Por outro lado, os jovens, além de enfrentarem as incertezas da atualidade, enfrentam também como observam Castro e Correa (2005), a falta de condições estruturais que possam auxiliá-los a construir sua trajetória em direção à vida adulta. Com instâncias sociais e políticas pouco protetoras, eles voltam-se para o núcleo familiar, cada vez mais fragmentado, como o único ponto de apoio.

Pesquisa do IBOPE realizada em 2006 com jovens moradores do Rio de Janeiro revelou, segundo Aires (2006), que eles consideram como a maior garantia de um futuro promissor o fato de possuírem uma boa família. A escola, na opinião desses jovens, figuraria

em segundo lugar como possibilidade para se alcançar um bom futuro e, os políticos, em último.

Assim, conforme afirma Gonçalves (2005), o ensimesmamento nas relações de parentesco parece uma resposta possível à destituição política. Esse fenômeno foi observado pela autora principalmente nas classes de renda mais baixa.

Parece que as dificuldades apresentadas pelos jovens de hoje na construção de um espaço coletivo e na elaboração de uma versão válida e legítima da vida social pode ter um vínculo com a queda da idéia de progresso – no sentido de trabalhar em conjunto para a construção de um mundo melhor (BAUMAN, 2001).

Assim, a participação da juventude atual parece seguir uma lógica vinculada às principais formas de lidar com as incertezas do futuro, ou seja, através de ações de curto prazo. No entanto, geralmente suas ações sociais são desvinculadas ou descoladas de um viés político mais amplo. O que leva Teinturier (2000) (apud. Gauthier 2005) a afirmar que os jovens são impacientes e procuram a utilidade social imediata do seu engajamento.

Dessa forma, de acordo com Gauthier (2005), para que os jovens participem efetivamente como agentes de transformação, é necessário oferecer condições para sua integração à sociedade, bem como abrir-lhes a possibilidade de ação dentro dela. Além disso, é preciso encontrar um laço entre as suas formas de engajamento no plano pessoal, local e político, para que pensem no futuro como um projeto coletivo, e não apenas individual.

### **3.3 - Juventude e trabalho**

Conforme aponta Guimarães (2005), os jovens foram atingidos em cheio pela restrição das oportunidades de emprego que caminhou ao lado da reestruturação das empresas. Foram vítimas também do encolhimento das oportunidades nas bases da pirâmide ocupacional, que fizeram com que desaparecessem muitas formas de entrada no mercado. Além disso, foram elevados os requisitos exigidos, como experiência e escolaridade, o que dificultou ainda mais seu acesso à vida profissional.

A experiência profissional como requisito em oposição à idade dos jovens e a escassez de empregos seriam as primeiras dificuldades encontradas para a inserção no mercado de trabalho que, de acordo com Alves (2007), em matéria divulgada pela Folha de São Paulo no mês de março, corresponderiam a um grande contra-senso enfrentado por aqueles que buscam

empregos. Além disso, as altas qualificações exigidas e a impossibilidade de muitos jovens, principalmente os de renda mais baixa, terem acesso aos estudos, tornam a tentativa de ingresso no mercado de trabalho ainda mais complexa.

A crise do trabalho no Brasil, conforme aponta Pochmann (2004), seria um dos grandes responsáveis pelo distanciamento, cada vez maior, entre o que os jovens gostariam de ser, ou seja, as expectativas que têm com relação ao futuro e o que eles realmente conseguem ser, a forma como acabam tendo que lidar com a realidade que se impõe no dia-a-dia, fazendo com que os jovens passem por uma fase de transição extremamente complexa. Como ressalta o autor, a crise do trabalho rebate sobre a juventude de maneira diferenciada quando analisada do ponto de vista de uma sociedade de classes, uma vez que para os filhos de pais de rendas mais baixas parece haver maior presença de um contexto de violência, enquanto para os filhos de pais das classes média e média alta, tende a estar associado à emigração internacional.

O desemprego entre os jovens é, de acordo com Sandrini (2006), um dado preocupante. Uma pesquisa realizada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) contendo informações de 2005 revelou que do total de desempregados brasileiros, quase a metade tinham entre 16 e 24 anos. Pesquisa divulgada pela Folha de São Paulo em fevereiro de 2007, realizada por Pochmann a partir de informações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) também contendo informações do ano de 2005, apontam para resultados similares. De acordo com esta, dos 8,8 milhões de desempregados no Brasil em 2005, 4,4 milhões tinham idade entre 15 e 24 anos. Por outro lado, grande parte dos jovens que trabalham não consegue conciliar sua formação acadêmica com suas atividades de trabalho, devido às altas cargas horárias que estas ocupam.

Apesar do complexo cenário, segundo Guimarães (2005), o trabalho para os jovens está na ordem do dia. De acordo com suas pesquisas, a vida profissional é percebida por eles como uma necessidade e um direito. A atração pelo tema é bastante parecida em todas as classes, gêneros e idades, diminuindo apenas um pouco para os jovens das classes mais elevadas.

A preocupação com o desemprego já está sendo sentida por toda a juventude, sendo considerada por ela o problema de maior magnitude e um risco real, diante do qual revelam um sentimento de impotência. Os jovens também entendem o trabalho enquanto direito. Consideram a cidadania como uma “cesta de direitos sociais”, nos quais incluem o trabalho e o emprego como figurando entre os primeiros direitos da lista.

Analisando o legado subjetivo do trabalho para o jovem, este significaria, além de uma necessidade para todos, uma possibilidade de independência, de crescimento (principalmente

para os que estão trabalhando), e de auto-realização (especialmente para os que estão buscando um emprego).

Todas essas percepções, segundo Guimarães (2005), podem sugerir que o trabalho para o jovem represente ainda uma importante etapa na trajetória de construção de uma vida adulta. Sallas et al. (2003) através de um estudo com jovens de Curitiba, observaram que o assunto que mais suscitou o interesse dos jovens dentro do tema trabalho foi o relacionado ao emprego.

Em concordância com as informações citadas acima, Sallas et al. (2005) a partir de sua pesquisa apontaram que muitos jovens abandonaram os estudos em função do trabalho, o que gera uma situação que acaba por demarcar uma exclusão social, pois ficar fora da escola pode representar, na sociedade atual, o distanciamento de melhores oportunidades profissionais. Assim sendo, como afirmam os autores, estes jovens pertencentes principalmente às classes de renda mais baixa, são colocados diante de uma encruzilhada: optar entre estudar ou trabalhar.

Ainda segundo esta pesquisa, apesar de um bom número de jovens já terem ingressado no mercado de trabalho, poucos se encontram em atividades de treinamento (bolsistas, estagiários, aprendizes etc.). Os que conseguem essas oportunidades pertencem às classes de mais alto poder aquisitivo (média e média alta), principalmente. A maioria dos jovens é encontrada em empregos de baixa qualificação e fundamentalmente na área comercial.

Esses jovens consideram a escola, juntamente com a família, como responsável pela formação de seu caráter e de fundamental importância para seu futuro profissional. A ela é decretada a responsabilidade pela formação que possibilitará o ingresso no mercado de trabalho. Acreditam, portanto, que a escola deveria preparar primeiramente para a profissionalização. A formação crítica, para eles, não é responsabilidade da escola.

Na visão dos jovens das classes de alta renda, o futuro e a profissionalização passam necessariamente pelo estudo universitário. Consideram o sucesso no vestibular um grande rito de passagem. Já para os pertencentes às classes de renda mais baixa, o vestibular é encarado com receio, pois não se sentem preparados para concorrer com aqueles que consideram mais capacitados. Desejam, então, terminar a escola e ingressar no mercado o mais rápido possível. Sentem falta do ensino técnico profissionalizante, pois percebem a educação geral como perda de tempo.

Sob esta perspectiva, o significado do trabalho varia de acordo com as classes sociais. Os jovens das classes de alta renda concedem a ele um sentido mais pedagógico, uma possibilidade de aprenderem as atividades que desempenharão no futuro, quando terminarem

seu ensino superior. Já para os jovens das classes de renda mais baixas, o trabalho apresenta uma responsabilidade que logo cedo devem assumir para auxiliarem sua família.

Como pontuam Sallas et al. (2003), os sonhos e as expectativas de futuro dos jovens, de uma forma geral, aparecem de maneiras individualizadas. Eles próprios ao se compararem com seus pais, consideram que estes possuíam em suas juventudes maiores ideais coletivos e objetivos na vida. Estas formas de individualização podem ser observadas na sua fala: “eu não vou pensar nos outros” (idem p. 256), ou ainda “o mercado de trabalho é uma concorrência” (idem).

No entanto, de acordo com a pesquisa, os jovens experimentam um sentimento de desencanto e até uma visão um pouco catastrófica do futuro, pois consideram que para eles as oportunidades estão fechadas. Esse futuro parece algo que nunca alcançarão. Mesmo assim, eles persistem desejando os valores familiares considerados mais “tradicionais”.

Ao lado disso, sentem que suas vivências nos dias de hoje ocorrem mais precocemente, ou seja, entram na adolescência mais cedo. Nas palavras dos autores:

[...] essa precocidade é avaliada de modo negativo pelos jovens, até porque ela tem alterado a própria idéia da infância e da adolescência (SALLAS et al. p. 258).

Assim, como apontam os autores, mesmo que por motivos diferentes, o discurso dos jovens se encontre permeado, grande parte do tempo, pelo medo do futuro, os jovens das escolas públicas temem não conseguirem a inserção social e os das escolas particulares temem a competição, utilizando-a como justificativa para se tornarem mais individualistas.

Os estudos de Bock e Liebesny (2003) com jovens moradores de São Paulo parecem apontar em direções similares. A partir da pesquisa sobre as projeções de futuro dos jovens, concluíram que o trabalho aparece como elemento central nos seus projetos de vida. Para eles, a inserção na sociedade é realizada através de algum tipo de atividade profissional. Trabalho e vida adulta estão conectados: o primeiro é considerado quase como “natural” nesta fase.

No imaginário desses jovens, todos trabalharão, não havendo questionamento sobre as formas de inserção no mercado, talvez isso tenha ocorrido pelo fato de pertencerem a faixas etárias um pouco inferiores com relação aos estudos anteriores. As profissões mais imaginadas são as clássicas: Medicina, Direito, Engenharia etc. Porém, o trabalho aparece mais como um emprego do que como uma possibilidade de construção social, o que remete à idéia de Bauman (2001) de que dentro de uma sociedade desinvestida de futuro, o trabalho pode acabar assumindo uma dimensão estética.



Para os jovens das escolas públicas, conforme demonstrou a pesquisa de Bock e Liebesny (2003), os estudos pouco se fazem presentes em seus projetos de vida, se comparados ao trabalho e à família. Ao imaginarem seu futuro de insucesso, o explicam pela falta de estudos. Já para os jovens das escolas particulares, os estudos são uma presença natural em seu futuro.

No entanto, de uma forma geral, para todos esses jovens os projetos de vida aparecem centrados nos próprios indivíduos, não considerando a coletividade. Além disso, os jovens não se percebem como agentes de transformação: eles buscam apenas a adaptação à realidade que é oferecida. Tal quadro leva os autores à afirmação de que a juventude possui um raciocínio “mágico”, pois acreditam que as mudanças aceleradas que notam na atualidade acontecem por si só, independentes de suas ações.

Assim, os autores prosseguem sugerindo que os jovens demonstram uma enorme passividade na construção das possibilidades sociais, apesar de possuírem um considerável envolvimento para com a construção de seu futuro pessoal. Para eles, nem mesmo as mudanças que consideram importantes de se realizarem estão ao alcance de suas produções.

Em decorrência disso, Bock e Liebesny (2003) afirmam que a ideologia neoliberal perpassa fortemente os projetos dos pesquisados. No imaginário juvenil, reside a crença de que cada um deve se esforçar para alcançar o sucesso, o que gera, como conseqüência, uma autoculpabilização pelo eventual fracasso. Como se sua própria vontade e esforço não tivessem sido capazes de fazê-los “vencer na vida”.

De acordo com Frigotto (2004), a pedagogia das competências e da empregabilidade em vigor nos dias atuais, expressa, tanto no plano pedagógico quanto cultural, a ideologia do capitalismo flexível. Essa ideologia aumenta sua eficácia na medida em que enfatiza a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social e das relações de poder. Trata-se assim, “[...] de adquirir o ‘pacote’ de competências que o mercado reconhece como adequadas ao ‘novo cidadão produtivo’” (FRIGOTTO, 2004, p. 197).

Finalmente, em linhas gerais, os projetos juvenis se apresentaram de forma demasiadamente conservadora. Os jovens parecem querer ser adultos como os que estão ao seu redor. Além disso, a grande preocupação colocada foi o medo do fracasso e da frustração no futuro. As únicas possibilidades de mudanças sugeridas em poucos projetos de vida estariam ligadas ao tema do trabalho, através da participação em ações assistenciais de voluntariado, pontuais, buscando auxiliar a sociedade.

Dessa maneira, a incerteza no futuro, vivenciada nos dias atuais, acaba gerando conseqüências bastante similares no que se refere às vivências dos jovens com relação aos seus projetos de vida, à sua participação social e ao trabalho, já que esses temas estão profundamente conectados. Apesar das diferenças apresentadas de acordo com o contexto social no qual o jovem é encontrado, nota-se, a partir das pesquisas citadas, realizadas nacional e internacionalmente, que existem pontos comuns na experiência subjetiva da juventude atual.

Os jovens, de uma forma geral, têm apresentado diante da incerteza com relação ao futuro e desamparo das instituições públicas e sociais, vivências subjetivas ligadas aos sentimentos de medo e de impotência, que fazem com que acabem, em sua maioria, se ancorando no tempo presente. Essa ancoragem por sua vez impossibilita o engajamento em projetos de longo prazo e isso se reflete nas suas formas de ação, dentre elas, de participação social que, além de pequena, em sua maioria se dá através de movimentos pontuais.

Assim, os jovens enfrentam o desafio de se construírem de forma individualizada dentro do árido contemporâneo. Ao mesmo tempo, seus discursos e formas de pensar e agir demonstram pouca mobilização para mudança, como se não tivessem a capacidade de transformar a sociedade em que vivem.

## **4 - Pesquisa de Campo**

### **4.1 - Metodologia**

De acordo com Minayo (1994), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade ocupando, portanto, lugar central no interior das teorias e sendo sempre a elas referidas. Sendo assim, a metodologia utilizada na pesquisa de campo teve como objetivo ser um instrumento que unido às referências teóricas abordadas ao longo da dissertação, possibilitasse uma maior compreensão do tema pesquisado. Dessa maneira, após a construção do suporte teórico que pudesse orientar o estudo de campo, deu-se início a coleta de dados.

Optou-se pela pesquisa qualitativa já que, como aponta a autora esta procura responder a questões particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores como forma de buscar um aprofundamento no mundo dos significados, das ações e das relações humanas.

Além disso, de acordo com Gonzalez Rey (2002), a epistemologia qualitativa permite “[...] a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular e histórica, que representa a subjetividade humana” (p. 29). Dessa maneira, ela foi considerada a opção mais adequada para o alcance dos objetivos pretendidos nesta investigação.

Cabe ressaltar que a pesquisa qualitativa não tem a pretensão de abarcar todos os aspectos do fenômeno estudado, sendo uma forma de buscar aprofundar algumas questões relevantes para o entendimento deste dentro do contexto atual. Já que o fenômeno social não é passível de ser parado em seu tempo, pois é dinâmico e está em constante transformação. Além disso, como aponta Minayo (1994), o que se pode conseguir em termos dos fenômenos sociais é sempre algo que se parece muito mais como uma pintura do que com um retrato.

## 4.2 - Coleta de dados

A entrevista individual como uma técnica que se caracteriza pela comunicação verbal e assim, reforça a importância da linguagem e do significado da fala, como aponta Neto (1994), foi utilizada como instrumento de coleta de dados na pesquisa de campo.

Por ser a linguagem, segundo Aguiar (2002), mediadora da subjetividade e instrumento produzido social e historicamente, ela materializa as significações construídas no processo social e histórico. A fala constituída na relação com a história e com a cultura e expressa pelo sujeito, corresponde à maneira como este é capaz de expressar as vivências que se processam em sua subjetividade.

Assim, como afirma Marcondes (1992), ao realizarmos uma investigação partindo da linguagem, investigamos concomitantemente a sociedade da qual ela é linguagem, o contexto social e cultural na qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores. A linguagem é, portanto, como aponta Minayo (1992), um fenômeno ideológico por excelência, um campo de expressão das relações e das lutas sociais que, ao mesmo tempo, sofre os efeitos da luta e serve de material para a sua comunicação.

Sendo assim, a linguagem a partir da fala do sujeito, foi considerada, nesta pesquisa, como ponto de partida para a compreensão das construções subjetivas dos pesquisados, assim como dos significados sociais, culturais e históricos que nela estão contidos.

Nesta perspectiva, a entrevista como coleta de informações, como aponta Minayo (1992), representa a possibilidade de fazer com que a fala seja reveladora de condições estruturais, do sistema de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que os modelos culturais interiorizados são revelados em uma entrevista, eles refletem o caráter histórico e específico das relações sociais.

A preferência pelo uso da entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados se deveu ao fato desta possuir, como afirma Goldemberg (2000), entre algumas vantagens, a possibilidade de um maior aprofundamento do tema. Além deste tipo de entrevista ter como objetivo levantar dados para a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos, possibilitando o entendimento aprofundado destes, como pontua Gaskell (2002).

A entrevista semi-estruturada dispõe de um roteiro com perguntas baseadas em tópicos-guia que visam orientar a conversa com os entrevistados. Essas perguntas funcionam como facilitadores da conversa e são introduzidas à entrevista à medida que a conversa se desenrola, funcionando como fio condutor da investigação.

Assim, foi utilizado um roteiro que se encontra em anexo, contendo vinte e oito tópicos-guia relacionados aos temas abordados em campo, com o objetivo de dar conta da finalidade da pesquisa. A formulação do roteiro baseou-se nas referências obtidas na revisão bibliográfica, nos objetivos da pesquisa e na minha própria experiência com programas de estágio, com acompanhamento de jovens e sua inserção no mercado de trabalho.

Os tópicos-guia foram utilizados com flexibilidade, pois como lembra Minayo (1992), o roteiro, na entrevista semi-estruturada, deve servir como orientação para o pesquisador e não como cerceamento da fala dos entrevistados. As entrevistas foram registradas através de gravador e transcritas em sua íntegra, preservando as falas originais e suas características como gírias, repetições, erros de concordância e gramaticais que porventura aconteciam. Da mesma forma, foram mantidos na transcrição outros elementos que acompanhavam a fala como risos e pausas empregados pelos entrevistados. No entanto, foram suprimidas todas as identificações, como nomes próprios que eventualmente foram ditos pelos entrevistados, assim como nomes de instituições de ensino e de empresas, sendo substituídos por “xxxx”. Dessa maneira, as transcrições das entrevistas compuseram material para análise.

### **4.3 - Amostra**

Foram realizadas entrevistas com 7 jovens com idades que oscilaram entre 21 e 26 anos<sup>3</sup>, sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, residentes das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, estudantes de cursos de graduação, de diferentes universidades, pertencentes às classes média e média alta e que exercem a função de estagiários em uma empresa privada que atua na área de comunicação localizada na cidade do Rio de Janeiro.

Como abordado ao longo do trabalho, a juventude se caracteriza por ser múltipla e polifônica, sendo constituída por várias diferenças em função da classe, gênero, etnia, cultura etc. Desta forma, ela não pode ser definida por critérios simplificados e únicos, não sendo

---

<sup>3</sup> Apesar da ONU utilizar como critério demográfico para classificar a juventude o intervalo de 15 a 24 anos, optou-se por estender a idade dos sujeitos para realização das entrevistas pois considera-se, a partir das observações realizadas por Pochmman (2004), que esse período de 9 anos é insuficiente para dar conta da transição para a fase adulta, já que esta assume um caráter cada vez mais complexo.

possível, pela amplitude que tomaria a pesquisa de campo e as limitações encontradas para sua realização, efetuar na dissertação uma pesquisa que abarcasse as diversas facetas assumidas por essa fase da vida. Fez-se necessário, portanto, a definição de um recorte dessa grande categoria de forma a constituir um grupo com características similares. Assim, fiz a opção pela seleção de jovens que possuíssem realidades sócio-econômicas e culturais parecidas, para que, desta forma, os resultados obtidos pudessem ser mais representativos de um segmento da juventude, ou seja, de jovens moradores do Rio de Janeiro estudantes de nível superior pertencentes às classes média e média alta.

Dessa maneira, para selecionar a amostra, foi levado em consideração o fato destes jovens por fazerem parte de um programa de estágio, possuírem um perfil similar, ou seja, serem estudantes de cursos de graduação, terem participado de um rigoroso processo seletivo para a entrada no estágio, o que faz com que estes possam representar um “retrato” de algumas características que são valorizadas pelas empresas privadas e assim pelo mercado de trabalho, ao menos neste segmento, tal como este se configura na atualidade. É importante ressaltar que as experiências com o mundo do trabalho dos entrevistados não se limitavam ao estágio que estavam fazendo nessa determinada empresa, todos eles já tinham estagiado, trabalhado ou mesmo prestado serviço em outros locais: nas próprias universidades, em outras empresas privadas e em órgãos públicos.

Além disso, a opção por estagiários se deveu ao fato desses jovens estarem iniciando a experimentação no mundo do trabalho, pois apesar de já terem se inserido no mercado, encontram-se em fase de treinamento através de estágio. Localizam-se, dessa maneira, numa fase de construção de trajetórias profissionais e de vida, o que faz com que suas vivências e experiências estejam ligadas diretamente ao tema da pesquisa.

É importante destacar que o acesso aos jovens foi feito através da autorização da própria empresa. Esta encaminhou seus nomes e telefones para que fosse feito o contato. Ao iniciar a pesquisa de campo, pretendia-se realizar entrevistas com um número maior de sujeitos, no entanto, este limitou-se a 7 por dois motivos principais. Em primeiro lugar, devido à dificuldade de agendar entrevistas com os jovens pelo fato de suas rotinas, segundo os próprios, serem repletas de atividades, o que dificulta sua parada por um período por eles considerado longo (1 hora). Portanto, apesar de ter feito contato com 25 jovens, apenas 7 apresentaram disponibilidade para a realização da pesquisa, no prazo que se dispunha para a conclusão dessa investigação. Além disso, ao longo das entrevistas, as falas dos jovens em torno dos temas abordados começaram a apresentar repetição e redundância. Tomou-se,

portanto, a decisão de não recrutar novos entrevistados, pois o material coletado já se configurava como suficiente para o alcance dos objetivos da pesquisa.

De acordo com Gaskell (2002), o número de entrevistas considerado satisfatório para a realização do trabalho de campo não pode ser definido antes do seu início, isto porque as experiências subjetivas são resultantes das relações dos sujeitos com a realidade social havendo assim uma quantidade limitada de interpretações ou versões dessa realidade. Assim, em alguns casos, aumentar a quantidade de entrevistas não faz com que se atinja uma compreensão mais detalhada do fenômeno pesquisado.

É importante ressaltar que esta pesquisa não possui como objetivo a análise institucional da empresa, no entanto, com o intuito de possibilitar um melhor entendimento sobre o contexto atual de trabalho no qual se encontram os entrevistados, destaco algumas considerações bastante gerais que não comprometam o anonimato da firma. Trata-se de uma organização de grande porte na área de comunicação que possui mais de 40 anos no mercado e é referência em seu segmento. Todos os estagiários passam por um disputado processo seletivo, constituído por etapas como provas de conhecimentos gerais, raciocínio lógico, português e inglês, dinâmicas de grupo e entrevistas. O processo tem duração de aproximadamente 3 meses e o estágio em geral tem duração de 1 ano.

Com a finalidade de proteger o anonimato dos sujeitos entrevistados, todos os participantes foram divididos conforme o sexo com a identificação da letra “H” para jovens do sexo masculino e a letra “M” para jovens do sexo feminino. Após essa identificação, cada um recebeu uma numeração específica. Todas as informações biográficas que pudessem fazer com que os sujeitos fossem identificados, como área de atuação na empresa, local de moradia e universidade em que estudam foram suprimidas. No entanto, é importante pontuar que todos os informantes fazem estágio em áreas diferentes da empresa e que são estudantes das seguintes instituições de ensino: Instituto Militar de Engenharia – IME, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRJ, Universidade Federal Fluminense - UFF, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e UNIVERCIDADE.

Os entrevistados possuem os seguintes perfis:

H1 – 21 anos, estudante de Desenho Industrial.

M1 – 26 anos, estudante de Administração.

H2 – 23 anos, estudante de Comunicação com ênfase em Publicidade.

H3 – 24 anos, estudante de Engenharia.

M2 – 22 anos, estudante de Comunicação com ênfase em Jornalismo e História.

M3 – 23 anos, estudante de Comunicação com ênfase em Jornalismo.

M4 – 23 anos, estudante de Administração.

A concentração de entrevistados estudantes de Comunicação se dá, portanto, devido ao fato deste curso estar ligado diretamente ao negócio da empresa na qual realizam estágio.

#### **4.4 - Realização das entrevistas**

As entrevistas individuais foram realizadas nos meses de agosto e outubro de 2007. Os estagiários foram escolhidos de maneira aleatória pela responsável pelo programa de estágio da própria empresa que me enviou seus nomes, telefones e endereços de correio eletrônico. Fiz contato com os jovens através de telefone e correio eletrônico com o intuito de saber o interesse e a disponibilidade de cada um na participação da pesquisa.

É interessante ressaltar a preocupação dos jovens com quem fiz contato com relação à duração da entrevista. Sua expectativa era que esta durasse de 10 a 15 minutos e ao saberem que ia ser mais demorada, alguns jovens tiveram um pouco de dificuldade de conseguir tempo para a realização desta, já que em sua maioria, além das atividades acadêmicas e do estágio, realizam cursos de idiomas entre outras atividades, possuindo um cotidiano bastante corrido. Como as entrevistas foram realizadas, na maior parte das vezes, durante o horário da tarde, muitos utilizaram o tempo para almoçar. As entrevistas tiveram tempo de duração que variou entre 40 minutos e 1 hora.

Os locais de realização das entrevistas variaram de acordo com a preferência dos próprios, pois na maioria dos casos, a rotina dos entrevistados era bastante movimentada. Deixei assim, a critério de cada um a escolha do local de forma a se sentirem mais a vontade e a não interferir em seu cotidiano. Deixava claro, no entanto, a necessidade de que a entrevista fosse realizada em um local um pouco mais reservado e silencioso para que a conversa pudesse ser gravada. Assim, realizei entrevistas nas próprias universidades dos estagiários, nas proximidades do local do estágio e até mesmo em sua residência.

Segundo Gil (1991), para que a entrevista seja adequadamente desenvolvida, o estabelecimento do contato inicial representa um momento crucial. É necessário que o entrevistado, antes de mais nada, seja bem recebido. Logo depois, o entrevistador deve explicar a finalidade da entrevista, o objetivo da pesquisa, o nome da entidade a qual está vinculado, a importância que a pesquisa tem para a sociedade e a importância da colaboração



do entrevistado. É neste momento também que, segundo o autor, deve se deixar claro o caráter confidencial da entrevista e que as informações prestadas pelo entrevistado permanecerão no anonimato. O entrevistado deve nesse início, sentir-se livre de qualquer coerção, intimidação ou pressão. Esses cuidados a serem tomados no contato inicial é que possibilitam o estabelecimento do *rapport* entre entrevistador e entrevistado, facilitando o bom desenvolvimento da entrevista.

Assim, de maneira a criar um clima de abertura e confiança com cada um dos jovens, antes da realização das entrevistas, a temática, assim como os objetivos da pesquisa foram explicados, bem como o sigilo com relação a identidade dos participantes e os motivos para a gravação da entrevista. Após o esclarecimento de todos estes aspectos, dava-se início à entrevista. Essa era uma etapa importante principalmente pelo fato dos jovens possuírem vínculo com a empresa, sendo necessário deixar claro que o objetivo da pesquisa não estava vinculado à empresa e que a identidade da própria seria mantida sob sigilo, de forma que pudessem expressar-se de maneira mais aberta possível, facilitando a coleta de dados na pesquisa.

Em todas as entrevistas o roteiro foi utilizado de maneira a não deixar de lado as questões mais importantes para o alcance dos objetivos da pesquisa, no entanto, de acordo com as colocações dos entrevistados, outras perguntas foram inseridas no intuito de fazer com que eles desenvolvessem mais alguns aspectos que considere importantes para o enriquecimento do material coletado. Procurei dessa forma não me prender tão rigidamente ao roteiro e sim, criar um clima de maior informalidade durante a conversa com cada jovem. Após o término formal das entrevistas, em alguns casos, a conversa se prolongava e procurei ficar atenta também ao que era dito, fazendo algumas anotações por considerar determinadas colocações enriquecedoras para compor o material de análise.

A atitude de todos os entrevistados durante a entrevista foi de colaboração, todos procuraram se esforçar apesar de em alguns casos revelarem certa dificuldade para falar sobre algumas questões, principalmente quando estavam relacionadas com a visão de futuro e o longo prazo, fazendo que fosse necessário dizer a eles que podiam ficar tranquilos e pensar antes de responder.

Apesar da dificuldade para agendar as entrevistas e do pouco tempo que dispunham os entrevistados devido à correria de seu dia-a-dia, todos os sujeitos que participaram da pesquisa foram bastante receptivos, demonstrando grande interesse pela pesquisa, até pelo tema estar diretamente vinculado às suas vivências e preocupações do momento, já que a maioria deles estava para concluir o curso de graduação e pensando sobre trabalho e futuro

tanto profissional quanto pessoal. Assim, todos foram extremamente solícitos e demonstraram ter gostado muito de oferecerem sua contribuição para a pesquisa.

#### **4.5 - Considerações sobre a análise das entrevistas**

O objetivo da análise dos dados é buscar sentidos e compreensão. Utilizando a entrevista individual como instrumento de coleta de dados, a própria fala dos entrevistados compõe os dados a serem analisados.

Ao pesquisador, como aponta Aguiar (2002), cabe não apenas descrever a realidade, mas, principalmente, explicá-la. Assim, ele deve partir da fala do sujeito para caminhar em busca de um conhecimento que desvele a realidade pesquisada. Para compreender a fala de alguém, não basta entender suas palavras, é preciso apreender o significado nelas contidas.

É necessário, dessa forma, um esforço para ultrapassar a aparência e ir em busca de determinações históricas e sociais, que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades e interesses, para chegar ao sentido atribuído por este. E, assim, compreender o próprio processo de produção da subjetividade.

Dessa maneira, por meio da palavra com significado como unidade de análise, mais precisamente, da prática de linguagem, da palavra em movimento, tal como pontuado por Orlandi (2007) podemos compreender os aspectos cognitivos e afetivos constitutivos da subjetividade assim como o contexto na qual esta se constitui.

Dessa maneira, como forma de realizar a análise do material coletado, adotou-se como etapa preliminar, com o objetivo de sistematizar o *corpus* analítico do trabalho e classificá-lo em temáticas significativas, os pressupostos metodológicos da análise de conteúdo conforme proposto por Bardin (1994). Portanto, a análise de conteúdo foi orientada, conforme ressalta González Rey (2002), para a produção de indicadores sobre o material analisado. Dessa maneira foram criados tópicos abrangentes de forma a organizar e agrupar os conteúdos que giravam em torno de temas similares. Cada tópico constitui-se assim como um tema amplo a partir do qual foram desenvolvidos os sub-temas.

As temáticas significativas foram construídas a partir de uma orientação qualitativa. Como ressaltado por Bardin (1994), este é um procedimento mais maleável que busca não ficar limitado à frequência com que os temas aparecem na fala dos sujeitos. Os temas mais

recorrentes foram pontuados como também aqueles considerados representativos para o enriquecimento da análise. Esta etapa constituiu portanto, um momento mais descritivo da análise das entrevistas.

Após a definição dos temas e sub-temas, com o objetivo de compreender a fala dos jovens em torno destes e investigar as condições de sua produção - contexto e processo - utilizou-se como método para interpretação as recomendações teórico-metodológicas da análise de discurso, conforme propostas por Orlandi (2007).

Para Orlandi (1996), o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, portanto, a partir dele pode ser constatado o modo social de produção da linguagem. O discurso é compreendido, portanto, ainda de acordo com Orlandi (2007), como a palavra em movimento, uma prática de linguagem que permite a observação do homem falando. Isto significa que ao utilizar esta forma de análise, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Assim, analisar o discurso não é trabalhar com a língua enquanto um sistema abstrato.

A análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2007, p. 15-16).

Dessa maneira, a análise de discurso não trabalha com a lingüística, ou seja, a língua fechada nela mesma, mas sim com a idéia de que o discurso é um objeto sócio-histórico, assim como não trabalha com a história e com a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam.

Ao utilizar a análise de discurso, de acordo com Orlandi (2007), busca-se compreender como um texto significa, como um objeto simbólico produz sentidos, como é investido de significância para e por sujeitos. É portanto, como aponta Gill (2002), uma interpretação que se fundamenta em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao que está sendo estudado.

Dessa maneira, após a realização da primeira etapa, partiu-se para a interpretação do discurso dos jovens entrevistados, que em alguns momentos não se restringiu ao texto, mas também à forma como este foi apresentado durante as entrevistas – elemento que também se constitui como discurso – e a outros elementos como análise de *sites* referentes ao contexto pesquisado que pudessem enriquecer a interpretação do contexto no qual estes discursos são produzidos. A fundamentação teórica foi utilizada como base de sustentação para

interpretação na busca de se entender os valores, crenças, sentimentos e ideais que permeiam e sustentam os discursos.

## 5 - Análise e discussão das entrevistas

### Aprendizado do “perfil”: o estágio

O estágio de ensino superior é realizado pelos estudantes, em geral nos últimos anos do curso de graduação como forma de ingressarem no mercado de trabalho e iniciarem a experiência profissional na área que escolheram para atuar. Para conseguir um estágio, os estudantes de graduação normalmente participam de processos seletivos que variam de acordo com o local que o oferece. Geralmente, as seleções são constituídas por provas, dinâmicas de grupo e entrevistas. No entanto, os próprios processos seletivos parecem constituir um momento de aprendizado do que é valorizado pelo mercado de trabalho. As seleções, como revela um dos entrevistados, acabam por trazer determinados aprendizados específicos, uma espécie de “amadurecimento”.

[...] eu já tava participando de muitos processos, então já fui me habituando, já fui ficando mais preparado mais maduro pras entrevistas, acho que foi assim um processo até longo. Eu sempre passava nas provas aí no começo eu não passava nas dinâmicas, depois eu comecei a passar em todas as dinâmicas, depois as entrevistas eu ia, o processo de seleção foi que me criou uma maturidade (H2).

Esse aprendizado não estaria relacionado à aquisição de conhecimentos ligados diretamente à formação acadêmica dos jovens e sim a maneiras de se portar, a uma “postura” adequada: modo de falar, modo de se relacionar com pessoas, ou seja, há um determinado “perfil” que os jovens percebem que devem apresentar para que possam ingressar no mercado de trabalho como estagiários. Já nos processos seletivos, como coloca o estudante H3, eles começam a se preocupar em desenvolver esse “perfil”.

[...] falando na parte dos processos, enquanto os processos estavam ocorrendo eu vi também outra coisa que eu não dava tanto enfoque, era a parte assim: desenvoltura pra falar, essa parte mais de relacionamento, saber se expressar de uma forma clara, eu acho que isso foi uma coisa que me deu tipo um choque assim: caramba! Isso eu tenho que prestar bastante atenção, tenho que me esforçar pra desenvolver esse lado (H3).

Com o objetivo de analisar como se dá a seleção para estagiários de ensino superior, visitei os *sites*<sup>4</sup> de 20 empresas nacionais e multinacionais do setor privado. Pude observar que em sete delas, além de explicações de como se configura o processo seletivo há a descrição do que se procura em um estagiário, é o que denominam de “perfil”. As características que compõem esse “perfil” parecem se repetir em todas elas, sendo as mais recorrentes: adaptação às mudanças/ flexibilidade, autodesenvolvimento, comunicação, empreendedorismo, espírito de equipe, inovação/criatividade e liderança. Além destas, uma última, que apesar de aparecer apenas em uma das empresas, chama a atenção, foi por ela denominada de “impacto”.

Dessa maneira, os jovens que apresentam tais características, ou seja, possuem o “perfil” considerado adequado para a inserção nestas empresas, seriam tratados segundo uma das jovens entrevistadas, como os “talentos”. Os “talentos” são aqueles que possuem as características apontadas como importantes pelo mercado de trabalho. Ter “perfil” e assim ser um “talento” seria o que garantiria uma vaga de estágio.

[...] eles exigem talentos, assim, eu acho que é uma nova cabeça assim, então eu acho que pra quem encontra seu perfil ali no trainee ou no estágio, porque têm carreiras que nem tem estágio assim desse tipo tão focado empresarial e tal, eu acho que é uma boa porta de entrada, que eu acho que é mais fácil você entrar ali (M3).

Como definido em tom de brincadeira por um dos entrevistados, em todos os processos seletivos dos quais participou, sempre encontrou um “veterano de guerra”, ou seja, um jovem que mesmo com pouca idade, já vivenciou as mais vastas e múltiplas experiências, o que faz com que o estudante revele a preocupação de que o empenho nos estudos e a experiência em “boas empresas” não são fatores suficientes para garantir a aprovação nos processos seletivos. É necessário ter mais alguma coisa, ter “participado da guerra do Iraque”, ou seja, ter vivenciado experiências que chamem a atenção e não necessariamente estejam ligadas às atividades acadêmicas e profissionais.

[...] costumava brincar com meus amigos que toda a dinâmica que eu ia tinha um veterano de guerra, alguém que tinha participado da guerra no Iraque, sempre tem alguém que fez coisas assim que você fala assim: “meu Deus nunca pensei em fazer uma coisa dessas!” Então, tipo assim, as pessoas estão muito mais preparadas, muito mais cedo e as empresas

---

<sup>4</sup> Os *sites* pesquisados não estão relacionados nas referências bibliográficas como forma de manter o anonimato das empresas. O importante neste caso é perceber as similaridades entre os perfis buscados por estas.

exigem isso, exigem uma mão-de-obra muito mais qualificada, então assim, isso é legal por um lado, mas por outro também é um pouco preocupante porque você estuda, estuda, estuda, trabalha num lugar legal e você nunca chega ao suficiente (H2).

As experiências de estágio são percebidas pelos entrevistados como possuindo um papel importante para sua formação enquanto profissionais, um momento de transição que possibilita aprendizados de grande valia para o crescimento na área que atuarão.

Ah eu acho que é um papel fundamental, porque eu aprendo e muito lá, tô aprendendo demais, você aprende a cada dia uma coisa diferente (M2).

[...] essa transição de sair da sala de aula, passar por uma ambientação assim, no ambiente do trabalho, por assim dizer, pra depois ter um emprego, eu acho que essa transição ela é muito bem-vinda e necessária (H3).

Entre os aprendizados possibilitados pelo estágio, a forma de lidar com as pessoas, as maneiras de participar de reuniões e de falar ao telefone são consideradas pelos entrevistados como os aspectos mais positivos para sua formação enquanto profissionais. Logo, não apenas o aprender a fazer, mas também e, principalmente, o aprender a ser, possibilitado pelas experiências de estágio e pelo convívio com outros profissionais, parece ser um aspecto valorizado pelos estudantes que participaram da pesquisa.

Aqui eu tô pegando toda a base de trabalho, eu sempre falo, aprendo aqui tudo, não só da área, mas como entrar numa reunião, como falar com uma pessoa no telefone, tudo, acho que tudo que eu tô aprendendo aqui vai se importante pra... até pra eu escolher realmente o que eu quero ser, entendeu (M1)?

[...] foi essa experiência esse know how que me deu de lidar com outras pessoas, participar de grandes reuniões isso pra mim foi maravilhoso (H2).

[...] a parte de relação assim com as pessoas, relação de trabalho acho que foi muito válido eu cheguei aqui não tinha muita noção até por ter feito um estágio que não era numa empresa, era num laboratório então essa relação com profissional mesmo eu não tinha, então acho que isso foi fundamental pra qualquer emprego que eu vou buscar depois, foi muito válido. No estágio eu vi que essa parte de novo, essa parte era bastante importante, essa parte mais de interpessoal, essa relação

interpessoal é uma parte importante do trabalho, não só você sentar fazer seu trabalho, acabou, acabou, havia uma troca, porque tudo o que você faz depende de outras pessoas e o seu trabalho vai servir pra outra pessoa então essa parte de comunicação também eu acho que é bastante importante, porque também não via com esses olhos [...] (H3).

O fato de naquele momento estarem fazendo estágio em um “lugar grande” aparece, na visão dos entrevistados, como um fator que enriquece os currículos e possibilita a maior “projeção” no mercado de trabalho. Isso os ajudaria a conseguir boas oportunidades de emprego, já que seriam mais bem-vistos pelos empregadores. O “lugar grande” não está necessariamente relacionado à dimensão física ocupada pela empresa na qual estagiam ou estagiaram, mas sim pela importância a ela conferida dentro do mercado de trabalho, muitas vezes ligada à “força do nome” que a empresa possui.

Eu fazia estágio perto de casa, era uma empresa pequena, eu queria realmente trabalhar num lugar grande assim ou que tivesse uma projeção maior [...] (H1).

O estágio acho que é uma experiência maravilhosa, é um nome forte que você tem no seu currículo, né [...] (M3).

[...] é uma coisa de aprendizado mesmo, eu queria ter um aprendizado de uma grande empresa. Então eu quando eu voltei botei na minha cabeça que eu ia trabalhar numa empresa grande [...] (H2).

O dia-a-dia dentro dos estágios é apresentado pelos entrevistados como uma sucessão de várias atividades diferenciadas, não repetitivas, que exigem deles rapidez e capacidade para “fazer de tudo”. Apesar da “loucura” que se configura o cotidiano de estágio, como afirma uma das pesquisadas: “[...] a gente fica enlouquecida tentando tocar todas as matérias (M2)”, os estudantes ao falar sobre ela, apresentam um tom alegre e risonho. Essa correria e excesso de atividades significam para eles a possibilidade de sentirem-se importantes e valorizados, como pontua uma das jovens: “Acho que todo mundo para se sentir importante tem que estar atarefado” (M3).

[...] eu quero chegar em casa exausta e ter motivo, porque eu acho que, eu admiro muito quem trabalha muito, sabe [...] (M4).



Aí por exemplo, tem um projeto, aí então me envolve desde a reunião, faz a parte operacional também, que todo mundo faz, divide por igual e a gente coloca é, em prática, então assim, o meu dia-a-dia é uma loucura (risos). Como é o seu dia-a-dia? Uma loucura (risos) eu tô em tudo, toda hora surge uma coisa nova, sempre um desafio [...] (M1).

[...] a gente fazia um pouco de tudo é, de tudo mesmo, comunicação, a gente tinha, a gente fez comercial também pra divulgar, controle de estoque e chegada [...] (H2).

[...] temos os prazos e tem que saber manejar assim, cada trabalho tem, sabe? Às vezes tem prazo de 1 dia, 10 dias. A gente senta, pensa e sai fazendo (risos) (H1).

As percepções, vivências e experiências relatadas pelos entrevistados sobre os estágios que realizam ou realizaram, remetem de maneira direta ou indireta à importância concedida a estes na construção ou na tentativa de adequação a um determinado “perfil” valorizado e reconhecido no atual mercado de trabalho.

Para começar a ingressar na vida profissional é necessário ter talento, apresentar este “perfil” que se configura não só em aprender a realizar as tarefas relacionadas às suas áreas de atuação: o “saber-fazer”, mas principalmente, em adquirir maneiras de se portar e de se relacionar: o “saber-ser”. Este se refere à possibilidade de mostrar que se tem uma série de características de personalidade, nomeadas como “competências” que tornariam o profissional capaz de atingir altos desempenhos.

A passagem do modelo de produção baseado no binômio taylorismo/fordismo para modelos mais flexíveis, em especial o toyotismo, trouxe conforme apontado por Antunes (1999, 2000, 2005) diversas conseqüências de ordem econômica, social e subjetiva, já que, conforme afirma Athayde (2004) o modelo taylorista/fordista não se configurou apenas como uma forma de organização do trabalho, mas como um verdadeiro modo de regulação econômica-social-subjetiva que vigorou ao longo do século XX na sociedade ocidental.

A nova configuração do trabalho baseada nas premissas do sistema toyotista carrega, segundo Lipovetsky (2007) como forma de sustentação para o alcance de seus objetivos, discursos de gestão fortemente centrados nos potenciais dos indivíduos: iniciativa, autonomia, flexibilidade, criatividade etc, atualmente agrupados sob o nome de competências. As competências são palavras das mais variadas ligadas a comportamentos ou características. Considerando as competências observadas já citadas anteriormente, como as priorizadas por algumas empresas - adaptação às mudanças/ flexibilidade, autodesenvolvimento, comunicação, empreendedorismo, espírito de equipe, inovação/criatividade, liderança e

impacto - pode-se perceber que estas se configuram como uma transposição dos ideais e das práticas de competitividade das próprias empresas para os seres humanos.

Nos discursos de gestão atuais há, portanto, um chamado a cada profissional para o aperfeiçoamento e o empenho contínuos. É um discurso que faz um apelo cada vez maior para que os trabalhadores mobilizem e engajem suas subjetividades no alcance dos resultados esperados pela empresa.

É nesse contexto que se dá a emergência do “saber-ser” como um importante “conhecimento” a ser desenvolvido ao longo da vida profissional, como colocado pelos entrevistados, tanto para a participação nos processos seletivos quanto como aprendizado buscado dentro dos estágios.

No entanto, a ênfase dada no discurso dos entrevistados aos modos de se portar aprendidos, mostrados e avaliados parece remeter a um saber para além do “saber-ser”, um saber mais voltado para a constituição de uma determinada imagem: um “saber-parecer”.

O “saber-parecer” está diretamente ligado à noção de perfil, que na verdade se constitui como um conjunto de competências. A própria palavra perfil em si carrega a noção do “saber-parecer”. Podemos encontrar os seguintes significados segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2004) para esta noção: contorno de rosto da pessoa vista de lado; representação de um objeto que é visto só de um lado; contorno, silhueta e descrição de alguém em traços rápidos. Nesse sentido, ela está ligada a uma idéia mais superficial na captura do outro, lembrando a primazia do olhar e da imagem apontadas por Sevcenko (2001) como formas de se comunicar e de se relacionar nas grandes cidades da atualidade.

Ter experiência em um “lugar grande” parece se apresentar no discurso dos jovens como mais um importante fator para a construção de uma determinada imagem valorizada pelo mercado de trabalho. O “lugar grande” não precisa ocupar geograficamente um espaço significativo. Lugar grande adquire um novo significado: é o lugar que projeta, que causa impacto pelo nome. Transforma-se, dessa maneira, em um signo para ser rapidamente capturado pelo olhar do outro. Captura que neste caso, é feita por meio do currículo.

Ao mesmo tempo, a constituição da imagem através de signos, parece representar como lembra Harvey (2004), diante da enorme competitividade, um poderoso elemento na auto-apresentação desses jovens, passando a ser parte integrante da busca individual destes.

O sujeito dos tempos hipermodernos definido por Lipovetsky (2004): flexível, organizado, responsável que vive em uma verdadeira corrida contra o tempo, sempre atarefado parece tomar forma nas maneiras como se configuram as rotinas de estágio desses jovens. Por outro lado, o estresse ao qual o autor se refere provocado pelo cotidiano inflado de

atividades e o agir sob o ritmo da urgência não parece afetá-los. Pelo contrário, estar sempre atarefado representaria um *status*, uma maneira de pertencimento e adequação a uma realidade que consideram como “natural” e inerente ao trabalho.

### **Conexões no mercado de trabalho: os contatos**

No decorrer das entrevistas com os jovens, nota-se a emergência de uma categoria que permeou quase todos os tópicos abordados, os “contatos”. Os contatos surgem no discurso dos entrevistados como facilitadores para a inserção no mercado de trabalho.

[...] tem muito estágio, mas tem pouco emprego assim, porque depois de formado como é que você consegue? É contato, é no jornal? Porque ninguém vê anúncio de jornal pra minha área, sabe? Aí fica mais difícil, aí é contato, aí você já tá formado [...] (M3).

Os contatos são vistos como aqueles que podem fazer indicações para melhores oportunidades de emprego ou de estágio, podendo trazer algum benefício futuro. Assim, parecem ser como instrumentos que fazem parte do manancial das formas possíveis que se tem para a entrada no mercado de trabalho. Nos trechos citados em seguida é interessante perceber que a relação com os contatos se estabelece através da presença do verbo “ter”: “contatos são aqueles que você tem”. Nota-se que o estudante H1 acaba por estabelecer não apenas uma separação entre “contatos” e “pessoas” como se fossem duas categorias diferentes, como formas desiguais de se relacionar com cada uma delas.

[...] as pessoas conseguem vagas ou oportunidades melhores com os contatos que têm, com as pessoas que conhecem [...] (H1).

Hoje em dia o mercado de trabalho é muito restrito, né? Ou você tem alguns contatos que te indiquem e tal ou você tem que correr atrás de especialização, porque você saindo da faculdade sem nunca ter tido experiência, porque só o estágio também não é experiência, né? Tem que ter sido alguma experiência de trabalho depois que você tá formada e aí é muito difícil [...] (M2).

“Ter contatos” dessa maneira aparece como fundamental para os entrevistados, de maneira que a importância do estágio para a formação profissional enquanto possibilidade de aprendizado ou complemento das atividades acadêmicas é, por vezes, deslocada para um

segundo plano. O estágio pode representar para eles algo essencial pelo fato deste poder oferecer a possibilidade de estabelecer contatos.

[...] você quando começa a estagiar você adquire alguns contatos, você conhece pessoas que podem te ajudar futuramente pra sua inserção no mercado de trabalho (M4).

Hoje em dia você precisa ter experiência em alguma coisa, né? Não dá, você não tem como, você não faz contatos se você não faz um estágio [...] (M2).

A universidade por sua vez, também aparece como um local importante para o estabelecimento dos contatos. Todos são vistos como possíveis contatos, tanto alunos quanto professores. O grupo de contatos estabelecido é aqui nomeado por um dos entrevistados como rede de conhecimentos na área.

Na faculdade xxxx todo mundo tem contato, o professor te coloca em qualquer lugar porque ele tem contato porque ele tá trabalhando. Na minha faculdade não, só pessoas do saudoso xxxx da época que era uma grande empresa, sabe (M3).

[...] o que eu posso tirar pra mim de melhor da faculdade foi assim, a rede de conhecimentos dentro da área, que mesmo nesse meu primeiro estágio já pude me relacionar fora da faculdade [...] (H2).

Contatos se têm, se adquirem, se fazem. Demonstram a emergência de maneiras diferenciadas de relacionar-se dentro do universo do trabalho que são percebidas pelos entrevistados quando nele começam a sua inserção. É uma forma de relacionamento que se apresenta como um estabelecimento de conexões pouco ou nada pessoais, nas quais as ligações são mantidas na medida em que são úteis para o sujeito. Assim, o estabelecimento de contatos é percebido como uma prática necessária e nem sempre fácil seja para entrar no mercado de trabalho, seja para nele se manter: “O mais difícil acho que é você ter os contatos todos que você precisa [...]” (H1).

Os contatos agrupam-se formando as “redes de relacionamento” que um sujeito possui, estas vão sendo estabelecidas aos poucos, através dos estágios, da universidade e de outros locais variados. Parece que qualquer lugar em que haja um agrupamento de pessoas se apresenta como meio para o estabelecimento de contatos. Uma grande rede de relacionamentos não só representa a possibilidade de rápida re-inserção no mercado, mas também aparece como certo símbolo de *status*. Ao falar das redes e dos contatos, como

coloca um dos entrevistados, são utilizados os termos na língua inglesa “network” ou “networking”. O *network* remete ao linguajar da tecnologia e dos sistemas: conexões mantidas entre pessoas que trabalham juntas como um sistema. O *networking* se apresenta como a ação de estabelecer e manter contato, referindo-se, portanto, a uma forma específica de relacionar-se socialmente.

O que eu percebi diferente é que quando você tá dentro do mercado de trabalho é muito mais fácil você [...] até através de relacionamento mesmo, desenvolver um networking você possa voltar a trabalhar mais rápido. Então assim, isso que assim, meu desenvolvimento que eu achei mais legal é que eu consegui desenvolver meu network, pessoas que gostam de mim, que valorizam meu trabalho que eu possa ser re-inserido novamente o mais rápido, mais rapidamente, agora [...] (H2).

A forte presença dos contatos no discurso dos jovens entrevistados revela a ânsia atual por relacionar-se descrita por Bauman (2001, 2004). Estabelecer contatos é, no entanto, como o próprio autor sustenta, uma forma de relacionamento realizada a partir de frágeis laços. O ideal de conectividade inerente ao mundo da tecnologia, dos computadores e da virtualidade que transforma relacionamentos em “redes” parece assim ser transportado para o cotidiano desses jovens.

No entanto, o contato não remete apenas a uma forma de relacionar-se. O contato, dentro do discurso dos entrevistados, constitui-se primordialmente como uma nova “categoria” de ser humano. Os entrevistados parecem assim ter realizado uma cisão entre pessoas e contatos. As pessoas são reconhecidas em seu caráter de humanidade, portanto com elas as relações são mantidas com maior proximidade, havendo a presença de vínculos afetivos. Já os contatos são como “coisas”, despersonalizados, não possuem nome, endereço ou história. Em todos os lugares há uma série de pessoas reificadas que podem ser transformadas em mais um ponto a ser interligado na vasta rede. Portanto, são relações na qual o caráter de humanidade parece suspenso, são, nesse sentido, relações “deshumanizadas”. Sendo assim, não é estranho que o vocabulário dos computadores e da Internet seja transportado para a linguagem desses jovens ao falarem desse tipo de relação.

Essa maneira de se relacionar diferencia-se das formas abordadas por Sevcenko (2001) que emergiram no cenário da grande cidade. Não parecem regidas necessariamente pela lógica do olhar e da imagem, mas sim pela lógica da utilidade. Constituem-se como as relações úteis estabelecidas com um intuito específico: pertencer ao mercado de trabalho. E,

assim, o ideal da conectividade mantém como base de sustentação, neste caso, a lógica do que é útil para cada um individualmente.

Dentro do cenário de competitividade e de escassez de emprego, os contatos são aqueles que poderiam garantir a cada um a inserção ou re-inserção no mercado de trabalho. Esse modo de lidar com as pessoas parece de alguma maneira ser favorecido pelo cenário de trabalho atual, marcado pelo desemprego e pelo aumento das formas de trabalho precário como apontam Antunes (2006), Vasapollo (2006), Mèzaros e Pochmann (2004, 2006). Acaba por lembrar a afirmação de Castel (1998) de que o contexto no qual se vive acaba por construir na sociedade um individualismo negativo: cada um deve pensar primordialmente em si mesmo, na tentativa de não ficar à deriva.

Noção também sustentada por Bauman (2001) para quem a incerteza enquanto falta de garantias que um sujeito possui se constitui como poderosa força individualizadora, que divide ao invés de unir. Já, de acordo com Dejours (2005), o atual cenário do mercado, juntamente com as novas práticas de gestão em vigor leva ao isolamento dos indivíduos e, como consequência mais perigosa, a falta de reconhecimento daquilo que os homens têm em comum.

Esse contexto, portanto, parece favorecer a constituição de relacionamentos e de formas de “enxergar” as pessoas tais quais presentes nos discursos dos jovens. No entanto, a falta de problematização, crítica ou questionamento em relação aos contatos, como é apresentado nas falas dos entrevistados, faz parecer que esse modo de relacionar-se e de considerar as pessoas é “natural”, não havendo, portanto todo um cenário cultural, social e econômico assim como uma ideologia que, de alguma forma, o sustenta.

### **Trabalho, sucesso e carreira: significados, re-significações e expectativas**

Os entrevistados concedem ao trabalho um papel fundamental não apenas em suas vidas, como também na vida das pessoas ao redor. Este é percebido não só como a possibilidade de adquirir independência e crescimento financeiro, mas, principalmente um meio para a realização e a satisfação individual.

Ah eu acho que o trabalho ele representa uma das partes principais da vida, né [...] acho que assim, corre muito junto com a família, o trabalho porque você na verdade você trabalha, a verdade mesmo o que é prioritário na vida de uma pessoa na minha forma de ver é a família e o trabalho é o que dá sustentação né [...] (H2).

Eu acho que o trabalho é mais do que ganhar dinheiro, eu acho que é crescimento sim, é satisfação, assim eu acho que é orgulho assim, é você tá satisfeito com que você apresentou, com que você tá apresentando, com seu crescimento, não ficar assim pra sempre no mesmo [...] (M3).

[...] eu espero que o trabalho me realize muito, eu não quero trabalhar sair de casa, pra fazer minha, meu, bater ponto no trabalho e voltar: tá, acabou minha hora de trabalho. Eu quero sempre tá me realizando profissionalmente (M1).

O trabalho como possibilidade de realização individual traz consigo a associação ao prazer. A necessidade de fazer o que gostam e gostarem do que fazem permeia suas falas em uma mescla na qual trabalho e prazer aparecem como instâncias quase que indissociáveis.

[...] e realização profissional também né[...] porque se você tá fazendo o que você gosta, o trabalho não só é pra trazer dinheiro né [...] pra fazer outras coisas, mas também como uma realização (H2).

[...] eu não gosto, eu não gosto de você depender financeiramente então eu acho que o trabalho te traz uma independência financeira e mesmo que não traga independência financeira, é uma satisfação mesmo, sabe? Você não, eu não me vejo estudando em duas faculdades, fazendo um monte de cursos nã nã nã pra, pra nunca aplicar isso, tem gente que se forma e nunca trabalha, sabe? Eu não quero assim, gastar minha vida estudando e nunca colocar aquilo em prática, eu gosto muito de trabalhar (M3).

O sucesso profissional é percebido como a possibilidade de realização individual e de reconhecimento. O reconhecimento aparece como a base fundamental do sucesso. No entanto, o reconhecimento do qual falam não está associado primordialmente a receber retorno financeiro pelo trabalho realizado, nem a conseguir posições hierárquicas mais altas ou que possam conferir-lhes poder e *status*. Eles esperam que os talentos e os potenciais que acreditam terem sejam reconhecidos. Portanto, ter sucesso é receber elogios, é importante saber que os outros reconhecem que eles são bons naquilo que fazem. E assim, o retorno financeiro e o crescimento profissional viriam como conseqüências naturais para os bons profissionais.

Sucesso é eu conseguir fazer o que eu quero e os outros gostarem (risos) (H1).

Essa realização, sucesso não é, pra mim não é ser gerente, diretor, não [...] (M1).

[...] ser reconhecido, ser elogiado, sucesso profissional pra mim é isso, acho que é basicamente isso mesmo (H2).

É você ser reconhecida, é as pessoas saberem que você é boa naquilo que você faz e você saber que você é boa naquilo que você faz. E aí o sucesso profissional não vem só financeiramente, óbvio que financeiramente é um passo mas muito pelo contrário, é você fazer aquilo que você gosta [...] (M4).

Para atingir o sucesso profissional, os entrevistados acreditam não apenas ser necessário gostar do que fazem, mas empregar “amor” ao que é feito e dedicar-se muito. A crença principal é que o sucesso ao qual se referem depende apenas do esforço individual de cada um.

[...] acho que o principal é dedicação. Que às vezes até eu me pego assim: pô será que eu tô meio parado sabe, quando a gente consegue uma coisa meio que dá uma relaxada, mas acho que tem que tá sempre se dedicando e correndo atrás e não pode parar, sabe? É por aí (H1).

É necessário você gostar de trabalhar, fazer o que você, gostar do seu trabalho, fazer sempre com prazer até as tarefas mais [simples] as tarefas que podem ser consideradas mais inúteis, é você fazer aquilo com amor, fazer aquilo com prazer (M1).

Além disso, é preciso “correr atrás”, não é permitido “ficar parado”. A linguagem do constante movimento e da busca incessante pelo novo perpassa todo o discurso dos jovens. É preciso “olhar”, “buscar”, “procurar” sempre uma novidade: aprendizados diferenciados, cursos, maneiras de se portar. “Ficar parado” é algo que pode impedir o crescimento e o sucesso profissional. Estar em movimento se configura praticamente como um modo de ser necessário, uma “postura” fundamental a ser adotada. As pessoas que “ficam paradas” e que “fazem a mesma atividade” são percebidas de forma negativa, pessoas que não possuem sucesso. O insucesso destas é, para os entrevistados, resultado da postura de “imobilidade” que elas mesmas adotam.



Acho que é você estudar muito, nunca pode parar de estudar, porque você sempre tem alguma coisa pra aprender, acho que você tem que saber muito trabalhar em equipe porque hoje em dia você não consegue uma coisa sozinha, você tem que saber trabalhar em equipe e você tem que tentar buscar o seu lugar no mercado, também não vai ficar parado esperando as coisas caírem do céu, você tem que conquistar aquilo que você quer (M3).

Isso que eu busco assim é não parar de jeito nenhum [...] sabe, eu acho que [...] porque, você fazer faculdade, você fica ali fazendo a mesma atividade acho que isso não é o que eu imagino como sucesso não, pra mim é ir conquistando, acho que é por aí [...] (M2).

Acho que a postura das pessoas hoje em dia é fundamental, acho que você tem que buscar, sabe? Eu acho que, eu vejo pessoas que às vezes ficam meio paradas, será que essa pessoa buscou dentro do trabalho dela alguma coisa pra fazer um diferencial? De repente participar de outros projetos, se diferenciando daqueles demais... acho que a postura do profissional, acho que a pessoa buscar olhar, tá sempre atenta e hoje em dia, todo mundo fala que você não pode ficar parado, não pode parar de estudar, você tem que buscar uma especialização, um diferencial, acho que, as pessoas têm que procurar tem que, sabe? Correr atrás [...] (M4).

[...] porque eu acho que quando você faz um trabalho e as pessoas reconhecem isso é automático até, o que eu falei, de crescimento, logo você cresce, acho que isso é a melhor coisa que tem, é você trabalhar, se especializar enfim correr atrás e vir a recompensa, sabe (M3)?

Carreira para os entrevistados é associada à satisfação, ao crescimento, à valorização/reconhecimento e ao desenvolvimento pessoal/profissional. A noção de carreira acaba dessa maneira por integrar os significados que concedem ao trabalho e ao sucesso profissional. Pela significação fornecida à palavra carreira, percebe-se que esta aparece praticamente como um sinônimo de sucesso profissional.

Carreira é desenvolvimento, desenvolvimento pessoal, profissional e valorização, eu acho que assim que você falou essa palavra pra mim foram esses conceitos que vieram na minha cabeça (H2).

Carreira, eu vejo como assim uma ascensão profissional pra reconhecimento financeiro, reconhecimento da empresa [...] (H3).

O sentido de carreira, normalmente ligado a um percurso que deve ser percorrido por um profissional para atingir um determinado fim é assim re-significado pelos entrevistados. “Não ficar parado vendo as coisas acontecerem” e “estar sempre fazendo alguma coisa, ter sempre o que fazer” são como aponta M2, as formas de construir e “planejar” a carreira. A idéia de permanecer em movimento aparece, mais uma vez, assumindo nova coloração.

Ah não sei, eu associo carreira a satisfação pessoal mesmo, porque eu planejo muito a minha carreira, eu não fico, não sou de ficar parada vendo as coisas acontecerem, eu planejo muito até porque é uma coisa que eu quero construir, uma carreira profissional, eu não quero. É o que eu te falei, né? Eu não quero ficar dependendo financeiramente de ninguém como muitas mulheres faziam antigamente, e eu quero colocar em prática o meu estudo, eu gosto disso, da independência financeira, de você tá sempre fazendo alguma coisa, de você ter o que fazer, sabe? Eu acho assim, que já passou aquela época em que a mulher ficava em casa com os filhos e, sei lá, ia pra academia e alguma coisa assim, eu acho que eu quero correr atrás de alguma coisa a mais, sabe? E carreira significa isso pra mim (M2).

Para conseguir a satisfação almejada, segundo os entrevistados, faz-se necessário adotar uma postura de “desapego”, portanto, partem do princípio que não devem se apegar aos futuros empregos, empresas ou mesmo profissões. A mutabilidade transforma o desenvolvimento do percurso profissional em um emaranhado de experiências (diferentes empregos, diversas empresas, múltiplas atividades) que devem ser realizadas ao longo da vida com a finalidade de que a realização pessoal seja atingida.

[...] eu não pretendo ficar apegada a um emprego só porque é uma ótima empresa, porque eu gosto, porque eu gosto de ser livre, porque eu não quero fazer a mesma coisa pro resto da minha vida (M3).

[...] e hoje em dia não é assim, as pessoas são, é, se desapegam muito fácil a aquilo, porque se você vê que não tá surtindo o efeito que você gostaria que tivesse, você vai procurar uma outra coisa [...] (M2).

Assim, o trabalho para os entrevistados parece possuir importância central, enquanto categoria para a formação de suas identidades, enquanto sujeitos. Essa importância parece se dar em duas direções. A primeira vinculada à noção de indivíduo construída ao longo da modernidade, como abordado por Mancebo (2004) e Velho (1999). A segunda ligada às

formas como este se constitui na atualidade, no sentido das características abordadas por Antunes (2000) e Sennett (2001).

O trabalho aparece como mecanismo primordial para a realização dos desejos individuais dos entrevistados, portanto trabalho e prazer parecem ser indissociáveis para esses jovens. A independência financeira e outros fatores normalmente associados ao trabalho, apesar de citados, parecem, para esses jovens, ficar em segundo plano. O trabalho como realização aparece, assim, como um meio que possibilitaria a emergência e a atualização de todos os potenciais que acreditam residirem em seu rico mundo interior. Essa noção naturalizada de indivíduo como portador de uma gama de potencialidades que devem ser colocadas em prática durante a vida, como aponta Velho (1999) parece ainda mais arraigada no ideário das classes média e alta, a qual os entrevistados pertencem. Além disso, o fato de poderem contar com o apoio financeiro dos pais sem precisarem preocupar-se tão imediatamente com os próprios meios de subsistência, pode fazer com que o trabalho como dimensão para sobrevivência não faça muito sentido para esses jovens.

A noção de sucesso profissional apresentada pelos jovens, ou seja, como estando diretamente ligada a idéia de reconhecimento dos seus potenciais (os elogios, o reconhecimento de que são bons) também sustenta a percepção destes quanto à importância conferida ao trabalho citada acima. Como consequência dessa noção e juntamente com ela o trabalho parece acabar adquirindo um outro e fundamental sentido para esse jovens: uma possibilidade de ainda o utilizarem como base para a construção de sua identidade.

As formas de trabalho atuais, apontadas por Sennett (2001), Antunes (2000) e Dejours (2005) baseadas nas práticas da flexibilidade, nas mudanças constantes de atividades, na utilização cada vez maior de tecnologia, juntamente com a volatilidade dos próprios empregos, conduzem cada vez mais ao estranhamento do trabalho, ou seja, a dificuldade de identificação do trabalhador com a atividade realizada e assim de utilizá-lo como uma base mais “sólida” para a construção da identidade.

Assim, os reconhecimentos e os elogios aparecem para os entrevistados, diante do citado cenário de trabalho, como uma forma diferenciada de buscar sentidos, não necessariamente ligada às atividades que realizam, nem às profissões que possuem, mas como maneira de confirmar as características que eles acreditam ter e assim, funcionar como mecanismo para sua construção subjetiva.

A noção de carreira apresentada pelos jovens segue a direção da idéia apresentada por Sennett (2001), deixando de ser percebida como um canal para atividades produtivas de alguém ao longo da vida, ou seja, como um trilho ou uma trajetória “reta” a ser seguida, como

algo vinculado às noções de planejamento e de longo prazo. O sentido de carreira é dessa maneira re-significado, estando associado ao significado do sucesso, ou seja, carreira é conseguir sucesso e reconhecimento.

Na busca da carreira, emerge no discurso dos entrevistados a necessidade do permanente movimento e da necessidade de não se prender a nada, de deixar sempre as portas abertas, como formas de ser e de estar no mundo contemporâneo citadas por Bauman (2001). O nomadismo tal como referido pelo autor, a impossibilidade de ficar parado, é assumido pelos entrevistados como forma principal de conseguirem constituir uma carreira e obter sucesso dentro do volátil mercado de trabalho, no qual tudo parece mudar muito rapidamente. O nomadismo no discurso dos jovens assume diversas conotações: correr atrás do que se quer, buscar cursos variados e novas atividades para realizar dentro do próprio ambiente de trabalho, mudar de emprego constantemente com o intuito de conseguir satisfação individual, enfim, o que importa é se mexer e portanto, ninguém pode ficar parado.

### **A competitividade feroz: visões do mercado de trabalho**

O mercado de trabalho atual é percebido pelos entrevistados como um ambiente caracterizado pela alta competitividade e pelas rápidas mudanças que exigem a constante busca por qualificações e especializações, é necessário ter uma “super hiper qualificação” que envolve além da conclusão do ensino superior, a realização de MBA’s, pós-graduações, conhecimento de idiomas, cursos de informática etc. Para poderem concorrer nesse mercado “feroz” é necessário “estar sempre ligado”, ou seja, nunca parar.

Bem competitivo, bem estreito, tem que se virar pra entrar nele e pra se manter também, porque tudo acontece muito rápido, né? Tem sempre um programa novo, um concurso, uma, sei lá, tem que tá sempre ligado (H1).

[...] hoje em dia não, você tem que ter uma super hiper qualificação e isso não significa nada já, né (M1)?

[...] hoje se formam na faculdade assim um monte de turmas por ano, então muita gente no mercado assim especializada, né, já formada com ensino superior concorrendo. Antes eu acho que era muito menor esse

número, então quem tivesse uma especialização já era o diferencial e, mesmo quem não tivesse também, era muito mais fácil, agora concorrência feroz (risos) (M4).

[...] uma coisa que eu reparei bastante é que às vezes a formação não é o diferencial, acho que ter uma língua estrangeira é o diferencial [...] (H3).

Os jovens notam as modificações sofridas pelo mercado de trabalho nos últimos anos. Para eles, o mercado de “antigamente”, era menos competitivo, exigia menos qualificações. Era mais fácil ter retorno financeiro e havia a possibilidade de se constituir uma carreira, neste contexto, os entrevistados concedem ao mercado de alguns anos atrás um sentido diferenciado: a possibilidade de trabalhar em um mesmo lugar por um longo período, “a vida inteira”. Desta maneira, aparecem em seus discursos dois significados distintos para a palavra “carreira” que estariam vinculados à maneira como eles a enxergam nos dias de hoje e a forma como acreditam que se configurava no “tempo dos seus pais”.

Pô antes era, eu acredito que tenha sido muito mais fácil assim de fazer dinheiro, tipo, tinha menos pessoas, né (H1) ?

[...] a maioria dos pais das amigas minhas, os meus pais e tal, eles trabalharam numa mesma empresa a vida inteira, né (M2)?

Sei lá, acho que hoje o mercado é muito, é muito volátil assim [...] cada hora você tá numa empresa, antigamente não era assim, a pessoa entrava numa empresa e ia se aposentar nessa empresa e hoje em dia não é assim [...] (M4).

[...] porque antigamente quem tinha faculdade se destacava quem tinha uma pós era o máximo e hoje em dia, é muito rápido, tudo muito rápido, você tem que tá, se você fica pra trás um segundo, porque já mudou tudo, a informática, é, os cursos, então você tem que tá correndo, é muito desgastante e antigamente você fazia uma carreira, entrando num banco, você, você poderia virar um diretor, é, a competição não era a mesma (M1).

A competitividade acirrada do mercado atual, a necessidade de alta qualificação e do ritmo de vida corrido que os entrevistados levam, faz com que demonstrem certa preocupação. No entanto, revelam ao mesmo tempo sentimentos positivos e negativos com relação a essas características que observam no mercado de trabalho, aparecendo em seu discurso, certo antagonismo.

[...] a gente teve uma imagem que a gente não pode parar um pouco a gente fica meio que preocupado assim, agora eu preciso... eu não posso ficar parado, eu preciso fazer alguma coisa, isso por um lado é bom, mas por outro lado é ruim também [...] (H2).

Apesar do mercado ser percebido pelos entrevistados como muito competitivo e com poucas vagas de emprego, a noção de que para conseguir ofertas de emprego basta que o profissional seja “bom”, aparece de forma recorrente em suas falas.

[...] porque hoje em dia se você é bom você consegue ofertas de trabalho legais e ao mesmo tempo acho que tá bem mais competitivo do que antigamente, porque cada vez mais pessoas fazendo faculdade, cada vez mais pessoas qualificadas [...] (M2).

Então eu acho que entrar no mercado de trabalho é o mais difícil, começar, depois que você começa se você realmente for bom, que eu vejo muita gente entrando também que perde a oportunidade, se você for bom, você consegue ficar (M1).

Assim, a noção de que tudo depende de cada um individualmente permeia o discurso dos entrevistados o tempo todo. Uma das jovens afirma que o mercado de trabalho não está difícil, pelo contrário, há falta de profissionais qualificados.

Mas se uma pessoa tá qualificada tem vaga e eu não achava isso antes. Achava que, porque o que a gente ouve é que não tem, o mercado de trabalho está saturado. Não tá saturado, tá faltando profissionais bons, é isso que eu acho, tá faltando gente qualificada (M2).

Não se prender a lugar algum, ter flexibilidade para sair do estado onde moram e até mesmo do país parece como algo naturalmente aceito pelos jovens entrevistados, uma “realidade” a qual não só eles próprios como seus amigos se adaptarão. Dessa maneira, as chances de emprego aumentam e o número de possibilidades se amplifica.

[...] eu acho que agora pra arrumar um emprego não pode se prender muito ao lugar onde você mora, acho que você tem que ter essa flexibilidade de trabalhar em vários lugares (H3).

[...] por exemplo, acho que as pessoas hoje em dia estão muito mais dispostas a ser mudar, pra fora, trabalhar em outro lugar, sabe em outra

cidade, então fica todo mundo assim: quem tem coragem? Quem vai? Isso que eu acho que também mudou muito com relação aos meus pais, acho que as pessoas tem muito menos medo disso assim (M3).

[...] hoje em dia tem que ter essa flexibilidade, eu acho que se quiser arrumar um bom emprego, não pode ficar muito restrito (M4).

Mudar-se é assim percebido como algo natural e positivo, o “nomadismo” é, como ressaltado pela fala de um dos entrevistados, percebido como uma possibilidade de ter acesso a novidades de diversas ordens: pessoas diferentes, culturas diferentes, experiências variadas vistas como importantes e enriquecedoras que influenciam e facilitam o processo de amadurecimento.

[...] eu não considero de repente me mudar uma coisa de atrapalhar, é conhecer novas coisas, conhecer novas pessoas, isso contribui pro meu processo de maturidade também, então acho que basicamente é isso, acho que essa que é a minha visão (H2).

As dificuldades do mercado de trabalho, a alta competitividade e a ênfase nas altas qualificações são as características mais marcantes do mercado de trabalho atual para os jovens entrevistados.

É interessante notar que para eles existem diferenças nítidas entre o mercado dos dias de hoje e o mercado de aproximadamente vinte ou trinta anos atrás, quando seus pais iniciaram a vida profissional. Essas diferenças parecem se configurar em torno das discussões promovidas por Bauman (2001), Sennett (2002) e Antunes (2000, 2005), acerca das mudanças no mundo do trabalho, como a emergência de formas mais flexíveis na sua organização e a série de conseqüências que estas ocasionaram.

Assim, os entrevistados parecem acreditar que o mercado de trabalho de alguns anos atrás era mais “fácil” do que o dos dias de hoje. Essas percepções parecem girar em torno principalmente de uma idéia principal: a noção de estabilidade. Apesar de não terem utilizado essa palavra, a noção vem embutida juntamente com as percepções da possibilidade de permanência em um mesmo local de trabalho por longos períodos, da construção de uma carreira e da menor exigência com relação ao grau de qualificação educacional. Estabilidade

liga-se também dessa maneira com a idéia de permanência e, de alguma maneira, de pouco movimento.

A emergência do modelo japonês de trabalho, conforme apontam Navarro e Padilha (2007) traz à tona, entre diversas outras questões, a necessidade do trabalhador ser polivalente, altamente qualificado e multiprofissional, que acaba muitas vezes fazendo com que fiquem, na verdade, sobrecarregados de trabalho e com a responsabilidade de nunca pararem de se desenvolver, buscando mais e mais qualificações. Mais uma vez essas exigências vêm carregadas de uma ideologia que procura o engajamento subjetivo cada vez maior dos profissionais, conforme apontado por Lipovetsky (2007).

Assim a sensação que novamente surge entre os entrevistados é que eles não podem ficar parados dentro de um mercado que muda muito rápido. Isso gera neles sentimentos paradoxais: ficar em constante movimento é bom, mas também pode cansar. Dessa forma, seu movimento parece como aponta Sevcenko (2001), acompanhar os ritmos acelerados das cidades e das máquinas, de uma maneira mais ampla, do rápido “mundo” no qual estão inseridos. Mas, as máquinas às quais devem adaptar seus movimentos são cada vez mais rápidas. O relógio, como aponta Elias (1998) como instrumento de regulação social parece estar sendo substituído pelo tempo quase instantâneo dos computadores e da Internet: ao invés de acompanharem os ritmos dos ponteiros dos relógios, esses jovens parecem tentar seguir o fluxo intenso e ininterrupto dos *bits e bytes*. Essa parece ser a vivência subjetiva do fenômeno de compressão espaço-temporal, como observado por Harvey (1994), que pode ser observado nos comportamentos dos jovens no que se refere ao trabalho.

Apesar de perceberem as dificuldades do mercado de trabalho, a crença que os entrevistados demonstraram possuir em si mesmos parece fazer com que tenham quase a certeza de que sempre haverá para eles um lugar no mercado, já que correm atrás e se esforçam para alcançar seus objetivos. Essa crença é colocada de maneira espontânea pelos jovens, sem ser questionada. O que parece, portanto, sustentar seu discurso é o ideal de individualização como ideologia e grande princípio moral da atualidade conforme apontado Bauman (1999) e Castro e Corrêa (2005).

Por outro lado, a crença em si mesmo e a dedicação individual parece ser o que sobra para que esses jovens consigam diante de um complexo e árido cenário, garantir um “espaço” no mercado de trabalho.



## Dois mundos distintos: a vida acadêmica

Apesar dos entrevistados pertencerem a universidades e cursos diferentes, as questões com relação ao papel desta para sua formação profissional e até mesmo as carências por eles apontadas aparecem em todos os discursos. A universidade é vista pelos entrevistados como importante na sua formação profissional no sentido de construir a base teórica que carregam consigo para o mercado de trabalho, é o espaço que possibilita a formação de uma visão mais ampla, mais crítica.

[...] na minha profissão tem muitas pessoas que não são formadas e fazem a mesma coisa, que mexem em computador e tal. Mas acho que a faculdade te abre assim um universo sabe, você fica em contato com., é, todo mundo, sei lá, pintores, fotografia, tudo. Você abre um universo que acho que quem tá só direto no computador, photoshop, não sei o quê, não tem. Acho que fica faltando alguma coisa assim, base mesmo, teórica (H1).

[...] é o embasamento teórico mesmo, você fica mais crítica, você aprende, você amadurece, você aprende a ver as coisas de uma maneira diferente, eu acho muito importante (M3).

Essa formação mais ampla é valorizada, conforme ressalta um dos entrevistados, na medida em que fornece maior abertura e flexibilidade para atuar em diversos campos de trabalho.

[...] uma formação bastante ampla que me dá uma flexibilidade pra atuar em várias áreas, esse eu vejo como principal... principal característica assim da minha formação, do que foi feito lá. Nem tanto na parte técnica porque o que a gente vê lá é bastante teórico, então na parte prática mesmo, então nada muito de aplicação direta. Então essa formação mais teórica que dá essa flexibilidade, fazer várias coisas (H3).

Apesar da valorização da formação teórica, consideram que há um determinado abismo entre seus cursos de graduação e as exigências do mercado de trabalho, este estaria ligado à necessidade de aprendizados mais técnicos e específicos, normalmente ligados à informática e à computação, que acreditam poderiam ser oferecidos também pela

universidade. Buscam suprir a deficiência que consideram existir “correndo atrás” de cursos e especializações.

[...] porque a faculdade, ela é muito defasada em relação a matemática mesmo, conta, o pacote office, excel, a gente não trabalha isso muito (H2).

[...] tem algumas carências da faculdade que você, na hora que vai pro estágio você fala, ou eu não aprendi assim ou eu nem vi isso [...] (M3).

[...] a faculdade porque não é uma coisa que prepara pro mercado de trabalho, você aprende, eu acho a faculdade muito dispersa assim, não disse pra que veio. Você aprende um pouquinho de cada coisa, sabe. Então você tem que procurar cursos extras, porque só a faculdade não te ajuda a ser um bom profissional não (M2).

[...] não tem como você entrar no mercado de trabalho tendo seis meses de aulinha, você tem que procurar cursos de, sei lá, de computador [...] (M2).

Assim, a função que acreditam que a graduação deveria ter para sua vida profissional aparece, por vezes, um pouco indefinida e confusa para os entrevistados. Ao mesmo tempo em que consideram a importância da formação de base teórica, acham que a universidade deveria ter oferecido a eles um aprendizado mais prático, voltado diretamente para o mercado de trabalho, o que inclui além de questões mais técnicas, como cursos de informática, o aprendizado de competências não necessariamente cognitivas, como dicas sobre o mercado de trabalho e sobre oportunidades de estágio.

Ah ajudou assim, você encontra muita coisa prática assim do que você estudou na teoria. Mas eu acho que as faculdades assim têm muitas carências em relação a alguns pontos assim, que você não tá tão preparado pra entrar no estágio, mas assim eu também eu acredito que o estágio seja o complemento (M3).

Você tem um professor que, é acadêmico. A única coisa que eu sinto falta é que às vezes eles não são tão de mercado que eles já saíram sabe? Não dão dicas do que tá rolando agora e tal [...] (M4).

[...] de ajuda profissional não teve muito assim não, de coisa prática, de dica: professor chegar pra você: olha sabe, tem um estágio em tal lugar, eles tão precisando. Isso eu não tive, tive muito de coisa acadêmica, você cria uma cabeça diferente (M3).

Entre os estudos e o estágio, os entrevistados preferem dar prioridade à experiência profissional, mesmo quando isso representa algum prejuízo para a vida acadêmica, como prorrogar a formatura ou não ter bom desempenho nas matérias cursadas. Em seus relatos, os jovens afirmam que muitas vezes permanecem na empresa fora de seu horário de estágio, não por imposição, mas por vontade própria. Dedicam-se, comprometem-se, querem participar de tudo, uma escolha que eles mesmos questionam.

A prioridade é o trabalho por isso que a faculdade mesmo tá, estendi mais um período e tal, sempre que tem alguma coisa do trabalho e só faculdade, eu deixo de fazer qualquer coisa (pausa) Não sei se é o certo, mas é o que eu to fazendo [...] mas, dá pra conciliar assim, vai mais devagar, a faculdade vai mais devagar, a faculdade anda mais devagar, mas o trabalho, dá pra ir, dá pra levar os dois (H1).

[...] eu normalmente até acabo chegando antes porque eu quero ver outras coisas, participar da reunião, fazer não sei o quê. Então, eu acho que isso, é, eu acho que isso, realmente eu fico muito cansada mas foi uma escolha minha pra poder participar de tudo, eu acho que esse último ano é um ano que realmente você tem que pensar mais no trabalho do que na faculdade mas eu não posso me prejudicar na faculdade eu acabei conseguindo no final eu vi que eu que eu tenho que, que eu não posso deixar de ir ou porque as vezes eu ficava cansada eu deixava de ir, eu tenho que focar mais na faculdade que eu sou maior caxias e assim (risos) eu não fui tão bem quanto eu fui nos outros períodos, mas eu tento. Mas esse período eu tô tentando me policiar mais, chegar na minha hora sair, até as pessoas viram mesmo: tchau, você tá no seu horário, vai embora. [E eu digo:] não porque eu tô fazendo só um negocinho aqui, eu já to acabando (M2).

[...] nunca exigiram de mim que eu ficasse mais, muitas vezes eu ficava, mas era por interesse próprio assim de compromisso mesmo. Mas minha empresa assim, se eu precisasse ir embora mesmo que fosse horário de estágio sempre foi extremamente tranquila comigo, eu podia repor, se fosse necessário, eu botava, eu conseguia repor as horas no outro dia [...] (H2).

As rotinas são preenchidas com diversas atividades, além dos estágios e da faculdade, fazem vários cursos, buscando dar conta do que acreditam ser valorizado pelo mercado. O excesso de atividades faz com que muitas vezes não “tenham fim de semana” o que, no entanto, não parece aborrecê-los. Essa correria é vista como natural, eles “gostam do que

fazem”, acreditam que precisam ser responsáveis, organizados e dinâmicos. Apesar de relatarem o cansaço que essa rotina por vezes causa, procuram não “levar” isso para o trabalho, é algo com o qual lidam sozinhos, como afirma uma das entrevistadas: “Só que eu não levo isso pro trabalho, eu é que fico cansada mesmo [...]” (M4).

Eu tinha que entregar hoje minha monografia, sábado eu não tinha nem uma palavra da minha monografia escrita. fiquei sábado e domingo inteiro em função disso, mas, tudo bem, sabe? Pelo menos eu tô fazendo o que eu gosto, eu tô fazendo duas faculdades, meu estágio que é maravilhoso, então não tem problema eu perder meus finais de semana com isso (M2).

Mas assim, eu ainda tenho faço inglês de manhã então fica bem puxado meu horário mesmo, mas, eu acho que a gente se organizar, pra mim é mais fácil estudar quando eu tenho o dia inteiro cheio do que quando eu não tenho nada pra fazer, porque aí eu sei que eu não vou ter horário pra estudar então eu tenho que me programar, dentro do final de semana, tento pegar uma hora do dia, estudo no hora do almoço eu dou um jeito, né (M1).

Assim, o trabalho e a vida acadêmica parecem, na visão dos pesquisados constituir dois mundos diferentes. Mesmo conferindo importância aos estudos de graduação como possibilidade de ampliação de conhecimentos e construção de maior capacidade crítica, carregam a idéia de que estes são insuficientes diante das exigências que encontram no mercado de trabalho.

Esse abismo se referiria a uma necessidade de um aprendizado de base mais prática, voltado para determinadas técnicas, do “saber-fazer”. A atualidade é, afinal, como pontua Lipovetsky (2004) fanática pela técnica e pelo pragmatismo e o mundo do trabalho parece ser um local no qual essa característica se coloca de maneira mais proeminente.

Além disso, o aprendizado de competências não propriamente cognitivas, que podem ser pensadas em termos do “saber-ser” e do “saber-parecer”, citados anteriormente, aparecem no discurso dos entrevistados como outros conhecimentos que sentem falta dentro do espaço acadêmico.

De qualquer forma, no atual momento em que se encontram, faltando pouco para completarem a graduação, preferem dar ênfase à formação prática, deixando os estudos um pouco de lado, mostrando, de certa forma, responderem às exigências do mercado de trabalho.

Na realidade, não há no discurso dos jovens uma posição precisa quanto ao papel da graduação em sua formação profissional, e sim uma certa confusão. Seus discursos flutuam e parecem carregar a dúvida de qual seria realmente o papel da universidade: formar para o mercado de trabalho ou, o que notam possuir, formar base teórica e ampliar a capacidade crítica.

### **A entrada na vida adulta: a cabeça**

Os entrevistados em sua maioria moram com seus pais, mantendo, portanto, uma relação de dependência financeira em relação a eles. Apenas um deles mora sozinho, pois os pais são de fora da cidade do Rio de Janeiro. É interessante notar que a entrada na vida adulta é atrelada a fatores subjetivos e internos, a construção de uma “cabeça”, ser adulto é ter cabeça de adulto, ser capaz de tomar decisões, ter responsabilidades, ter opiniões próprias.

[...] eu acho que eu tenho minha consciência, cabeça formada, eu tenho opiniões, eu consigo debater as pessoas sobre as minhas opiniões, então eu não abaxo a cabeça eee... se eu acho que alguma coisa tá errada eu luto pela minha opinião pelo que ta certo eu acho que o principal é isso (H2).

Acho que é a pessoa ter responsabilidade, eu acho que é o principal, eu acho que a partir daí, a pessoa tendo responsabilidade ela consegue desenvolver várias coisas [...] (H3).

Acho que é sua cabeça assim, eu acho que, além dessas coisas subjetivas do tipo, como você pensa sobre o mundo, assim, as besteiras que você faz, a responsabilidade que você tem, além disso eu acho que é as decisões que você vai tomando na vida [...] (M3).

As noções de infância, juventude, idade adulta e velhice, são conforme apontado por autores como Áries (1981) e Groppo (2000), concepções construídas social e culturalmente que, portanto, se constituem como representações simbólicas que em cada momento histórico apresentaram definições e funções diferenciadas.

Mas, conforme apontam Levi e Schmitt (1996), ao longo do processo histórico, no século XX, a juventude passou a se caracterizar por estar situada entre a dependência infantil e a autonomia adulta, sendo, portanto considerada como um momento de preparação para a

entrada no mundo adulto, que carregava consigo uma série de noções, entre elas a possibilidade de independência financeira e emocional.

Segundo Heller (1989), o processo de amadurecimento significaria que uma pessoa adquiriu uma série de habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana na sociedade em que vive, ou seja, os adultos seriam aqueles capazes de viver por si mesmo a sua cotidianidade, seriam aqueles que teriam aprendido não apenas os comportamentos necessários para viver em sociedade, como também seriam capazes de deixar o grupo familiar, adquirindo dessa maneira autonomia.

Dentro dessa perspectiva, os entrevistados não poderiam ser considerados necessariamente adultos, no entanto, acreditam estarem nessa etapa da vida. Tornar-se adulto ganha um novo significado em seu discurso: ser adulto é ter uma cabeça. A cabeça transforma-se em um símbolo de maturidade. Ter uma cabeça significa, para os jovens, possuir responsabilidades (não agir de maneira irresponsável), pensar por si próprios e tomar decisões.

É interessante notar, portanto, que dentro do cenário contemporâneo que muitas vezes dificulta a possibilidade dos jovens adquirirem autonomia, principalmente no sentido financeiro, as passagens pelas “etapas” da vida têm se tornando cada vez menos rígidas, transformando-se em verdadeiras posições, como pontuado por Ribeiro (2004). Essas posições poder-se-iam imbricar, desaparecer e até mesmo se repetir. Essa indefinição acaba por aparecer no discurso dos entrevistados como a criação de um novo significado para a etapa adulta: a “posição” da cabeça.

### **Futuro, sonhos e medos: o mosaico de possibilidades**

Os sentimentos com relação ao futuro surgem de forma paradoxal. O futuro é o lugar das projeções que os entrevistados fazem, coabitam receios, medos, mas ao mesmo tempo esperanças. Os maiores medos e preocupações se relacionam ao fato de conseguirem um lugar no mercado de trabalho, conseguirem um emprego. No entanto, nota-se que o medo refere-se não exatamente a não conseguirem um emprego mas sim, a conseguirem um emprego que os realize pessoal/profissionalmente, o receio se refere com o perigo de não conseguirem realizar o sonho.

[...] profissional é de não achar algo que eu goste, acho que é o medo maior assim, agora, hoje. É não conseguir. Aí com isso, é conseguir dinheiro, conseguir tudo que é consequência disso [...] acho que é a parte profissional mesmo (H3).

Assim, acho que empregado quem quer consegue assim [pausa] talvez não o que queria, o que queria, mas consegue assim um trabalhinho aqui ou outro mas conseguir se realizar mesmo acho que é o maior medo de todo mundo (H1).

Ah eu tenho, eu tenho medo de não, de não conseguir tudo que eu planejei porque eu planejo muito e tenho medo da formatura, porque você não é mais estudante, né? Você é uma formada, você tem que arranjar um emprego, você tem que trabalhar, fazer alguma coisa da vida e isso dá muito medo (M2).

Tenho dessa falta de espaço mesmo e de, o medo é de não conseguir realizar o sonho, de talvez morar fora ou conseguir ter uma oportunidade lá fora ou conseguir me adaptar mesmo né? Que às vezes não dá, tipo não dá pra se adaptar ou lá fora (M3).

O medo está ligado a um sentimento de que, mesmo que se dediquem e gostem do que fazem, possam se frustrar futuramente, não atingindo a realização que esperam conseguir através do trabalho, de não obterem o reconhecimento e, principalmente de ficarem “estagnados”, parados, sem a possibilidade de fazerem coisas novas.

[...] tá todo mundo desesperado, porque realmente o mercado é muito ruim, as pessoas mesmo que amem a profissão tão desestimuladas porque ganham muito mal e eu sinto que essas pessoas ficam meio sem um rumo, sem aquele objetivo porque vão ficar naquilo eternamente [...] (M1).

[...] então isso me dá um pouco de receio assim, em termos assim de futuro, se eu olhar pra frente e falar, se eu olhar assim, olhar pro lado não é nem pra frente você olha pro lado e você fala, poxa essa pessoa tá aqui fazendo a mesma coisa que eu e ela tem mestrado, ela tá há dez anos aqui, sabe (M3)?

[...] acho que todo mundo tá se formando, acho que é uma crise de identidade de todo mundo [...] mas eu vejo que assim em relação ao trabalho as pessoas ficam muito preocupadas com as escolhas que elas fazem, eu vejo, eu converso muito com as pessoas que falam: pô eu fiquei tanto tempo trabalhando com isso e se eu quiser mudar agora sabe [...] como é que vai ser (M4)?

Apesar dos medos, receios e de perceberem as dificuldades do mercado de trabalho, há a esperança de que para eles haverá sempre um lugar, idéia sustentada pela crença em suas próprias capacidades, em seu potencial e talento que unidos à força de vontade, garantiriam um espaço no mercado. O futuro é percebido como o tempo de realização das aspirações individuais conseguidas através de investimento, dedicação e comprometimento. A noção de que o futuro depende de cada um, dessa forma, perpassa todo o discurso dos entrevistados.

[...] mas hoje assim, eu não tenho medo dessas coisas, eu acho que eu tenho competência, que eu tenho capacidade e que eu não [...] a menor chance de eu ficar, óbvio a pessoa pode ficar desempregada um tempo, acontece com todo mundo, com os melhores acontece, mas assim que eu tenho a capacidade de conseguir tudo o que eu quero, se eu quiser uma coisa, se eu botar na cabeça, não é botar na cabeça, e ficar parada esperando cair do céu, mas se eu lutar, se eu fizer as coisas direcionada pra isso eu acho que eu consigo as coisas que eu quero, realizar meu sonho (M2).

[...] mas eu não sou uma pessoa pessimista não eu acredito no meu potencial, [...] eu acho que assim tudo que eu quis eu batalhei, eu consegui e ... tenho certeza que vai continuar assim, éeeee, quer dizer tenho certeza não, mas é um sonho e... eu acho que ta tudo correndo certo então, o mercado ta ruim mas eu acho que tem espaço pra mim (H2).

Paradoxalmente, o futuro para eles é visto como um campo aberto de inúmeras possibilidades, que podem surgir a qualquer momento, devem, portanto, manter-se sempre abertos a elas.

[...] então o futuro de trabalho acho que seria isso, as possibilidades, as portas porque hoje em dia se tem muitas portas, apesar do desemprego assim, como as pessoas não estão presas assim no seu ambiente, na sua cidade, no seu núcleo de amigos, têm a cabeça mais aberta, acho que todo mundo conversa assim [...] ah pô queria fazer e tal um programa de mestrado fora do país [...] o futuro disso as pessoas falam muito (M3).

[...] assim correr atrás de tudo que se puder, fazer cursos, ler, pesquisar, mandar, mandar, às vezes, portfólio para outros lugares, até pra saber como você tá, não que eu faça isso tudo não, tá? Mas pretendo fazer e [...] (H1).



Assim, como relatado por M1, para ter um bom futuro é importante manter a cabeça aberta, a mentalidade de que tudo pode acontecer, ou seja, estar sempre preparado para as mudanças e para o novo. Outra forma de pensar, relatada pela jovem, também é bastante interessante, a noção de que a felicidade e a realização são aspectos intrínsecos, revelando a ênfase da noção de indivíduo como portador de riqueza interior e responsável ele mesmo por conseguir realizar-se.

Essa cabeça, essa mentalidade de que tudo pode acontecer a qualquer momento, tem que ta preparada, de que a felicidade, a realização ta dentro de você (M1).

Apesar de afirmarem fazer planejamentos com relação ao futuro, esses planos configuram-se como sonhos e vontades, uma exploração das múltiplas possibilidades que enxergam e acreditam que o futuro pode oferecer. Nota-se que ao falar sobre os planos, os jovens utilizam as palavras “hoje”, “agora” e “momento” enfatizando o caráter de mutabilidade que estes podem sofrer e também salientando a importância do tempo presente, do momento em que vivem.

Meus planos pro futuro hoje, assim, como eu te falei tô numa fase meio de, não insegurança mas dúvida, do que fazer com meu futuro. Eu vejo dois caminhos [...] (H2).

Sempre fazendo planos, ah acabar minha faculdade, conseguir trabalhar. Meu plano hoje é me desenvolver aqui dentro, conseguir uma posição e aí um passo é o que eu sempre falo, um passo depois do outro, meus planos no momento são acabar a faculdade, conseguir entrar na empresa que eu tanto quero é e a partir daí, aí eu vou fazer meus novos sonhos [...] (M1).

A longo prazo, longo, longo não, primeiro, agora é arrumar um emprego [...] (H3).

Em seus sonhos e vontades com relação ao futuro, ao qual chamam de planos, aparece a necessidade de mobilidade, inclusive a possibilidade de viajar, esta surge quase que de forma “natural”, sair do estado, deixar o país, não importa muito para onde, o que importa é viajar, mover-se. E, mesmo quando consideram a possibilidade de permanecer

geograficamente no lugar onde estão, o movimento aparece em outros sentidos, um deles é a mudança de emprego e de empresa.

É, um deles seria morar fora. Fora do Brasil, talvez Estados Unidos, Europa. O principal acho que é esse [pausa] ou [...] ficando aqui, crescer né, na minha área. Que seria ou dentro da empresa é, aumentar o posto ou ir pra outras empresas (H1).

E aí eu acho que é uma oportunidade também, morar na China eu posso passar seis meses lá, eu pretendo muito viajar, eu adoro viajar, desde que eu fiz intercâmbio, eu passei um ano nos Estados Unidos, e eu achei assim o máximo, o máximo você aprender culturas diferentes, eu acho que você volta muito mais madura e muito mais qualificada e aí eu quero muito fazer mestrado no exterior (M2).

[...] eu acho que, que esse meu futuro profissional, a partir dele que eu vou desenvolver minha vida pessoal, entendeu, assim, como eu mesmo serei com meu futuro, eu acho que eu vou ter que me adequar um pouco, pra se Deus quiser conseguir alguma coisa aqui no Rio mas existe uma possibilidade de eu ir também pra São Paulo [...] (H2).

Dessa forma, encontram-se nas falas dos entrevistados, apenas planejamentos imediatos, de curto ou curtíssimo prazo, como terminar a faculdade e conseguir um trabalho após se formarem. Agem de maneira a responder às demandas mais urgentes a eles apresentadas. O longo prazo soa como algo estranho, quase impensável, percebem que as coisas mudam rápido demais para ser possível pensar em um tempo distante do “agora”, parece que ancorar-se no presente é uma alternativa mais “confortável”, talvez a única que percebam como possível dentro do contexto que vivenciam. As múltiplas possibilidades que enxergam no futuro tomam assim um contorno diferenciado, estando embutido em seus discursos um paradoxo: se por um lado, seu discurso carrega a idéia de que o futuro é resultado apenas da capacidade e do esforço individuais, por outro, revela que ele parece escapar de seu próprio controle: “tudo depende”. Essa pequena colocação carrega consigo a noção de que, na realidade, os caminhos sonhados para o futuro dependerão de outros fatores que não apenas deles mesmos. No entanto, esses fatores não são pelos jovens problematizados ou considerados como influenciando diretamente em suas vidas.

Ah eu não sei [risos] eu não sei se eu me imagino, não consigo me imaginar, é muito tempo, quinze anos. Eu já me imagino casada com, sei lá, um filho e, agora onde eu vou tá trabalhando, o que eu vou tá fazendo, eu não tenho noção, não sei se eu vou tá aqui, se eu vou tá no exterior, se eu ainda vou tá fazendo o meu mestrado, se eu já vou ter feito antes, sabe, eu não sei, tudo depende. Porque quinze anos é muito tempo, coisas mudam em dois anos, sabe? Ainda mais agora que minha vida tá pra mudar drasticamente porque eu vou me formar, não dá pra imaginar quinze anos [risos] (M2).

[...] mas assim, a longo prazo eu não tenho, eu tenho a curto prazo, sabe? Eu quero, carreira por exemplo, eu não quero parar, eu quero terminar a faculdade, sabe? Eu quero ficar aqui, absorver o máximo, eu quero outras coisas, eu quero olhar, então a longo eu não sei, não sei o que vai acontecer, a curto é isso o que eu quero, pensar planos assim mas não vislumbrando, sabe? Daqui a trinta anos eu quero estar, não, isso não existe [...] (M4).

Ih! [risos], isso é futuro a longo prazo, tenho que pensar agora [...] (H3).

A noção de futuro apresentada pelos entrevistados, desta maneira, carrega consigo a idéia de que este é um tempo não muito distante do presente. Aparece assim, em suas falas, a valorização do instante vivido, a noção de aproveitar o momento: pode-se pensar no futuro, mas o importante é aproveitar o agora.

[...] tem que tá sempre feliz com que você tem no momento, mas sempre planejando alguma coisa pro futuro (M2).

[...] então tipo assim, eu procuro, eu vejo o futuro, eu me planejo pra ele mas eu não deixo assim de aproveitar o presente não. (H2)

[...] eu penso no futuro. Eu planejo, mas, o importante é viver o presente também, né? Aproveitar o lugar que você tá [...] (M1)

A noção de longo prazo conforme aponta Bauman (2001) aparece dentro do cenário moderno como uma concha vazia de significados. Os discursos dos entrevistados parecem corroborar a afirmação do autor. Para eles, a idéia de longo prazo soa de maneira estranha, como algo difícil até mesmo de ser imaginado, diante das inúmeras e rápidas mudanças que percebem acontecer em seu redor.

Os planos que afirmam fazer para o futuro parecem na forma com que os sujeitos os colocam como grandes sonhos, cujo principal, no campo do trabalho é a realização profissional. É nesse sentido que o medo surge no discurso dos entrevistados, relacionado à

possibilidade de não conseguirem realizar esses sonhos, de não serem reconhecidos como esperam. Outro medo é o de ficarem estagnados ou não conseguirem fazer nada, o oposto da lógica do movimento na qual parecem inseridos.

Os entrevistados, no entanto, parecem não conceder tanta importância a esses medos, eles acabam por ficar embaçados diante do otimismo que demonstram, sustentado pela já citada, crença em si mesmos, em seus potenciais e talentos. Surge ainda no discurso dos jovens a idéia de que se quiserem muito, e correrem atrás do que querem, são capazes de conseguir, apesar de todas as dificuldades que o mercado de trabalho apresenta.

Mas é o curto prazo que parece ser a temporalidade na qual os entrevistados apresentam algum conforto de atuação e até mesmo de planejamento. O curto prazo, como pontuado por Sennett (2001) e Bauman (2001), ganha lugar de destaque para esses sujeitos. O campo de ação desses jovens se sustenta nessa noção, seus planos na verdade se referem a ações mais imediatas para questões que vão surgindo em sua vida. Assim, estando perto do período de formatura, seus planos se configuram em conseguir uma colocação no mercado de trabalho como profissionais.

Portanto os jovens parecem atuar dentro de um “presente estendido” conforme proposto por Leccardi (2005) ou, como prefiro chamar um “futuro encurtado”. Assim, apesar de durante as entrevistas, ser feita a referência a apenas um futuro, parece haver no discurso dos jovens a referência a dois futuros distintos: o futuro ligado ao longo prazo e o “futuro encurtado”, ligado ao curto ou ao curtíssimo prazo.

O primeiro se refere ao campo dos sonhos e desejos, das múltiplas oportunidades que os entrevistados enxergam, mas que não é integrado a estratégias de ação específicas para o seu alcance. Já o segundo é o campo no qual eles realmente atuam buscando conseguir pequenos objetivos imediatos.

O projeto de vida tal como pontuado por Velho (1999) carrega a noção de que a sua construção sempre é referida a um determinado contexto cultural, social e econômico no qual cada sujeito está inserido. O projeto de vida assim representaria a possibilidade de projetar um futuro desejado e elaborar maneiras de atingi-lo, carregando a noção da trajetória de vida como uma possibilidade de atualização dos potenciais individuais.

Assim, em um primeiro momento, a forma de atuação que os entrevistados revelam possuir, poderia levar à noção de que seus projetos relacionam-se a ações voltadas para o curto ou curtíssimo prazo. No entanto, partindo da definição de projeto, tal como Velho (1999) conceitua, e dos próprios discursos dos entrevistados percebe-se a existência de projetos de vida baseados no futuro que se constituem, na verdade, como um mosaico de

possibilidades. São, portanto múltiplos projetos caracterizados pela mutabilidade (podem ser alterados de acordo com as oportunidades que surgirem) e possuem uma estratégia de ação principal: ninguém pode ficar parado.

O nomadismo é fortemente vinculado a esses projetos de vida, a possibilidade de viajar, de mudar de emprego, de alterar atividades etc. A idéia de manter as portas abertas também se faz presente enquanto meio para não perder as oportunidades que aparecerem. São assim projetos que parecem adaptar-se ao contexto líquido atual conforme caracterizado por Bauman (2001).

### **Falas, gestos e palavras: o código do mercado**

Ao longo das entrevistas pôde-se perceber a prevalência de formas de expressão adotadas pelos jovens não apenas através das palavras, terminologias e gírias utilizadas, mas também e, principalmente, pelas maneiras de falar e expressar idéias. São signos por eles apresentados – sinais verbais e não verbais – que unidos parecem formar um código. Ao qual denominei código do mercado.

O primeiro deles se refere ao ritmo acelerado empregado nas falas dos entrevistados, recorrente durante as entrevistas, que é acompanhado pelo esquecimento das perguntas feitas e a perda do fio condutor do próprio raciocínio.

[...] não é tão difícil, mas, você, as pessoas tão sem foco, às vezes tão aceitando qualquer coisa porque aparece na televisão um outro estágio numa outra empresa, mas mesmo que não queira: “eu vou entrar, porque o mais difícil é entrar”, né? Eu vou entrar depois lá dentro eu me coloco, então, me perdi [...] Totalmente [risos]... o que você perguntou (M1)?

O que eu considero mais fácil ou difícil? Hum, não sei, sinceramente agora na minha cabeça não vem nada, na parte de que mesmo (H3)?

Que também se tiver mal na vida pessoal, o trabalho ajuda, porque você distrai, é uma coisa que você gosta, mas também, é complicado. Também tem que tá bem na vida pessoal, eu acho que é uma coisa como eu te falei, uma coisa ajuda na outra, se eu tô bem no trabalho é porque eu tô muito melhor na vida pessoal. Mas... [risos] volta a pergunta aí porque eu me perdi [risos] (M4).

Uma das entrevistadas nota a aceleração que ela própria emprega na fala, assim como as mudanças constantes de temas e questiona com a finalidade de saber se está sendo compreendida.

Aí a única coisa que eu sinto dificuldade que é o lado bom, porque ao mesmo tempo foi quando eu fui criando autonomia. Foi quando eu fui criando responsabilidade que as pessoas começaram a reconhecer o meu trabalho, porque eu tava sozinha fazendo... porque... eu tô falando rápido? Assim, as idéias estão emboladas? Não? (M3)

O entusiasmo na fala e a tentativa de manter um clima de leveza no que estava sendo dito também fazem parte dessa forma de se expressar utilizada pelos entrevistados. Mesmo quando relatam experiências, sentimentos e vivências não muito agradáveis, como os ligados às angústias e aos medos sentidos por eles próprios ou por pessoas com quem convivem, o tom de brincadeira era mantido, geralmente acompanhado por muitas risadas. Os risos acompanham quase todas as colocações dos entrevistados.

Com os amigos falando de futuro é isso assim, essa preocupação. Com os pais é mais uma visão mais otimista assim, deles, né? E aí, acho que, minha também assim com eles, meio que pra [risos] pra sossegar eles também, sempre tô querendo ressaltar o lado bom assim, o que tá acontecendo de bom, mas assim, quando tá ruim mesmo o que pega é ligar pra mãe [risos] (H1).

[...] qual vai ser meu futuro? Eu vou passar o resto da vida... eu não vou ter dinheiro pra criar.. ter minha vida, ter minha casa.. então a maior parte das minhas amigas realmente tá solteira ainda, então não teve essa. Até teve uma que já casou, mas não consegue ver uma coisa adiante, e isso cria realmente um medo, um receio que não vai ter um futuro, vai ser assim: “pra onde eu posso crescer?” E eu sinto esse desespero, não é medo não, já é desespero! [risos] (M1).

Acho que a estabilidade agora está melhorando um pouco, eu acho que o clima de desemprego tá diminuindo pelo menos um pouco, é o que eu tenho sentido assim. Agora dificuldades eu acho que muitas, né [risos] (H3) ?

O mercado de trabalho tá muito difícil [risos]. Ah! Eu acho. Me dá medo assim, eu vou me formar se eu não for contratada eu vou ter que correr atrás de trabalho [...] (M4)

O entusiasmo também se revela através do conteúdo das falas, no otimismo mesmo diante de um cenário que percebem difícil e na crença que possuem em si mesmos.

[...] a gente sempre foi muito otimista, né? Porque a gente acredita no nosso potencial. Pô! A gente estudou num ótimo colégio, estuda numa ótima faculdade, fez um estágio num excelente lugar, então assim tudo caminha pra ser tranquilo. Nossos medos são iguais, mas a gente acredita muito em nós mesmos... eu acredito muito em mim, então eu acho que é mais questão de tempo, de eu achar mesmo o que eu quero (H2).

A presença de termos na língua inglesa é recorrente na fala dos entrevistados, as palavras fazem parte do discurso, não havendo a preocupação com a explicação de seus significados, são expressões que parecem ter sido integradas ao seu cotidiano e que, portanto são “naturais”.

[...] tá com muito *plus*, para aquela área, sabe? Aí você acende uma luz pra poder alçar coisas maiores, alcançar coisas maiores, acho que é isso (M3).

Bom a gente recebe os *briefings*, né? Que a gente tem que fazer e os prazos (H1).

[...] foi essa experiência, esse *know how* que me deu de lidar com outras pessoas (H2).

Os entrevistados percebem a valorização que o mercado de trabalho concede à língua inglesa, falar com fluência o idioma pode, segundo eles, conferir uma posição de destaque ao profissional. É interessante notar que alguns entrevistados adotam uma posição um pouco questionadora com relação a essa importância, acreditando que muitas vezes o idioma é considerado mais relevante que a formação acadêmica de qualidade. No entanto, isso não faz com que eles próprios deixem de empregar termos da língua inglesa em seu vocabulário corrente, o que parece corroborar ainda mais a noção de naturalização desse idioma. Isso fica mais evidente quando o estudante H3 incorpora uma palavra em inglês no momento em que está realizando uma crítica a essa valorização.

É porque eu não tenho curso de inglês. Então o que eu tenho é mais básico. Então a pessoa, por exemplo, de uma faculdade que não é tão boa mas tem o inglês fluente é enxergada de uma outra maneira. Até porque a pessoa é... a pessoa que tá entrevistando não tem como medir o quanto ele aprendeu na faculdade ali naquele momento. Mas o inglês

tudo bem, ele consegue é ter um *feedback* ali na hora. Então ele consegue medir isso na hora. Enquanto assim, o ensino fica meio de lado, a formação acadêmica. (H3)



## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo estudar e discutir as maneiras pelas quais dentro do cenário atual, os jovens vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações apresentadas pelo trabalho. Nesse sentido, buscou-se em primeiro lugar o desenvolvimento de um referencial teórico-bibliográfico que permitisse a construção da base teórica e possibilitasse suscitar questionamentos utilizados para constituírem e serem levados à pesquisa de campo.

Como o assunto da dissertação versa sobre a temática da juventude, que se caracteriza por uma enorme variedade e multiplicidade, foi necessário definir em torno de que tipo de jovens o trabalho seguiria, já que os desafios colocados a eles, dentro do contexto atual, assumem diferentes colorações de acordo com sua condição cultural, econômica e social. Optou-se, assim, por realizar um recorte de classe, e, dentro dele um recorte de “universo”, trabalhando com jovens pertencentes às classes média e média alta que exercem função de estagiários em uma empresa nacional privada.

Da mesma forma, em função da grande amplitude dos temas relacionados ao trabalho procurou-se tratar as alterações que este vem sofrendo sob o ponto de vista das mudanças ocorridas nos processos produtivos, ao longo do final do século XX, com a passagem do modelo baseado no binômio taylorismo/fordismo para modelos mais flexíveis, que pensados enquanto verdadeiros sistemas de regulação social, econômica e subjetiva trazem diversas implicações e dificuldades para os jovens que procuram construir suas trajetórias profissionais na atualidade.

A pesquisa de campo produziu interessantes resultados sobre as formas de ser e de estar no mundo desses jovens, demonstrando as maneiras pelas quais eles vêm tentando construir narrativas e trajetórias de vida dentro do “líquido” e, muitas vezes paradoxal cenário contemporâneo.

É necessário ressaltar que por se ter utilizado uma amostra qualitativa e reduzida para realização da pesquisa, esta se refere a um grupo específico de jovens que possui características similares e, portanto, seus resultados não devem ser generalizados, mesmo que, em muitos aspectos, os discursos dos jovens entrevistados tivessem apresentado alta confluência com as análises teóricas realizadas, por outros autores, em outros contextos. Além disso, a análise qualitativa feita a partir do campo se configura, de uma forma ou de outra,

como uma maneira do pesquisador interpretar o que a ele é apresentado, não devendo portanto ser considerada como uma verdade absoluta, mas como um apanhado de observações e reflexões baseadas em um referencial teórico específico que procuram contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre o tema desenvolvido.

Outra questão importante a ressaltar, é que pelo envolvimento afetivo que possuo com o tema, devido à própria história de vida e as experiências profissionais, a tendência foi embutir um tom emotivo ao longo da realização da dissertação. Estando ciente disto, procurei manter certa estranheza com relação ao que verifiquei ao meu redor, o que exigiu constante policiamento, para que esse fato não prejudicasse principalmente o trabalho de campo e a análise dos dados obtidos. Sabendo que, no entanto, como afirma González Rey (2002) há durante a realização da pesquisa sempre algum envolvimento emocional tanto do pesquisador quanto do pesquisado e que é ilusório pensar a existência de um distanciamento possível que irá propiciar ao pesquisador uma isenção total de sua história enquanto sujeito.

A partir da análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo aliada a fundamentação teórico-bibliográfica desenvolvida ao longo da dissertação, pôde-se perceber a importância que o trabalho possui na construção subjetiva desses jovens. O trabalho parece se constituir como um importante valor, e como fundamental instância para a sua constituição enquanto sujeitos, no sentido de ser um meio de realização dos sonhos e desejos pessoais. A pouca ênfase concedida ao trabalho como meio que possibilita retorno financeiro pode encontrar sustentação no fato desses jovens pertencerem a um contexto social, cultural e econômico, no qual não precisam preocupar-se imediatamente com formas de subsistência. As noções de trabalho como fonte de prazer e realização pessoal parecem também estar ligadas aos valores de classe na qual estão inseridos os jovens pesquisados.

Apesar do trabalho poder se constituir como um meio de transformação do contexto em que se vive, para esses jovens ele se coloca apenas como uma possibilidade de realização de desejos de caráter meramente individual. Mesmo tendo falado sobre o difícil cenário em que se encontram, principalmente em termos da violência com a qual convivem, não se consideram como possíveis agentes de mudança. A realidade aparece como um dado, um fato, sobre o qual não cabe a eles interferirem, restando apenas, portanto, a ela se adaptarem. Nesse sentido, os projetos de vida construídos pelos jovens, apontando para a mesma direção, são projetos também de natureza individual.

Como a noção de projeto de vida, pensada nesse trabalho através das concepções de Velho (1999), constitui-se a partir das possibilidades oferecidas aos sujeitos em contextos culturais, sociais e econômicos específicos, a forma de configuração do contemporâneo

parece “empurrar” os jovens cada vez mais em direção da construção de projetos aos quais os interesses coletivos não são integrados.

Dessa maneira, os projetos de vida apresentados pelos jovens pesquisados carregam em si muitas características inerentes ao contexto contemporâneo e às próprias maneiras como o trabalho se configura, parecendo quase como um retrato destes. Ou seja, são permeados pelas idéias de flexibilidade, mudança, aceleração, movimento constante, abertura ao novo, entre outras características apresentadas ao longo da dissertação conforme destacadas por autores como Bauman (2001) e Lipovetsky (2004).

As trajetórias e narrativas de vida desses jovens, dessa maneira, parecem se constituir como um caminho de múltiplas e diferenciadas possibilidades, permitido pelo seu contexto sócio-econômico, que vai sendo construído como um mosaico ao qual cada experiência como uma peça, é pouco a pouco inserida.

Cabe aos próprios jovens, portanto, a tarefa de ligar essas peças de maneira que elas possam ao final formar uma figura. Ou seja, a tarefa de construir sentidos para a ampla gama de experiências que vão sendo vividas, assim como as ligações entre elas e as suas expectativas para o futuro, é de responsabilidade apenas dos próprios jovens. E o contexto atual coloca diante dos jovens, muitas vezes, peças que dão a impressão de não poderem ser encaixadas.

Dessa maneira, o projeto de vida, para esses jovens não se configura como único, mas como sendo formado por múltiplos e variados projetos caracterizados pela mutabilidade, sendo assim, vão sendo mudados de acordo com as possibilidades e oportunidades a eles apresentadas. Seus projetos são guiados, no entanto, por uma certeza: ninguém pode ficar parado. É o movimento em sua ampla gama de significados e em todos os sentidos e direções que conduz a estratégia para conseguirem realizar seus sonhos, vigorando a lógica do “cada um por si”.

A crença nas próprias capacidades e a dedicação que empregam em seu desenvolvimento profissional por um lado e as dificuldades do mercado de trabalho – a alta competitividade, a exigência de ampla qualificação e a escassez de emprego – por outro, conduzem esses jovens a flutuarem entre esperanças e medos. Apesar de acreditarem que o futuro e o sucesso profissional dependem do esforço e do talento de cada um individualmente – estaria assim em “suas mãos” – seus projetos denotam o quanto suas próprias escolhas dependem de fatores externos, de como as possibilidades serão a eles apresentadas.

A idéia de que o futuro depende de cada um individualmente, não é questionada por esses jovens, está arraigada em seu discurso constituindo quase uma verdade universal

inerente ao mundo em que vivem. É, portanto, a própria ideologia neoliberal e suas lógicas baseadas na competitividade e na colocação do indivíduo como o mais importante elemento dentro da sociedade que parece sustentar suas crenças, sentimentos, ações e integrar-se na constituição de seus projetos de vida.

As características inerentes ao atual cenário do trabalho parecem marcar fortemente a constituição subjetiva desses jovens, trazendo à tona formas de se relacionar, de se portar e de falar ligadas às práticas e aos discursos organizacionais em vigor.

Assim, as trajetórias de vida dos jovens pesquisados vêm sendo construídas, dentro de um cenário que apresenta diversos desafios, de maneiras cada vez mais nômades e individualizadas. Parece, portanto que estes jovens encontram-se mais na tentativa de se adaptarem ao contexto “dado” do que a pensarem em maneiras de nele atuar para alterá-lo. Já que essa possibilidade é colocada diante deles, se a realidade a qual vivem não agrada, é mais fácil trocar de realidade: mover-se, viajar, mudar. No entanto, esses jovens não são irresponsáveis e pouco comprometidos, pelo contrário, são muito dedicados e responsáveis. Mas o seu compromisso é consigo mesmo e com aquilo que acreditam possibilitar a realização dos seus sonhos pessoais: estágios, trabalhos, cursos etc.

Por outro lado, é importante também considerar que as instâncias políticas e sociais cada vez menos protetoras e o contexto no qual nos encontramos, muitas vezes, parecem facilitar e contribuir para a emergência de formas de ser e estar no mundo mais individualizadas e menos comprometidas com o social.

Dessa maneira, o conhecimento sobre as formas pelas quais os jovens têm construído seus projetos de vida a partir das transformações observadas no mundo do trabalho revela-se de extrema relevância tanto acadêmica quanto social para o enriquecimento do estudo dos processos de construção e produção da subjetividade no contemporâneo, já que ainda há carência de estudos na área voltados aos jovens, até por se tratar de uma “categoria” múltipla e variada.

Este trabalho, que como toda a pesquisa possui limitações tanto teóricas quanto metodológicas, procurou contribuir nesse sentido, para o enriquecimento dos estudos sobre a juventude e assim sobre os processos de subjetivação que emergem no contemporâneo.

No entanto, os resultados da pesquisa antes de se oferecerem como respostas aos questionamentos que impulsionaram a realização da dissertação e a permearam ao longo de todo o desenvolvimento, acabaram por trazer tantas outras dúvidas. O material levantado abriu uma enorme variedade e desdobramentos de assuntos que não puderam ser abordados,

mas que se revelam de extrema importância para o estudo da constituição subjetiva dos jovens a partir do trabalho.

Assim, acabou por gerar a necessidade e a vontade de dar prosseguimento à pesquisa ao longo do doutorado, estendendo tanto o referencial teórico-bibliográfico sobre a temática, como também a pesquisa de campo. Particularmente, o trabalho empírico precisa ser ampliado não apenas dentro do contexto socioeconômico ao qual pertencem os jovens pesquisados na dissertação, como também inserir outros pertencentes a contextos diferenciados com a finalidade de obter comparações entre as experiências e as vivências de jovens pertencentes a distintas realidades e classes sociais. Buscando-se assim, construir uma análise mais ampla – mesmo sabendo de antemão que ao seu término outras dúvidas surgirão – que possa contribuir para a construção de conhecimento e também para a reflexão sobre os caminhos possíveis para a juventude no Brasil.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, W. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. et al. (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.129-140.

AIRES, B. Retrato de uma juventude desconfiada. **Folha Dirigida**, 21 set. 2006.

ALMEIDA, M. I. M. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALVES, C. Jovens esbarram em exigências. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 25 mar. 2007.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 6 ed. São Paulo: Cortez: UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2 ed. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. A era da informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 15-26.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1981.

ATHAYDE, M. Psicologia e trabalho: que relações? In: MANCEBO & JACÓ-VILELA (org.) **Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.197-221

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa Edições, 1994.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- BOCK, A. M. B. & LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRUCKNER, P. **A euforia perpétua: ensaios sobre o dever de felicidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- BUARQUE DE HOLANDA, A. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Versão 5.0 em CD-ROM, Positivo Informática.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTRO, L. R. de & CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: Castro, L. R. de & Correa, J. (org.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau Editora: FAPERJ, 2005. p. 9-16.
- COLEMAN, J. C. **Distúrbios psicológicos e a vida contemporânea**. São Paulo: Editora Pioneira, 1993.
- CUNHA, L. sexo, mentiras & crime. **Revista Isto É Dinheiro**. 01 fev 2006. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoedinheiro/437/economia/sexo\\_mentiras\\_crime.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/437/economia/sexo_mentiras_crime.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2006.
- DEJOURS, C. **O fator humano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção*. São Paulo, v. 14, n. 3, 2004. Disponível em :<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 nov. 2006.
- \_\_\_\_\_. **A banalização da injustiça social**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- DI NALLO, E. **Metting Points: soluções de marketing para uma sociedade complexa**. São Paulo: Marcos Cobra, 1999.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. Introdução: juventude para além dos mitos. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (Org.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9-16.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

- GASKELL, G. Entrevistas individuais e Grupais. In: BAUER, M. & GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.
- GAUTHIER, M. A participação dos jovens na vida cívica. In: Castro, L. R. de & Correa, J. (org.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau Editora: FAPERJ, 2005. p. 57-75.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1991.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.244-270.
- GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- GONCALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, nov. 2005, vol.17, n.2, p. 207-219.
- GONÇALVES, M. da C. M. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. et al. (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.113-128
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUIMARÃES, N. A., Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, Helena W. & BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 3 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989.
- KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.
- LACROIX, M. **O culto da emoção**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo social*, São Paulo, nov. 2005, vol.17, no.2, p.35-57.
- LEVI, G & SCHIMTT, J. C. **História dos jovens 1: da antiguidade à Era Moderna**. Companhia das Letras, 1996
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.



\_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MANCEBO, D. Modernidade e produção de subjetividades: Breve percurso histórico. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 100-111, 2002.

\_\_\_\_\_. Indivíduo e psicologia: gênese e desenvolvimento atuais. In: MANCEBO, D. ; JACÓ-VILELA, A.M. (Orgs.) **Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.35-48.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e comunicação.** São Paulo: Cortez Editora, 1992.

MÉSZARÓS, I. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2006. p. 27- 44.

MINAYO M. C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

MTV BRASIL, WILMA & ROCCA ASSOCIADOS E DATAFOLHA. **Dossiê Universo Jovem 3**, 2005.

NAVARRO, V. L e PADILHA, V., Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, Edição Especial 1, 2007, p. 14-20.

NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO M. C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

ORGANISTA, J. H. C. **O debate sobre a centralidade do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ORLANDI, E.P. **Discurso e leitura.** 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 7 ed. São Paulo: Pontes, 2007.

ORTEGA, Francisco. Amizade em tempos sombrios. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E.(Org.) **Mulheres de palavra.** São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 21-32.

PAIS, J. M. As múltiplas caras da cidadania. In: Castro, L. R. de & Correa, J. (org.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais.** Rio de Janeiro: Nau Editora: FAPERJ, 2005. p. 107-261.

- POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.
- \_\_\_\_\_. Desempregados no Brasil. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 59-76.
- VASAPOLLO, L. O trabalho atípico e a precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 45-58.
- POLANYI, K. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.
- RIBES PEREIRA, R et. al. Ladrões de sonhos e sabonetes: sobre os modos de subjetivação da infância na cultura de consumo. In SOUZA, S. J. (Org.) **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 99-116.
- SALLAS, A. L. F. Juventude trabalho e perspectivas de futuro: o caso de Curitiba. In: FRAGA, P. C. P. & IULIANELLI, J. A. S. (Org.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 237-261.
- SANDRINI, J. Desemprego entre os jovens atinge 32%. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 14 ago. 2006.
- SANTOS, F D. **O que é pós-moderno?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e cultura na Argentina**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOUZA LEHMANN, L. M. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In CASTRO, L. R. (Org.). **Infância e adolescência na cultura de consumo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998. p. 125-140.
- TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1973.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1999.

## Filmes:

O CORTE. Direção de Costa-Gavras. *Roteiro*: Costa-Gavras e Jean-Claude Grumberg, baseado em livro de Donald E. Westlake. *Produção*: Michèle Ray-Gavras. França, 2005. Distribuição: FlashStar. (122 min.): DVD, son., color. Legendas. Port e Ing.

O QUE VOCÊ FARIA? Direção de Marcelo Piñeyro. Roteiro: Jordi Galcerán, Mateo Gil e Marcelo Piñeyro. Produção: Ricardo García Arrojo, Gerardo Herrero e Francisco Ramos. Argentina, 2005. Distribuição: Art Films. (115 min.): DVD, son., color. Legendas Port. e Esp.

## Anexo

### Roteiro da entrevista individual

1. Fale-me um pouco sobre você
2. O que levou você a fazer esse estágio?
3. Você já teve alguma experiência profissional antes desta? Como foi?
4. Como foi a entrada na atual função?
5. O que você faz no seu cotidiano de estágio/trabalho? Como é seu dia-a-dia dentro da firma?
6. Como é a sua relação com as pessoas com quem trabalha?
7. Você gosta do seu estágio? Quais são os pontos positivos e negativos que você enxerga nele?
8. Quais as maiores dificuldades que você acredita viver no seu cotidiano de trabalho?
9. Como faz para conciliar seus estudos com o seu estágio?
10. Qual o papel da sua formação acadêmica para o seu estágio? E para a sua profissão?
11. Qual o papel do seu estágio para a profissão que almeja?
12. O que você espera de um trabalho?
13. O que você acha que o trabalho representa para a vida das pessoas? E para a sua?
14. Como você enxerga o atual mercado de trabalho? O que considera mais fácil e mais difícil?
15. Houve alguma mudança na visão que você tinha do mercado antes de começar a estagiar/trabalhar e depois que ingressou no mercado? Qual foi?
16. Você acha que existem diferenças entre o mercado de trabalho do tempo dos seus pais e o mercado do seu tempo? Quais são elas?
17. Qual o significado da palavra carreira para você?
18. O que você considera sucesso profissional?
19. O que considera necessário para atingir o sucesso profissional?
20. Você se considera adulto? Por quê?
21. O que é “ser adulto”? O que é necessário para ingressar nessa fase da vida?
22. Você costuma fazer planos para o futuro? Quais são eles?
23. Você tem algum medo ou receio em relação ao futuro? Qual é?
24. Você acha que o seu grupo de amigos tem algum medo ou receio com relação ao futuro? Quais são eles?

25. Você costuma conversar com seus amigos sobre o futuro? E com os seus pais? Como são essas conversas?
26. Para você o que é ter um bom futuro?
27. O que pode você acha que pode garantir esse futuro?
28. Como você se imagina daqui há uns quinze ou vinte anos?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)